

Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”

Ser LGBTQIA+ no Jaraguá: gritos e sussurros

Victor Pessoa de Oliveira

Tese apresentada como Trabalho
de Conclusão de Curso em
Licenciatura em Arte-Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Marianna
Francisca Martins Monteiro

São Paulo - SP

2022

Ser LGBTQIA+ no Jaraguá: gritos e sussurros.

Victor Pessoa de Oliveira

Orientadora: Profa. Dra.
Marianna Francisca Martins
Monteiro

São Paulo - SP

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

O48s

Oliveira, Victor Pessoa de, 1997-

Ser LGBTQIA+ no Jaraguá : gritos e sussurros / Victor Pessoa de Oliveira. - São Paulo, 2022.
163 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marianna Francisca Martins Monteiro
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Arte e sociedade. 2. Pessoas LGBT. 3. Jaraguá (São Paulo, SP). 4. Sexo. 5. Identidade de gênero. I. Monteiro, Marianna Francisca Martins. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 306.76

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

VICTOR PESSOA DE OLIVEIRA

SER LGBTQIA+ NO JARAGUÁ:
gritos e sussuros.

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado a Universidade UNESP,
como parte das exigências para a
conclusão do curso de Licenciatura
em Arte-Teatro.

Trabalho aprovado em: 11/03/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Marianna Francisco Martins Monteiro
Instituto de Artes da UNESP - Orientadora

Prof^a. Dra Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes da UNESP

Prof^a. Dra. Luciana Regina Vieira Romano
Instituto de Artes da UNESP

Dedico esse trabalho para minha
criança viada, minha ancestral que
tanto tentou falar, viver e sorrir mas
encontrou obstáculos dolorosos
naquele momento. Hoje consigo te
ouvir, obrigado por continuar falando
e me guiando!

Agradeço à minha família que se transformou comigo em todo esse processo de entender e respeitar pelo que sou, sendo sempre minha base, minha força e meu horizonte ao olhar e planejar minha vida.

Agradeço à minha mãe Antônia por me ensinar e ser um exemplo vivo de amor ao próximo, de compaixão e de alegria. Suas risadas e leveza que moldaram meu jeito de ser e sentir o mundo, mãe, eu te amo ao infinito e além.

Agradeço ao meu pai Jeferson por sempre me motivar e acreditar em mim, às vezes mais do que até eu mesmo. Com ele aprendi a ser determinado, resiliente e sonhador, te amo demais e te agradeço por isso.

Agradeço ao meu irmão Matheus que, com seu jeitinho meio avoadado, sempre me ouviu, me entendeu e me amou com todas as minhas falhas, ignorâncias e erros. Ele sempre foi meu porto seguro, amo-o demais.

Agradeço ao meu irmão Adriano por sempre expressar um amor tão genuíno e puro em todos nossos encontros e conversas. Te amo, Ninho.

Agradeço aos meus amigos que entenderam e tiveram paciência com minhas ausências para a feitura deste presente trabalho.

Agradeço à minha orientadora Prof^a Dr^a Marianna Monteiro que sempre tentou encontrar maneiras de me ajudar e fazer acreditar que seria possível a feitura desse trabalho mesmo com todas as adversidades do momento em que estamos vivendo.

Agradeço a todas, a todos e a todes meus ancestrais LGBTQIA+ que lutaram bravamente para que eu possa estar hoje em uma universidade falando sobre nós e pautando nossas existências.

RESUMO

O seguinte trabalho surge da minha vontade pessoal em conhecer e registrar a vivência de pessoas LGBTQIA+ moradoras do Jaraguá, bairro periférico na Zona Noroeste da cidade de São Paulo. Trazendo, a partir de um olhar sensível e crítico, algumas questões sobre parte desta comunidade que considero ser ainda pouco citada no meio acadêmico, mesmo sendo relevante para nosso fazer artístico e para nossa sociedade. Para contextualizar as discussões, início traçando uma breve história do movimento LGBTQIA+ no Brasil e uma breve história do citado bairro como preparação para discussão dos pontos a serem abordados no trabalho. Levando em consideração os dados e fatos expostos, discorro uma análise e levanto algumas reflexões a partir do objeto de estudo composto por seis entrevistas com pessoas LGBTQIA+ moradoras do bairro, sendo costuradas pela minha própria vivência. Investigo, assim, as aproximações e distanciamentos dessas pessoas em diversos temas como: Identidade, Sexualidade, Religião, Empregabilidade, Ser LGBTQIA+ no Jaraguá, dentre outros temas.

Palavras-chave: Comunidade LGBTQIA+; Jaraguá; História do movimento LGBTQIA+; Sexualidade; Gênero.

ABSTRACT

The following work arises from my personal desire to know and record the experience of LGBTQIA+ people living in Jaraguá, a peripheral neighborhood in the Northwest Zone of the city of São Paulo. Bringing, from a sensitive and critical point of view, some questions about part of this community that I consider to be still little mentioned in the academic environment, even though it is relevant to our artistic practice and to our society. In order to contextualize the discussions, I begin by tracing a brief history of the LGBTQIA+ movement in Brazil and a brief history of the Jaraguá neighborhood as a preparation for the discussion of questions to be addressed in the work. Taking into account the data and facts exposed, I conduct an analysis and raise some reflections from the object of study composed of six interviews with LGBTQIA+ people living in the neighborhood, being stitched by my own experience. Therefore, I investigate the approximations and distances of these people in various topics such as: Identity, Sexuality, Religion, Employability, Being LGBTQIA+ in Jaraguá, among other topics.

Key-words: LGBTQIA+ community; Jaraguá; History of the LGBTQIA+ movement; Sexuality; Gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ivaná é capa de revista na Manchete.

Figura 2. Carta de Waldirene aos advogados de defesa.

Figura 3. Casa de Afonso Sardinha.

Figura 4. Senzala da Casa de Afonso Sardinha.

Figura 5. Parede da Senzala da Casa de Afonso Sardinha.

Figura 6. Estação Taipas.

Figura 7. Cantareira Norte Shopping

Figura 8. Duda

Figura 9. Angel

Figura 10. Rafa Kaje

Figura 11. Luisa Rafacho

Figura 12. Carla Pinheiro

Figura 13. Vitor Munhoz

Figura 14. Victor Pessoa na infância

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Aumento Populacional em Pirituba e Jaraguá.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	11
CAPÍTULO PRIMEIRO	15
1. Um panorama histórico da luta LGBTQIA+: um primeiro sopro.	15
1.1 História do Movimento LGBTQIA+ no Brasil e seus atravessamentos.	18
1.1.2 As primeiras cirurgias de transexualização no Brasil.	24
1.1.3 Início do debate Brasil: políticas de luta contra a AIDS.	28
1.1.4 Figuras icônicas e datas a serem lembradas.	33
CAPÍTULO SEGUNDO	35
2.1 O bairro Jaraguá	35
CAPÍTULO TERCEIRO	42
3.1 Ser LGBTQIA+ e ser LGBTQIA+ no Jaraguá, muda algo?	42
3.2 Welcome to our ball, que comecem as apresentações.	44
3.3 Refletir para emancipar: Identidades.	47
3.4 Refletir para emancipar: Sexualidades.	52
3.4.1 Cinemão e Banheirão.	54
3.5 Refletir para emancipar: Religião.	56
3.6 Refletir para emancipar: Lapidações a serem feitas.	58
3.7 Refletir para emancipar: Empregabilidade	59
3.8 Refletir para emancipar: Ser LGBTQIA+ no Jaraguá.	64
CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS:	68
BIBLIOGRAFIA:	71
ANEXOS	73
5. Conversas transcritas.	73
5.1 Angel	73
5.2 Carla	75
5.3 Duda	100
5.4 Luisa Rafacho	120
5.5 Rafa Kaje	138
5.6 Vitor Munhoz	151

Ser LGBTQIA+ no Jaraguá: gritos e sussurros.

INTRODUÇÃO:

América Latina, 2021, Brasil: pandemia de assassinatos LGBTQIA+, pandemia de Covid-19, alta na taxa de desemprego, inflação descontrolada, Bolsonaro. Desobediência, insurgência, transgressão, coletividade, resistência: Jaraguá.

Início o texto traçando um panorama abstrato-poético com o objetivo de apresentar a quem lê, o universo em que surge o este Trabalho de Conclusão de Curso de uma Licenciatura em Arte-Teatro. E, ao mesmo tempo, mostrando parte do argumento para a escolha da temática e do objeto de estudo desta pesquisa acadêmica.

Os anos de 2020, 2021 e 2022 foram marcados por violências à população brasileira: corrupção, discurso anti-vacina em uma das mais severas pandemias contemporâneas, desemprego, alto número de mortes por Covid-19, altos preços dos alimentos, bem como, em alguns casos, escassez dos mesmos. Com isso, a falta de esperança e de perspectiva em uma melhora tomou toda a população, acompanhadas de uma devastação emocional pela quantidade de perdas de pessoas queridas pelo novo coronavírus.

Tudo isso, instigou-me a pensar que assim como estamos passando pela pandemia de um novo vírus de alta transmissão e letalidade, ainda mais desenfreada pela falta de políticas públicas, especialmente federais, também estamos enfrentando o aumento do discurso conservador. Este que tenta paulatinamente eliminar pessoas LGBTQIA+ ou qualquer outra existência que fuja do padrão fétido da “família tradicional brasileira”.

Imbuído por essa reflexão, penso então, como é ter um corpo que cruza

uma pandemia, tão letal quanto o Covid, desde o dia em que nasce até o dia em que se eterniza pelo simples motivo de não fazer parte de uma norma social hétera?

Para dar materialidade a esses questionamentos, decidi aumentar os pontos de vista acerca do assunto e ouvir outras pessoas para somar e me fazer pensar para além da minha vivência como homem gay branco; abrindo os horizontes e a escuta para outras vivências LGBTQIA+ do Jaraguá, o lugar onde cresci e sempre vivi.

Além de ser o meu local de morada, outro forte fator que me motivou a escolher esse como o objetivo deste trabalho de conclusão de curso foi a vontade de realizar um documentário cujo foco fosse a fala de pessoas periféricas e suas vivências em um dos bairros mais pobres de São Paulo, como um gesto para aumentar a pluralidade de registros das vozes LGBTQIA+.

A realização desse trabalho é, assim como diversos outros projetos revolucionários, abordada com outra perspectiva, deixando de tratar os dados como indicadores de um futuro lastimável à população LGBTQIA+, usando então, ao contrário do que se espera, como força motriz para uma revolução *queer*, bixa, afeminada, periférica, indígena, travesti e preta.

Atualmente, segundo o *Trans Murder Monitoring* (Observatório de Assassinatos Trans), o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo pelo 12º ano consecutivo e também um dos países que mais mata LGBTQIA+, chegando a uma morte a cada 23 horas segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB).

Dado esse triste fato, diferentes grupos contra-hegemônicos realizam diversas ações para nossa sociedade caminhar para um novo *modus operandi*, onde orientação afetivo-sexual, performance de gênero, raça e classe social não sejam fatores que delimitam expectativa de vida ou limite de plano de carreira.

Núcleos de estudos acadêmicos, coletivos de arte, influenciadores digitais e viventes desses grupos minorizados na sociedade cotidianamente tentam

frear esses avanços fascistas, uniformizantes, cisgeneirificantes e heteronormativos. Porém, dentro desse contexto, como falar de uma realidade perversa e assassina sem fazer com que, ao falar do que acontece, já criar um roteiro de prenúncio de morte e reafirmar uma possível fatalidade que nos espera?

Ainda que o debate sobre a comunidade LGBTQIA+ venha sendo pautado recentemente nas redes ou canais de comunicação, este vem com uma perspectiva de uma classe média (pessoas com mais acessos financeiros, educacionais e de empregatícios), por pessoas brancas e moradoras do centro de cidades grandes. Portanto, outras perspectivas sobre o assunto que não sejam do discurso dominante são de extrema importância, por exemplo o simples fato de morar no centro ou na periferia já faz com que as vivências dessas pessoas enquanto LGBTQIA+ mudem completamente.

Desta forma, vi então a importância do recorte em pessoas moradoras do Jaraguá, para acrescentar às questões de gênero, outros pontos que atravessam a existência de muitas pessoas dissidentes como: direito à cidade, classe social, a sexualidade e as relações com local¹ na periferia, incluindo seus desdobramentos na sexualidade periférica.

Para trazer a multiplicidade de narrativas de moradores e moradoras LGBTQIA+ no bairro, o trabalho foi embasado em referências vivas como: Rafa Kaje que é indígena não binária da aldeia Guarani existente próximo ao Pico do Jaraguá; Duda, pessoa agênero líder da Favela Jaraguá (localizada ao lado da estação Jaraguá da Linha 7 da CPTM); Angel, mulher trans, também moradora da Favela Jaraguá; Carla, mulher travestigênera; Vitor, pessoa não binária e; Luisa, mulher bissexual.

Ter na seleção para as entrevistas do trabalho, pessoas pretas, periféricas, travestigêneras, indígenas e não binárias é uma forma de também mostrar que mesmo dentro da perspectiva periférica, existem múltiplas histórias

¹ O nome local é utilizado no meio queer que corresponde se aquela pessoa tem ou não alguma casa, quarto isolado ou possibilidade de alguma forma de receber outrem para suas práticas sexuais.

a serem contadas. Ser LGBTQIA+ significa diversidade e semelhança, e não unidade e igualdade.

Portanto, este trabalho versará sobre: a história do movimento LGBTQIA+, com enfoque nos acontecimentos brasileiros; a história do bairro Jaraguá; reflexões e considerações sobre ser LGBTQIA+ no Jaraguá, usufruindo de entrevistas colhidas com pessoas moradoras do bairro e com distintas inserções na comunidade LGBTQIA+.

CAPÍTULO PRIMEIRO

1. Um panorama histórico da luta LGBTQIA+: um primeiro sopro.

Atualmente, temos uma abrangente sigla que tenta dar conta de toda a complexidade de existências e possibilidades da comunidade LGBTQIA+. Essa sigla, é uma tentativa de identificar e unificar um grupo, mesmo com todas as suas individualidades.

Representações Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneras, Queers, Intersexo, Assexuais e demais orientações sexuais e performances de gênero são concentradas para esse ensejo de uma unidade, respeitando as diversidades. Porém, o atual formato é fruto de diversas modificações ao longo do curso da história. Vejamos o que significa cada letra desse agrupamento conceitual sobre nossa comunidade:

Lésbicas são as mulheres que se sentem atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres. Gays são homens que se sentem atraídos afetivo e sexualmente por outros homens. Bissexuais são pessoas que se sentem atraídas por ambos os gêneros. Transexuais e Transgêneros são as pessoas que não se identificam com seus gêneros atribuídos no nascimento, portanto independente de cirurgias transexualizadoras, se sentem e perfomam seus gêneros de acordo com sua essência. Queer é uma palavra oriunda da língua inglesa, que significa estranho, peculiar, excêntrico, esquisito e, foi utilizada como maneira de ofender a população LGBTQIA+, que de alguma forma rompia com os padrões vigentes do que se espera de uma mulher ou de um homem na sociedade. O termo foi então apropriado e ressignificado pela comunidade como forma de empoderamento e superação de ofensas então já proferidas à todes LGBTQIA+. Hoje, a sigla representa as pessoas que não se identificam a partir da binariedade de gêneros. São as pessoas que se sentem realmente fora da heterocisnormatividade.

Já o “I” da sigla corresponde às pessoas Intersexo que antigamente eram chamadas de hemafroditas. O termo intersexo vem para nomear pessoas que possuem ambas características sexuais biológicas, o pênis e vagina. Pessoas assexuais são representadas pela letra A e não sentem atração sexual por nenhum gênero, ainda que possam ter relações afetivas. E por último, a implementação do símbolo “+” vem como forma de abarcar outras vivências e existências não presentes na sigla LGBTQIA, como pansexualidade, demissexualidade, gênero fluído ou dois rios, por exemplo.

Hoje, temos uma verdadeira “sopa de letrinhas” como diz Regina Facchini, inclusive utilizando a expressão para dar título ao seu livro sobre o tema. Expressa uma multiplicidade de agrupamentos identitários e configura hoje o movimento LGBTQIA+ que expressa a necessidade de reconhecer existências distintas, que são teorizadas e acima de tudo corporificadas, na luta constante pela sobrevivência e escrivência de nossa história.

Ao entrar para reflexão e conversa com os outros estudos já criados até aqui e nas considerações a serem feitas neste trabalho, proponho que pensemos a teoria de uma maneira mais porosa, maleável e mutável. Nós estamos em constante transformação física e mental, em vida e após ela, e, assim como nós, a teoria, não pode ser menos flexível. Afinal, as teorias são feitas por pessoas, em determinados meios e em determinados momentos da história, totalmente cheios de atravessamentos, encruzilhadas e magias e deve refletir tudo isso.

A história do meu povo LGBTQIA+ precisa ser vista como um expoente de vida também: incerta, resiliente, inacabada e mágica. Esse tipo de abordagem reconhece a potência dos diferentes saberes, das diferentes formulações filosóficas e pragmáticas. A teoria, assim, deixa de ser instrumento de poder e dominação, para ser instrumentos de empatia, de aumento de possibilidades na forma de entender e perceber o mundo, podendo assim agir sobre ele.

Ao pensarmos a teoria, ou seja, as formalizações e concretizações acerca das experiências, a partir de um olhar mais movediço, abrimos mão da necessidade dela ser pronta, completa e certa: é ela também errante, aprendiz, falha, incompleta e é nisso que a torna tão poderosa. Uma teoria incompleta contém muito mais do que uma estagnada e murada.

Afirmo que nossa teoria pode e deve ter uma ancestralidade distinta da branca, européia, masculina, hétero, cisgênera e católica. Podemos dar ouvidos às nossas subjetividades, nossas histórias que estão intrinsecamente ligadas às histórias dos que vieram antes de nós: nossa ancestralidade.

Emprestamos de Conceição Evaristo, o termo "escrevivência" para estabelecer teorias a partir de vivências e da reflexão sobre si. Escrever sobre si, refletir e formular, gerando uma teoria escreviente que não é ingênua e pode acontecer a partir do nosso estar no mundo, reconhecendo-o e intervindo.

Convido-vos então, com nossas condições postas à mesa, a uma breve viagem para conhecer uma história marcada por lutas, resistências, micro e macro revoluções. Se pensássemos na história do movimento LGBTQIA+ como uma tela, ela poderia ser imaginada de olhos fechados com múltiplos tons, cheiros, texturas, cores e sabores. Tendo sido transformada pouco a pouco por cada vida que passou e fez diferença pelo simples fato de ter existido, criando fricções em nossa sociedade.

Para chegarmos hoje a sermos ouvidos e de fato sermos vistos de forma humana, muita água correu. Passamos de hereges, a louques, a abjetos, a pragas disseminadoras de doenças, a mercado lucrativo na visão de certas empresas, a meros objetos de interesse para marketing empresarial em prol da diversidade, e seguindo no aguardo para os próximos capítulos. Mas um fato central a ser sempre lembrado é que em todas essas circunstâncias, das mais inóspitas às mais perversas, nos mantivemos de cabeça erguida abrindo caminho sempre aos que virão depois de nós, isso desde muitos anos atrás.

Dar voz e nomes aos nossos antepassados LGBTQIA+ é uma forma de continuarmos nesse constante processo de elaboração de quem somos, de

onde viemos e para onde vamos. Ao reafirmarmos nossa história, fazemos ecoar na eternidade tudo o que já caminhamos para alcançar os espaços que temos hoje, lembrando dessa maneira, como foram caros de serem acessados.

E, mesmo tendo sido um histórico de longos anos, forjado em cima de muito sangue, desmoralizações, lutas e revoltas, o interesse do grupo heteronormativo no apagamento dessas histórias é de ao verem demandas postas pelo grupo LGBTQIA+, dito minoria, pareça algo incoerente, infundado ou popularmente dizendo, um simples “*mimimi*”, e assim, impedindo e dificultando novas conquistas sociais importantes para os não-heteros.

Trazer nossa história e os episódios que a compuseram é fundamental para que não sejamos estagnados e estagnadas nos mesmos discursos e amarras sociais. Linn da Quebrada traz em sua música Oração de maneira poética a urgência de novos caminhos e existências para as gerações futuras:

Eu determino que termine aqui e agora
Eu determino que termine em mim, mas não acabe comigo
Determino que termine em nós e desate
E que amanhã, que amanhã possa ser diferente pra elas
Que tenham outros problemas e encontrem novas soluções
E que eu possa viver nelas, através delas e em suas memórias
(QUEBRADA. 2019)

Viver hoje assim como vivemos, defender as pautas às quais defendemos e guerrear pelos avanços pelos quais guerreamos é saudar as que já foram e agradecer o tanto de gente espetacular e forte que já construiu nossa história.

1.1 História do Movimento LGBTQIA+ no Brasil e seus atravessamentos.

O controle sobre os corpos, as sexualidades e as existências sempre foi algo muito delimitado pelas instituições religiosas, governamentais e financeiras, e, desde o início dos registros, temos as populações mais oprimidas como as principais responsáveis por revoluções e novos sonhos. Pensando no caso da história do Brasil não foi diferente.

A primeira potência a abrir caminhos para todes es LGBTQIA+ é datada da época de Brasil colônia, em meados de 1590: Xica Manicongo foi uma travesti com uma potência avassaladora por sua vida em uma época tão cerceadora para sua existência. Francisca foi uma pessoa vítima da escravização portuguesa, trazida do Congo e vendida a um sapateiro em Salvador. Temos hoje registro de sua existência graças à extensa pesquisa de Luiz Mott com o foco na perseguição aos chamados “sodomitas” no Brasil, a partir da documentação inquisitorial encontrada no arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal. E, além de sua pesquisa, a incessante busca do movimento para manter sempre vivas as memórias de quem construiu o chão da nossa existência, a qual temos de alicerce hoje para construir nossas histórias. Xica foi uma figura notável:

Manicongo era, originalmente, um título para governantes do Reino do Congo (Mwene Kongo, literalmente, Senhor do Congo), que foi transformado na corruptela que conhecemos pelos portugueses, para designar pessoas oriundas da região (Ou seria Xica uma rainha?). Coberta com um pano que prendia com o nó para frente, à moda dos quimbanda de sua Terra Natal, e apesar de sua condição desumanizada, imposta pelos homens brancos, os candangos, ela andava sobranceira por toda Cidade Baixa, às vezes subindo para a Cidade Alta e voltando, a serviço do seu senhor, ou só passeando, inclusive para encontrar os seus homens. Diz-se que Xica era conhecida por ser muito namorada. Mesmo no inferno da escravidão havia frestas, sempre escavadas pela gente negra. (JESUS, 2019, p. 251)

Mas, como uma vida que transgrediu as normas vigentes e, mesmo escravizada, era vista como algo muito perigoso por sua coragem e resistência. Ao olhar dos colonizadores e da igreja católica que tinha forte influência nas decisões políticas da época, a existência de Francisca precisava a todo custo ser reprimida.

Xica causava incômodos à população conservadora da época, e, especialmente à Matias Moreira, português vindo de Lisboa. Após inúmeras vezes ser importunada por esse velho homem, que indicava que Xica precisava vestir-se como “homem”, ela sempre se recusou a vestir-se como algo que não fosse ela. Sua identidade era uma identidade travesti e assim sempre a afirmou.

No entanto, em 1591 houve a primeira visita da Inquisição no Brasil, que durou de 1591 a 1595. Heitor Furtado de Mendonça fora o escolhido para representar o Santo Ofício, que não tinha uma presença fixa no Brasil colônia, realizando apenas visitas esporádicas. Foi nessa infortuna visita fatídica que Xica Manicongo foi delatada por Matias Moreira à inquisição, acusada de sodomia.

Nas normas da época, qualquer atitude desviante do *status quo* era passível de punição, por ser contra os padrões esperados pelos textos bíblicos e pregações de uma Igreja que dizimava tudo o que não era igual, que não se submetia às normas e comportamentos que esperavam:

O código penal vigente à época era as Ordenações Manuelinas, que equiparavam a sodomia ao crime de lesa-majestade. A pessoa considerada culpada deveria ser queimada viva, em um auto de fé em praça pública, ter seus bens confiscados pela Igreja Católica e a infâmia lançada sobre os seus descendentes até a terceira geração. (JESUS, 2019, p. 251).

O que se comenta é que, para sobreviver, Xica passa então a se vestir de algo que não era, usava vestes masculinas para estar de acordo com seu sexo biológico atribuído no nascimento, mas em um grande conflito com sua identidade e existência. Infelizmente, durante os séculos seguintes, as roupagens mudaram mas o cerceamento das existências fora da norma continuou, sempre com o mesmo objetivo de controlar os corpos, o pensamento e o *modus operandi*. Em sua maioria, senão na totalidade, agenciado por homens brancos, cisgêneros e heterossexuais.

Pulando para o século XX, no contexto nacional, temos entre as décadas de 40 e 60 a presença de figuras mais afeminadas utilizadas de forma extremamente caricata em peças de teatro. Em sua maioria, galãs do teatro carioca que se vestiam jocosamente com roupas femininas e então faziam dessas presenças afeminadas em cena motivo para piadas, desmoralização e paródias de uma forma de existência minorizada.

No entanto, em contramão a essa presença exclusivamente jocosa de figuras afeminadas em cena, em 1953, Walter Pinto, um famoso diretor do

teatro de revista carioca, contratou Ivaná, uma travesti francesa que causou um sucesso gigantesco na época. O burburinho causado por sua chegada foi tão grande que a aclamada travesti acabou virando capa da revista Manchete.

Figura 1. Ivaná é capa de revista na Manchete.



Fonte: IVANÁ: A GRANDE DÚVIDA NO TEATRO DE REVISTA DOS ANOS 1950, 2020

Então, dez anos depois, no ano de 1963 a famosa transexual Coccinelle faz turnê na América do Sul causando grande alvoroço novamente no Brasil. Coccinelle foi uma das primeiras mulheres a fazer cirurgia de redesignação sexual na Europa, realizando o procedimento em 1958 e chega ao Brasil já operada, trazendo o conhecimento de um procedimento até então nunca feito em terras brasileiras.

A década de 60 e 70 foi marcada por grande intercâmbio cultural de idas e vindas entre travestis e transexuais brasileiras e européias, em um fluxo de mão dupla. As constantes viagens de múltiplas pessoas da cena artística fez com que diversos procedimentos cirúrgicos e estéticos já realizados na Europa se popularizassem também no Brasil.

Mesmo com repressões policiais, as mulheres transexuais e travestis na Europa já conseguiam articular espaços de resistência assumidamente *queers* naquela época. Criado em 1947, *Le Carrousel de Paris* foi um famoso cabaré na década de 1960, expoente da luta das mulheres trans por direitos, tendo a própria Coccinelli e Marie-Pierre Pruvot, mais conhecida como Bambi, sendo figuras que pautavam essas discussões.

Vale ressaltar que nem todos os procedimentos cirúrgicos e estéticos eram acessíveis para todes, porém, a vontade de muitas mulheres trans de se sentirem mais próximas da forma que se reconheciam fez com que certos procedimentos extremamente danosos à saúde se popularizassem. É nesse contexto que surgem e se popularizam as bombadeiras, mulheres famosas por injetar silicone industrial nas mulheres transexuais e travestis da época com a finalidade de trazer novas curvas à esses corpos, mesmo com um material completamente nocivo à saúde.

Em 1969, houve a Revolução de Stonewall num bar chamado *Stonewall Inn*, muito frequentado por *drag queens* pretas e porto riquenhas, lésbicas, travestis e transexuais. Neste dia, us frequentadores do bar se revoltaram contra a polícia da cidade de Nova York em mais uma de suas abordagens na qual frequentemente os policiais extorquiam dinheiro das pessoas que não se vestiam de acordo com seu gênero, conforme lei vigente na época, além das abordagens violentas.

Dessa forma, entre os dias 27 e 28 de junho de 1969 uma revolução fez vozes que gritavam e sempre eram silenciadas serem ouvidas e causarem grandes transformações sociais. Foi o pontapé inicial em uma militância assumidamente política, que extrapolava os encontros (também políticos) para buscar espaços mais formais de leis e regulamentações para nossa população.

Atualmente, no dia 28 de junho comemora-se o dia internacional do orgulho LGBTQIA+, eternizando essa importante data da Revolução de Stonewall na qual destacou-se o protagonismo de Marsha P. Johnson e sua amiga Sylvia Rivera. Marsha mesmo revolucionária e bravíssima como foi, não

teve a oportunidade de ter uma morte digna, seu corpo foi encontrado num rio em 1992 e sua autópsia registrada como suicídio mesmo com fortes indícios e provas de crime de ódio.

As palavras estancam, ficam presas em estantes empoeiradas de bibliotecas quase nunca acessadas. Porém, apelo à vocês que se lembrem que o sangue de muitas e muitos correu até aqui, estamos frente a uma história de amor, fervor e clamor pela vida que infelizmente não teve um final feliz para todes.

De noite pelas calçadas
Andando de esquina em esquina
Não é homem nem mulher
É uma trava feminina
Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios
Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação
É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
Está sempre em desconstrução

Nas ruas pelas surdinas é onde faz o seu salário
Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário
Não tem Deus
Nem pátria amada
Nem marido
Nem patrão
O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário
Ela é tão singular
Só se contenta com plurais
Ela não quer pau
Ela quer paz
[...]
Então eu, eu
Bato palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar
Bato palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia batalhando conquistar o seu direito de
Viver brilhar e arrasar
Viver brilhar e arrasar
Viver brilhar e arrasar
Viver brilhar e arrasar

Ela é amapô de carne osso, silicone industrial
Navalha na boca
Calcinha de fio dental

(QUEBRADA, Linn da. 2017)

A partir de Stonewall o armário havia sido quebrado, as amarras estilhaçadas, a comunidade LGBTQIA+ percebe então sua força. E, mesmo

acontecendo fora de terras brasileiras, essa revolução também abre caminhos para uma existência mais livre das pessoas LGBTQIA+ no Brasil.

1.1.2 As primeiras cirurgias de transexualização no Brasil.

Em 1971, o cirurgião plástico Roberto Farina realizou de forma pioneira, a primeira cirurgia de redesignação sexual no Brasil. Waldirene é então trazida à vida após muitos anos vivendo em um corpo que não correspondia com sua existência e pulsar de identidade. O episódio não foi tranquilo, Roberto foi condenado a dois anos de prisão por ter realizado o procedimento cirúrgico e Waldirene (de nome morto Waldir), foi tida como um caso de distúrbio mental pelo poder público.

No ano de 1975, Roberto apresentou, em um congresso médico, o vídeo de sua primeira cirurgia de transexualização. O acontecimento repercutiu grandemente na mídia, em matérias publicadas no jornal O Estado de São Paulo.

O alvoroço causado na época por uma sociedade totalmente conservadora e hipócrita motivou o procurador da justiça Luiz de Mello Kujawski a fazer um requerimento ao procurador Geral da Justiça no sentido de abrir um inquérito policial contra Roberto Farina. Kujawski afirma, para endossar seu conservadorismo, que o médico estaria infringindo o segundo parágrafo do art. 129 do Código Penal que trata de lesões corporais infringidas.

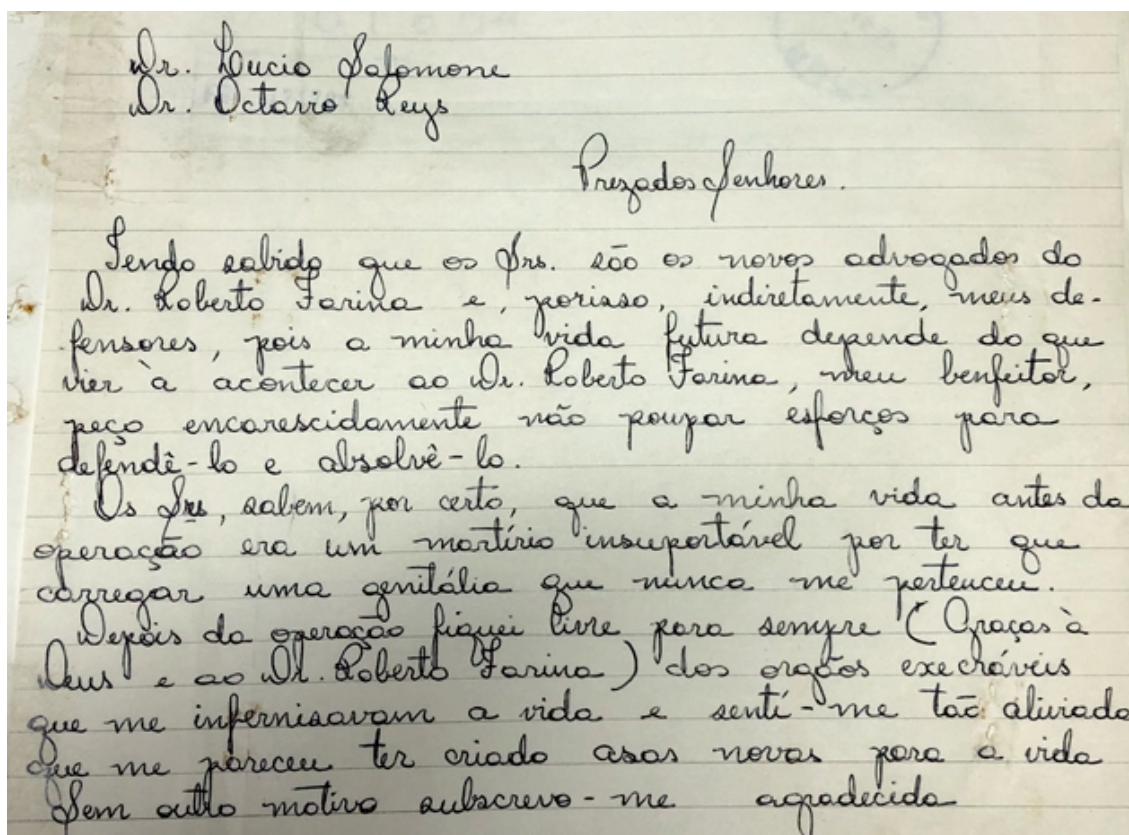
Seguia em seus posicionamentos, alegando que as pessoas que se submetiam às cirurgias não se tornavam mulheres, mas "verdadeiros monstros, através de uma anômala conformação artificial". No ano de 1978, o juiz Adalberto Spagnuolo, da 17ª vara Criminal da Capital, condenou Roberto Farina a cumprir dois anos de reclusão pelo crime de lesão corporal grave. O juiz declarou que a cirurgia:

(...) apenas serviu para mutilar um indivíduo do sexo masculino, transformando-o em doente mental, em eunuco, satisfazendo seu desejo mórbio de castração. Isso tudo sem curar o mal psíquico, apenas ridicularizando-o de vez, sem qualquer outra possibilidade de cura. (Redação do Migalhas, Jornal do Migalhas, 2016)

E vemos como o conservadorismo e um cientificismo com objetivos muito claros da manutenção de um *status quo* da sociedade pautavam não só as relações no cotidiano, mas também dentro das esferas de poder público e jurisdição, sendo uma maré totalmente desfavorável à vida e existência de pessoas dissidentes.

Como forma de intervir e tentar dar testemunho sobre a sua vida agora liberta após o procedimento cirúrgico, Waldirene envia uma carta aos advogados de defesa de seu cirurgião:

Figura 2. Carta de Waldirene aos advogados de defesa.



Dr. Lucio Safomone
Dr. Octavio Reis

Prezados Senhores.

Sendo sabido que os Vrs. são os novos advogados do Dr. Roberto Farina e, por isso, indiretamente, meus defensores, pois a minha vida futura depende do que vier a acontecer ao Dr. Roberto Farina, meu benfeitor, peço encarecidamente não poupar esforços para defendê-lo e absolvê-lo.

Os Vrs. sabem, por certo, que a minha vida antes da operação era um martírio insuportável por ter que carregar uma genitalia que nunca me pertenceu.

Depois da operação fiquei livre para sempre (Graças à Deus e ao Dr. Roberto Farina) dos orçãos execráveis que me infernisavam a vida e senti-me tão aliviada que me pareceu ter criado asas novas para a vida.

Sem outro motivo subscrevo-me agradecida

Fonte: Site Migalhas, 2019 ²

Nos desdobramentos dessa história, Roberto Farina é absolvido pela decisão da 5ª câmara do Tribunal de Alçada Criminal da Capital, por dois votos a um acolhendo a defesa dos advogados do médico.

² Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/296792/primeira-trans-a-realizar-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-no-brasil-foi-chamada-de-eunuco-estilizado-na-justica>

Apenas 26 anos depois, em 1997, o Conselho Federal de Medicina autoriza esse tipo de cirurgia, quando publica a resolução de número 1.482, defendendo o aspecto terapêutico da intervenção cirúrgica.

Brava Waldirene, bravo Roberto Farina, obrigado por suas existências.

É de extrema importância ressaltar que os procedimentos estéticos e cirúrgicos são transformações que quebram a estática de uma sociedade que tenta coagular existências como a dessas pessoas. Em um contexto agonizante e sufocante, fazer esse tipo de intervenção cirúrgica é muito mais que cirurgias estéticas, são iniciativas que afirmam suas vidas, suas verdades e existências. Constituem um respiro, a possibilidade de olharem-se no espelho e reconhecer o que vêem. Amarem o que são.

No ano de 1974, Kika é operada com sucesso em Barcelona, com a primeira cirurgia de aprofundamento do canal vaginal do mundo. Naquela época, alguns dos procedimentos existentes deixavam as mulheres transexuais com o canal vaginal extremamente estreito, machucando-as em suas relações sexuais. No ano seguinte, Lorena Capelli realizou o mesmo procedimento, porém, infelizmente teve complicações no pós-operatório e não resistiu, falecendo aos 31 anos de idade.

Para tentar controlar sua hemorragia foram aplicados antibióticos em via venosa como tentativa de evitar o óbito, mas Lorena omitiu do médico a sua utilização de silicone industrial na região dos glúteos, local de aplicação do remédio. Tinha uma vontade de se afirmar como bela daquela forma totalmente natural, porém a presença de silicone industrial inibe a ação de qualquer remédio com aplicação venosa na região, como afirma a Judit Busanello, que foi diretora-técnica do ambulatório de saúde integral de travestis e transexuais do estado de São Paulo.

A travestilidade é então naquele momento um termo colocado apenas para o homem que se veste de mulher temporariamente, para funções profissionais e artísticas. “Era chiquérrimo ser travesti porque não tinha essa conotação atual. Era um termo profissional. Hoje, é pejorativo” (BRASIL, 2015,

58). Nesse sentido, enquanto as travestis eram vistas como algo temporário para boas risadas e bons shows para a sociedade tudo corria bem, mas se tornou pejorativo a partir do momento que as travestis conseguiam pelos procedimentos estéticos “se manterem” travestis o tempo todo. Porém, um adendo muito importante a ser feito é de entender como hoje o termo travesti foi transformado pelas travestis em um termo que carrega essa história e valoriza essas corpos, ressignificando o uso jocoso e pejorativo de outrora.

Ainda nesse contexto de primeiros procedimentos cirúrgicos realizados no Brasil com relação ao tema, tivemos no ano de 1977 a primeira cirurgia masculinizadora, e, assim como a cirurgia de Waldirene feita em 1971, ambas feitas em plena ditadura.

João Nery foi o primeiro homem trans operado em terras brasileiras, e com isso um início de maior visibilidade também à população trans masculina nas discussões da época. Como o autor relata em seu livro *Viagem Solitária*, na página 176 como foi o processo para alcançar a cirurgia:

Minha tensão aumentava em proporção geométrica com a aproximação da data da entrevista. As insônias e as diarreias eram agora frequentes. Ingeria constantemente sedativos, mas nem assim o sono vinha. Os motivos variam entre o excesso de preocupação pelas dificuldades que ainda teria de enfrentar e a grande excitação diante da iminente possibilidade de me operar. Passava madrugadas imaginando como seria minha vida com o novo corpo. Tinha consciência dos perigos e das sequelas que as cirurgias poderiam acarretar. Sem dúvida, o saldo continuava sendo positivo. Não me tornaria nenhum Apolo, mas poderia fazer coisas a que, até então, só a fantasia me dava acesso. Principalmente, ser visto e tratado como me via. Talvez até poder um dia legalizar minha situação e viver definitivamente em paz com a sociedade. (NERY, João. 2011, 176)

Com esse potente relato, confirmamos como os procedimentos cirúrgicos cumprem um papel de liberdade social e mental para as pessoas as quais nasceram em corpos divergentes da identidade que se reconhecem. E como toda história, as e os precursores desses grandes avanços, em tempos obscuros como os da ditadura militar brasileira, são fatos históricos dignos de nota, conhecimento e memória para a eternidade do movimento LGBTQIA+.

1.1.3 Início do debate Brasil: políticas de luta contra a AIDS.

Em 1981 acontece pela primeira vez nos Estados Unidos uma descrição dos sintomas causados pela síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA) ou inglês *acquired immunodeficiency syndrome* (AIDS), que é a síndrome resultante do não tratamento do vírus HIV, que vem do inglês *human immunodeficiency virus*, vírus da imunodeficiência humana.

Começou com poucos casos, sendo posteriormente confirmados apenas quatro casos no ano de 1978, nove casos em 1979, chegando a aproximadamente a mais de setecentos casos em 1982 segundo depoimento o médico Richard Sillac em reportagem ao Fantástico que foi veiculada em 27 de março de 1983, apresentada dentro do documentário Carta Para Além dos Muros (2019).

Com um tom de mistério e música de suspense, a reportagem foi a primeira vez que em rede nacional havia tido a menção da palavra AIDS para a doença. Infelizmente em um cenário de incertezas e de alta mortalidade a população homossexual foi vítima da maior taxa contaminação no início da doença, tendo sérios ataques à essa população por uma parte conservadora da sociedade:

Figura 3. Reportagem sobre AIDS veiculada em 1982.



Fonte: O vírus da AIDS, Migalhas, 2007 ³

³ Disponível em: <https://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html>

Naquele momento, a taxa de letalidade da doença era altíssima uma vez que não tínhamos os medicamentos retrovirais que dessem uma maior qualidade de vida para as pessoas soropositivas, uma vez que o espalhamento do vírus HIV era desenfreado, gerando a AIDS muito rapidamente. Portanto, naquela época pela falta de tratamento, contrair o vírus era questão de tempo para resultar na SIDA e com ela, todas as barreiras imunológicas do sistema humano serem enfraquecidas, deixando as pessoas com a doença em constante cansaço, vulneráveis para contração de diversas doenças e fracas para que seus sistemas de defesa combatessem as mesmas.

Em uma época de total desconhecimento acerca da doença, espalhavam-se rumores sobre a transmissão pelo toque e pelo ar, o que estigmatizava ainda mais as pessoas soropositivas da época. Vale lembrar que nesse momento ela realmente estava acometendo muito mais homens e na maior parte deles homossexuais, o que serviu de escopo para que fanáticos religiosos nomeassem a doença como “providência divina”, por estar matando diversas pessoas homossexuais.

O mesmo documentário, Carta Para Além dos Muros, também traz o depoimento do segundo o médico infectologista Ricardo Tapajós de que em 1981 houve uma compilação de sintomas para a doença e primeira tentativa de nomeação acerca dela, contudo, a descoberta do vírus HIV só veio a acontecer dois anos depois. Luiz Mott, criador do Grupo Gay da Bahia, no mesmo documentário, relata com pesar que, após estarem começando a ter conquistas e avanços para a população LGBTQIA+ que estava “saindo do armário”, há então essa doença que estava afetando diretamente esse grupo de pessoas.

Como contraponto, o documentário também entrevista o médico Ricardo Veronesi, com uma posição extremamente conservadora, este fala inclusive que “o erro no Brasil foi entregar o problema da AIDS para homossexuais, esse foi o grande erro, é por isso que nós estamos nessa situação (...) O homossexual não tem condições nem psíquicas” (2019), exemplificando o nível

da violência pela qual a população LGBTQIA+ enfrentava com os discursos nas mídias.

Mas, como sempre, a luta não cessa e a busca pela vida direciona para o caminho necessário no momento: o movimento faz grandes avanços políticos para um tratamento eficaz da epidemia. Somando esforços com médicos, infectologistas, movimentos sociais e canais de comunicação, foi um grande momento de luta e articulação na história da nossa comunidade no Brasil.

Soma-se a essa luta, importantes grupos de militância criados por todo o Brasil, unificando as ações no Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), inclusive destacando-se uma militância muito voltada ainda para os homens homossexuais na época (ou ainda hoje). Em 1978, foi criado o Grupo Somos de São Paulo e, em 1980, o Grupo Gay da Bahia.

A chegada da epidemia da SIDA no Brasil, embasou muito o conservadorismo que era endossado pelo sistema político vigente. O alto custo das medicações retrovirais e as crendices populares sobre ser uma praga divina para extermínio dessas populações marginalizadas fez com que fosse mais difícil a discussão sobre as políticas de implementação de um plano de contingência para novas infecções do vírus, bem como o tratamento das pessoas que já estavam infectadas.

Em 1984, Brenda Lee, uma travesti paulistana, organiza o chamado Palácio de Princesas, a primeira casa de apoio e acolhimento para pessoas soropositivas. Em 1985 é criado o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (GAPA), a primeira instituição nacional voltada ao cuidado de pessoas com SIDA e conscientização sobre o tema para os grupos mais atingidos e a sociedade como um todo.

A articulação dos grupos militantes foi também extremamente importante para em 1985 conseguir a revogação do parágrafo 302.0 do Código de Saúde do INAMPS que rotulava a homossexualidade como “desvio e transtorno sexual”.

Vale lembrar que para que a síndrome de imunodeficiência adquirida viesse a ganhar maior visibilidade, foi necessário que pessoas famosas também começassem a testar positivo para a doença. Pessoas como Cazuza, Renato Russo, Claudia Magno e Lauro Corona, que eram figuras públicas, infelizmente vieram a falecer em decorrência das complicações dessa doença.

Apenas no ano de 1996 houve uma implantação universal de oferta para os retrovirais pelo governo, através da professora Nair Soares Brito, que encontrou na constituição o seu direito de ser assistida pelo Estado em seu tratamento através de processo jurídico no qual se exigiu do Estado o direito dos medicamentos. Sendo estes de difícil acesso pelo alto custo devido à importação, ou pela difícil possibilidade de se adquiri-los em decorrência da morte de pessoas que morreram durante o tratamento.

E é de extrema importância mencionar que muitas pessoas morreram pedindo por ajuda ao Governo e foi exatamente a pressão da sociedade civil e das ONGs como a GAPA que conseguiu a aprovação da Lei Nº 9.313, de 13 de novembro de 1996 na qual a população brasileira soropositiva adquiriu o direito de ter acesso gratuito ao tratamento contra o do HIV e doentes de AIDS, além disso a lei também determina que:

§ 1º O Poder Executivo, através do Ministério da Saúde, padronizará os medicamentos a serem utilizados em cada estágio evolutivo da infecção e da doença, com vistas a orientar a aquisição dos mesmos pelos gestores do Sistema Único de Saúde.

§ 2º A padronização de terapias deverá ser revista e republicada anualmente, ou sempre que se fizer necessário, para se adequar ao conhecimento científico atualizado e à disponibilidade de novos medicamentos no mercado.

Art. 2º As despesas decorrentes da implementação desta Lei serão financiadas com recursos do orçamento da Seguridade Social da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, conforme regulamento.

(BRASIL, 1996)

Foi só então a partir desse ano que com a oferta dos medicamentos retrovirais que a taxa de mortalidade começou a cair e há um respiro maior para as pessoas que estavam em tratamento da SIDA. No entanto, até essa conquista acontecer, e ser amplamente ofertada, nas décadas de 1980 e 1990 morreram ao todo 115.321 pessoas no Brasil (REIS,SANTOS, CRUZ, 2007).

Porém, segundo a doutora Érika Luiza Lage Fazito Rezende, entre 1985 e 2009, foram notificadas oficialmente 194.445 mortes no Brasil. Levando em consideração a possível subnotificação de casos estimam-se 266.565 mortes no período (2012).

Vendo todo um histórico de lutas e as diversas perdas de pessoas por essa doença, o movimento LGBTQIA+ e todas pessoas envolvidas na luta por um tratamento digno e de referência para pessoas com HIV volta a ser motivo de disputa no atual desgoverno de Jair Bolsonaro.

Segundo reportagem do Jornal Exame, o atual presidente Jair Bolsonaro tentando endossar a fala da ministra Damare de que a abstinência sexual seria a melhor forma de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis, disse: “Uma pessoa com HIV, além do problema sério para ela, é uma despesa para todos no Brasil”, (2020). E a mesma reportagem informa a transformação do Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das ISTs, do HIV e Hepatites Virais em Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. A alteração incluiu a pasta doenças que não são sexualmente transmissíveis como a tuberculose e hanseníase, além de rebaixar a área HIV/SIDA a uma coordenação, retirando o nome AIDS do departamento responsável no Ministério da Saúde.

Essa ação demonstra mais uma incapacidade do presidente em gerir o país e com um objetivo muito bem definido em voltar a uma fase de obscurantismo acerca dessa doença que hoje já tem infindáveis pesquisas nacionais e internacionais que poderiam ser amplamente divulgadas com a finalidade de conscientizar a população e diminuir então as infecções pelo vírus do HIV.

Como se não fosse o suficiente, no dia 21 de outubro de 2021, durante uma *live* em suas redes sociais, Bolsonaro diz “vacinados [contra a Covid] estão desenvolvendo a síndrome da imunodeficiência adquirida [Aids]”, (apud MENON; SALDAÑA, 2021) como forma de reforçar suas tentativas de descredibilização da ciência e das vacinas para o novo coronavírus,

estigmatizando novamente a infecção do HIV para a população brasileira, que conta atualmente com aproximadamente 900.000 pessoas em tratamento no país de acordo com Gerson Salvador, infectologista do Hospital Universitário da USP.

Portanto, esse é um importante capítulo do presente trabalho que elucida não só um triste momento histórico vivido por nossa comunidade, mas também traz à tona o motivo pelo qual a eleição de pessoas com pensamento conservador e reacionário é grave para que tenhamos uma sociedade mais justa, pacífica e informada.

Ao termos na presidência pessoas como Jair Messias Bolsonaro, que tenta paulatinamente invisibilizar e desmoralizar a população LGBTQIA+ e suas lutas históricas, estamos falando não apenas de dissabores da vida ou desconfortos acerca de gostos pessoais, mas sim em um jogo político que tenta exterminar com nossas existências, nossas conquistas e nossa história.

Dessa maneira, é preciso entender que a luta por uma sociedade mais igualitária e que lute pelo enfrentamento de LGBTQIA+fobia, racismo e machismo, não é uma agenda exclusiva des LGBTQIA+, das pessoas pretas e das mulheres, mas de todas as pessoas interessadas em um mundo onde todos possam viver de forma digna e respeitosa.

1.1.4 Figuras icônicas e datas a serem lembradas.

Assim como vimos elaborando até aqui, nossa história é feita não apenas pelo quanto o tempo escorre, os dias passam e os anos mudam, mas sim todas as pessoas que com suas existências e resistências fazem a roda do mundo girar.

Saúdo Xica Manicongo, saúdo Waldirene, saúdo João Nery, saúdo Kika, Lorena Campelli, Jorge Lafond, Roberta Close, Lacraia, Marcia Pantera, Silvetty Montilla, dentre tantas outras pessoas.

Mencionaremos aqui algumas datas importantes a serem lembradas, para que o leitor se conscientize e valorize as pessoas que estão na luta por esse movimento ainda quando estão em vida e colaborem com seus feitos, não esperem que estejamos mortos, mortas e mortes para saudar nossas realizações.

Em 1987 Jorge Lafond participa de sua primeira novela na Rede Globo, realizando o papel de um garçom em *Sassaricando*. Mas recebe de fato um auge de visibilidade quando vai para o SBT e começa a interpretar Vera Verão no “A praça é nossa”.

Em 1989 Roberta Close faz cirurgia de transexualização, e, no ano seguinte é convidada para posar na famosa revista *Playboy*. Aceita o convite e naquela edição a revista alcança um pico de 1990 posa na *playboy* com pico de vendas.

Em 2009 temos um marco histórico da criação do primeiro ambulatório para saúde e prevenção do SUS, focado na saúde das travestis e transexuais. Este ambulatório foi aberto pelo Governo do Estado de São Paulo.

Em 2011 o Supremo Tribunal Federal reconheceu passou a reconhecer união estável entre casais do mesmo sexo como entidade familiar. Portanto, a partir dessa data os casais homoafetivos tiveram mais um respaldo legal para endossar pedidos de adoção de crianças e jovens.

Em 2012, Luma Nogueira é a primeira mulher a se tornar doutora em uma universidade. Acresce-se que no ano seguinte a mesma se tornou professora na mesma instituição, Universidade Federal do Ceará.

Só em 2021 que temos a primeira vereadora trans eleita na cidade de São Paulo, Erika Hilton foi a mulher mais bem votada de todas as eleições realizadas no Brasil no ano de 2020.

CAPÍTULO SEGUNDO

2.1 O bairro Jaraguá

Contar a história de um bairro tão grande e rico culturalmente é uma árdua tarefa, e, para ser feita com maestria, precisamos entender de início os atravessamentos que aconteceram durante todos esses anos com os povos que aqui habitaram, e, que bravamente através de anos de luta e resistência, construíram o que hoje chamamos de Jaraguá.

Os primeiros registros do bairro datam do século XVI, onde temos um histórico de invasão de terras habitadas por indígenas com a finalidade de mineração nas encostas da Fazenda Jaraguá. Destaca-se a figura de Afonso Sardinha, o Velho (tanto o pai, o Velho, quando o filho, o novo, tinham o mesmo nome), de quem não temos registro acerca da data de nascimento, foi um bandeirante português e, segundo Daniel Atencio, foi talvez um dos escravagistas pioneiros na importação e comercialização de escravizados trazidos de Angola para a América, lavrador, com experiência em mineração. Segundo Afonso d'E. Taunay, Afonso Sardinha:

(...) traficava escravos, vendendo índios moços a 3\$000 por cabeça, até para o Rio da Prata. De lá, encomendava diversos gêneros, como rendas, papel, medicamentos, facas fabricadas na Alemanha. Como capitalista, emprestava a pessoas de São Paulo e Santos, São Vicente e Rio de Janeiro. (apud SILVA, 2008, p. 46)

Construiu então no ano de 1580, uma grandiosa casa para os padrões da época, com a finalidade de ser a base para Afonso Sardinha, a comandar a extração de ouro no Jaraguá. Porém, devido às constantes revoltas indígenas pela invasão de suas terras, conseguiram conter o início efetivo da extração de ouro na região por uma década, tendo o início da extração datado de aproximadamente 1590.

A casa se mantém preservada até hoje no Parque Estadual do Jaraguá, dado o tombamento desta como patrimônio histórico em 1961. A casa conta com 21 cômodos e uma senzala abaixo do casarão. Suas paredes medem

cerca de 80 cm de espessura, construídas de taipas, folhas secas, barro e vísceras de animais, indígenas e escravizados, como contam as histórias populares do bairro.

Figura 3. Casa de Afonso Sardinha.



Fonte: Blogspot Jaraguá SP Post, 2018 ⁴

Figura 4. Senzala da Casa de Afonso Sardinha.



Fonte: Blogspot Jaraguá SP Post, 2018 ⁵

⁴ Disponível em: <https://jaraguasp.blogspot.com/2018/01/bombeiro-fotografa-senzala-casarao-afonso-sardinha-revela-sentiu-lugar.html>.

⁵ Disponível em: <https://jaraguasp.blogspot.com/2018/01/bombeiro-fotografa-senzala-casarao-afonso-sardinha-revela-sentiu-lugar.html>.

Figura 5. Parede da Senzala da Casa de Afonso Sardinha.



Fonte: Blogspot Jaraguá SP Post, 2018 ⁶

Atualmente o acesso interno é restrito à visitação por motivos que não são expostos e publicizados à população, no entanto, com uma prévia autorização um Blog Jornalístico do bairro conseguiu realizar uma entrevista com o bombeiro Robson Maziero atuante da região no interior da casa, conseguindo fotos da casa e um depoimento sobre a sensação de estar dentro do cômodo onde funcionava a senzala da casa.

O Casarão do Bandeirante Afonso Sardinha, ainda hoje, é rondado por crendices e misticismos. Relatos de barulhos ouvidos pelos vigilantes do parque e por uma antiga zeladora, que morou temporariamente na casa, rondam a construção. O bombeiro responsável pelo registro dessas fotos, em depoimento ao Blogspot Jaraguá SP Post, relatou que:

O lugar parece uma cela. Ele tem quatro paredes tão espessas que chegam a ter quase um metro de largura. Há uma grade de ferro antiga que separa os ambientes. Assim que entrei, me senti um tanto sufocado. Havia um ar pesado. No momento de fazer as fotos, o ambiente estava muito escuro e, por isso, tive a sensação de que aquela sala não tinha fim. Ela era como uma caverna infinita. Naquele instante, pensei em quantas histórias, quantos fatos, quantas coisas aquelas paredes teriam presenciado, quantas conversas, planos e torturas, quanto sangue teria rolado ali em favor da riqueza. Foi tudo

⁶ Disponível em: <https://jaraguasp.blogspot.com/2018/01/bombeiro-fotografa-senzala-casarao-afonso-sardinha-revela-sentiu-lugar.html>.

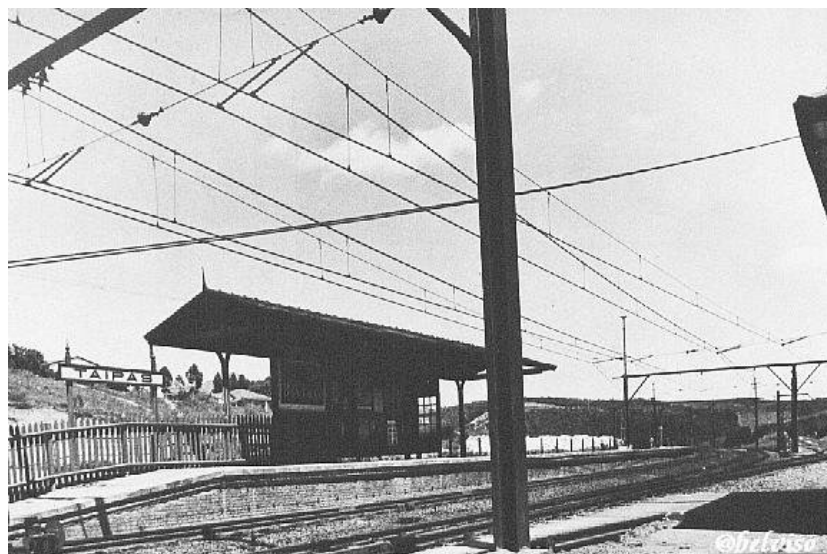
isso o que me passou pela cabeça naquele breve momento em que fiquei lá dentro e me tornei uma pequena parte da história daquele casarão. Dizem ser um lugar assombrado. Ouvi ruídos estranhos, os quais algumas pessoas alegam que são as almas dos escravos que por lá passaram. Outros dizem que os ruídos se referem à alma de Afonso Sardinha aprisionada por todos os pecados que este cometeu em vida. Eu, contudo, só posso dizer que se trata de um casarão antigo e, portanto, de memória a ser preservada. Se ocorreram coisas ruins lá, acho que a história deve ser preservada para que tais fatos não ocorram novamente. Se, no entanto, há histórias boas, estas também devem ser preservadas para enaltecimento do nosso povo. (PEDROSA, Jaraguá SP Post, 2018)

Portanto, vemos como esses cômodos exalam todas as crueldades e violências que ocorreram por lá. Há um aspecto das crendices nesses relatos e sentires, mas há também uma significativa parcela de materialidade e concretude do sangue que ali fora derramado e ainda não secou.

Contar a história pela narrativa do dominante é uma infelicidade, mas pela falta de recursos e registros, é muito difícil precisar qual o povo exato estava morando no entorno do Pico do Jaraguá na época de chegada do bandeirante Afonso Sardinha, no entanto, sabemos que pela região havia uma concentração Tupi, Carijó, Tamoio e Guarani que é um povo nômade.

Muitos anos depois, temos um grande fator de alteração na malha do bairro que é a construção da São Paulo Railway de 1860 a 1867, a primeira linha ferroviária de São Paulo e a segunda a ser construída no país. Inicialmente com a finalidade de escoar recursos de Jundiaí até o porto de Santos, depois também passa a receber passageiros para transporte urbano. Vale ressaltar que naquele momento as condições dos trens eram totalmente precárias, levando inclusive a muitas mortes por aberturas de portas inesperadas, falta de sinalizações mais efetivas e protocolos de segurança mais restritos.

Inaugurada em 1891, a estação Taipas, também conhecida como Parada de Taipas, foi um acontecimento que contribuiu enormemente para a urbanização do bairro. Este receberia pessoas vindas de diversas regiões da cidade, por ser um bairro mais afastado resultando em um menor custo de vida.

Figura 6. Estação Taipas

Fonte: Blogspot Jaraguá SP Post, 2018 ⁷

Para além da questão de mobilidade, já que a partir desse momento um morador do Jaraguá conseguia cruzar a cidade utilizando a São Paulo Railway, em 1966 o bairro recebe as instalações da empresa alemã Voith, que corresponde hoje ao maior polo industrial de aço inox da América do Sul, fazendo com que o bairro crescesse mais ainda ao redor de suas instalações. O grande aumento populacional do bairro pode ser demonstrado com o quadro abaixo adaptado de Caldeira, 1984 e IBGE, Censo Demográfico de 1991 e 2000:

Quadro 1. Aumento Populacional em Pirituba e Jaraguá.

Período	Pirituba	Jaraguá	São Paulo
1940/1950	Mais de 10%	1,1% a 3,5%	5,1%
1950/1960	Mais de 10%	6,3% a 10,0%	5,6%
1960/1970	5,8% a 10,0%	5,8% a 10,0%	4,8%
1970/1980	ao redor de 3,7%	4,6% a 7,4%	3,7%
1991/2000	0 a 2%	4 % ou mais	0,91%

⁷ Disponível em: <https://jaraguasp.blogspot.com/2018/01/bombeiro-fotografa-senzala-casarao-afonso-sardinha-revela-sentiu-lugar.html>.

Fonte: PEREIRA, 2005, 36.⁸

Portanto, vemos como em um período de forte imigração vinda de vários países por questões globais, inclusive da Segunda Guerra Mundial, e também federais, do êxodo rural de diversos trabalhadores e trabalhadores para as grandes cidades em busca de emprego e melhorias nas condições de vida, São Paulo começa com um processo de expansão para bairros periféricos antes pouco habitados.

Em tupi Guarani, Jaraguá significa “Senhor do Vale”, e a presença Guarani Mbyá como temos até hoje na Terra Indígena Tekoa Pyau é advinda da fundação do Parque Estadual Jaraguá em 1961. Nesse ano houve um evento de inauguração do Parque, com a presença do governador Carvalho Pinto, atual eleito para governança do estado daquela época, e, “para dar um colorido especial para a fundação do Parque” (MONTEIRO, apud SILVA, 2008, 22) uma família de índios Guarani foi convidada para fazer ali uma aldeia: Joaquim, Jandira e seus filhos.” (idem).

Então, essa aldeia passou a crescer mais e mais, tendo hoje aproximadamente 300 famílias, divididas em 3 aldeias ao pé do Pico do Jaraguá. Com o crescimento do bairro no entorno e a criação de 2 rodovias (que levam nome de bandeirantes) no entorno das aldeias, o espaço foi ficando cada vez menor, as áreas úteis para produção de alimento e de caça ficam cada vez mais restritas.

Hoje, os indígenas guaranis do Jaraguá lutam pela demarcação do entorno da área da aldeia, impedindo que o crescimento do bairro e a incessante produção de novos loteamentos pelas grandes construtoras desrespeitem o raio de distância exigido em lei para preservação das aldeias.

Então, podemos ver que Jaraguá é um bairro muito plural, com pessoas pobres, periféricas e indígenas guaranis. Destaco também a grande diversidade cultural do bairro: como a cultura do Hip Hop, do Grafite, do Samba, do Balé, do Funk, dentre outras que este trabalho não se aprofundará,

⁸ Disponível em: PEREIRA, Sandra de Castro. OS LOTEAMENTOS CLANDESTINOS NO DISTRITO DO JARAGUÁ (SP) MORADIA E ESPECULAÇÃO, 2005

embora devam ser mencionadas devido ao impacto dessas manifestações na vida do bairro.

A pluralidade dessa população vêm se intensificando devido ao recente e acelerado crescimento das construções. Considerado até pouco tempo um bairro dormitório, este vem recebendo novos empreendimentos residenciais e comerciais, especialmente após a instalação do primeiro *shopping* no bairro, o Cantareira Norte Shopping. Então, nosso bairro começa a ter mais visibilidade, investimentos e aos poucos tornando-se não só um bairro dormitório, mas também recebendo pessoas de outros bairros mais afastados e centrais para conhecerem suas potências culturais e turísticas.

Figura 7. Cantareira Norte Shopping



Fonte: Galeria da Arquitetura, sem data.⁹

Aos poucos então o bairro começa a criar sua própria estrutura comercial e de serviços, tornando-o aos poucos um local não apenas dormitório, mas também local de trabalho para muitas pessoas.

⁹ Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/collaco-e-monteiro-arquitetos-associados/cantareira-norte-shopping/2458>

CAPÍTULO TERCEIRO

3.1 Ser LGBTQIA+ e ser LGBTQIA+ no Jaraguá, muda algo?

Depois de uma viagem sobre a história do movimento LGBTQIA+ e a história do bairro, chegamos ao ponto de destino deste trabalho acadêmico. Espero que aqui mais empátiques, mais encorajades e mais capacidades para escutar a preciosidade da história dessas pessoas que falarão por intermédio deste trabalho.

Para falar de um bairro tão grande como o Jaraguá, preciso delimitar o local de onde falo: sou um homem, gay, branco e membro de uma família com uma mãe graduada. Como morador do bairro, já imaginava pessoas possíveis para participar das entrevistas que embasariam a reflexão e construção argumentativa sobre ser LGBTQIA+ no meu bairro, então, procurei dar abrangência à uma grande diversidade de pessoas, dentre todas as infinitudes de existências que cabem dentro da sigla LGBTQIA+.

É preciso dizer que me somo à todas essas pessoas as quais entrevistei para sentir, formular e materializar argumentos sobre nossas experiências enquanto pessoas de um grupo minorizado por nossas vivências LGBTQIA+.

O Jaraguá está inserido no bolsão de maior vulnerabilidade social, econômica e educacional da cidade, tendo de mais de 50% de sua população pertencente às faixas Média e Baixa do IDH-M - Dimensão Educação, segundo publicação no Diário Oficial da Cidade de São Paulo de 06/03/2021, página 52.

Esses fatores de diminuição de instrução e de acessos não acontecem de forma misteriosa ou etérea, a gentrificação das áreas centrais contribui para um êxodo cada vez maior em direção às regiões mais distantes da cidade pela população mais pobre, que, marcada por uma estrutura sistêmica sempre tem um rosto, um tom de pele e tem o acesso a instituições de ensino muito bem delimitadas pelos governantes.

Além disso, as urgências de alimentação, morada e pagamentos de contas básicas como água e energia, fazem com que, ao se depararem com salários cada vez mais insuficientes para as demandas de subsistência, o foco passa a ser na realização de trabalhos informais, dupla ou tripla jornada e submissão a regimes trabalhistas precários para conseguirem ao menos sustentarem a si e os seus.

Todos esses fatores supracitados são uma combinação que em muito contribui para que o estudo, a emancipação crítica e a desconstrução não sejam prioridades na vida do trabalhador periférico e pobre. Mas, ainda em qualquer ambiente ou contexto que seja inóspito e conflitante com nossas existências, continuaremos a remar, como Linn nos ensina e mantra:

Mas não se esqueça
 Levante a cabeça
 Aconteça o que aconteça
 Aconteça
 Continue a navegar
 Continua a navegar
 Continue a TRAVECAR
 Continue a atravessar

(QUEBRADA, Linn da. 2017);

Nossa existência não espera terreno pronto e fértil, somos a fertilidade e a vida que precisamos em nosso entorno e para ajudar essa sociedade a caminhar para um lugar mais pacífico e harmonioso. Não nos colocamos em um lugar de pedir algo, pedir a vida seria nivelar muito por baixo nossas trajetórias. Nós nos mantemos vivas, belas, criando os espaços para nós e os próximos que vierem. E para começarmos esse fervor com todes, apresento as peças principais para o surgimento desse trabalho, referências vivas, construtoras hoje de um futuro melhor para minha comunidade, ancestrais em vida para que minha caminhada hoje pudesse escrever sobre nós aqui e agora.

3.2 *Welcome to our ball*, que comecem as apresentações.

Figura 8 - Duda



Duda tem 27 anos e é uma pessoa na descoberta de seu gênero, talvez uma das pessoas que mais admiro na vida. Conheci-e em 2020, ao pedir autorização para entrar na comunidade que ela lidera e, pouco a pouco, conheci um pouco mais de sua fabulosa história de superação, garra, amor ao próximo e sonhos infindáveis, capazes de reacender em qualquer pessoa a esperança em um mundo melhor. Foi a pessoa responsável pela organização e obtenção de água e energia elétrica para toda a comunidade.

Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 9 - Angel

Através de Duda, conheci Angel que é uma mulher trans formidável de 43 anos que mora na comunidade que Duda lidera. Desde a conheci, sempre foi muito sorridente, empática e disposta. Com um olhar que mostra toda a sua história é capaz de com uma simples conversa nos lembrar do que importa na vida, os motivos principais pelos quais estamos vivos e batalhando por um mundo melhor. Angel ama cuidar de seu cachorro e se orgulha muito do seu atual emprego como recepcionista em um bar voltado ao público LGBTQIA+.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 10 - Rafa Kaje

Fonte: Arquivo Pessoal

Rafa Kaje é uma pessoa não binária, de 21 anos e que mora na Aldeia Tekoa Pyau no Jaraguá do povo Guarani. Rafa nos ensina um dia após o outro, em cada fala e curiosidade que nos conta, a desmistificar as relações de sua cultura e sua sexualidade, que por vezes, acaba recebendo um pré julgamento nosso por nossas heranças de um pensamento colonial. Kaje gosta de animes, de cantar com os amigos e curtir; sonha com sua primeira ida à uma balada.

Figura 11 - Luisa Rafacho

Luisa Rafacho é uma mulher bissexual, de 22 anos e moradora do Jaraguá, assim como as outras entrevistadas. Quando Luisa fala, sentimos seu jeito doce, atento e alerta para diversas reflexões. É poesia, é vento, sonho e vida. Muito ligada às questões ambientais, sempre traz reflexões profundas como uma ninja, quando nos vemos já estamos elaborando sobre.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 12- Carla

Fonte: Arquivo Pessoal

Carla é uma lenda viva, com uma história marcada por conquistas, lutas e esperança por um mundo melhor. Já passou por muita coisa durante sua vida, e, como antes se nomeava em sua vida na prostituição de “Fênix”, assim de fato o é. Um livro de escrevivências e referências, conversamos desde Platão a qualquer outro assunto em segundos. Atualmente, está se formando no técnico de Assistente Administrativo na ETEC Jaraguá.

Figura 13 - Vitor Munhoz

Vitor Munhoz é uma pessoa não binária, de 24 anos e do signo de peixes. Nos conhecemos através de Luisa, que é sua amiga há muito tempo. Também gosta muito do Pico do Jaraguá, é um local que marcou demais sua trajetória e descoberta, bem como a afirmação de quem é hoje.



Fonte: Arquivo Pessoal

3.3 Refletir para emancipar: Identidades.

Hoje, ser LGBTQIA+ é um grande desafio principalmente para nos descobrirmos, entender o que é ser algo que não é a norma que a sociedade espera é um processo bastante lento e moroso, precisamos sempre estar atentos para nos emancipar de armadilhas de referências que não nos representam e ter uma calma com nossos processos, para que possamos viver uma estética não estática.

Para a maioria de nós, os ambientes que o destino nos coloca onde teremos que nos descobrir não são ambientes favoráveis e acolhedores. O processo de descoberta de identidade é então muitas vezes penoso, permeado por muitas violências, traumas e inseguranças.

Avanço ainda sobre o tema, que, a construção da identidade é algo que poderia ser vivenciado por todas as pessoas, independente de identificação de gênero ou orientação sexual, pois me questiono: será que mais homens heterossexuais utilizariam saias, unhas pintadas ou faria performances *Drag Queen* se isso não fosse marcado socialmente como algo negativo para homens heterossexuais?

Nesse sentido, encontrar o que se é, ou melhor, o que se está, é um ato de desbravar preconceitos e *hackear* um sistema que procura incessantemente formatar uma população inteira. E vale lembrar que as estratégias de manutenção desse padrão do que é ser homem e do que é ser mulher, já vem antes mesmo de estarmos vivos e vivas, um grande marco cultural são os famosos chá de revelação de sexo dos bebês.

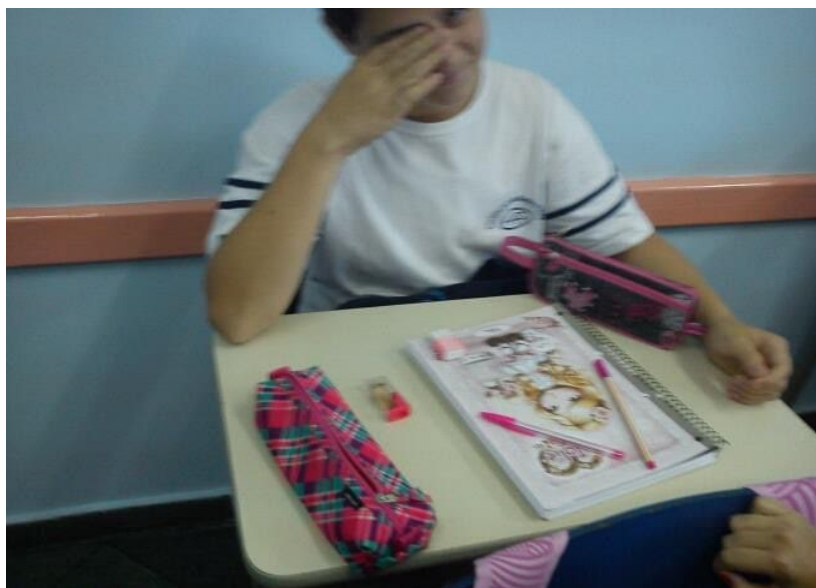
Então, já desde antes de nascermos estamos condicionados a um sistema que define que cor para meninos é permeada por tons de azul ou cores fortes, e deverão brincar de carrinho, futebol, ser ágeis e não demonstrar seus sentimentos. Da mesma maneira que as meninas devem usar rosa ou cores em tons pastéis, nada muito forte, devem brincar de casinha, comidinha e de boneca para se preparar para serem donas de casa. Ainda há a audácia

de recomendar que meninas sejam mais contidas, mais caladas, se posicionem menos, criando todo um imaginário dócil e submisso para essas futuras mulheres.

Ainda nesse caminho, vemos também as expectativas familiares sendo colocadas nas crianças, que não têm a opção de escolherem suas cores de preferência, seus principais gostos e aptidões. Temos um déficit de escuta e de cuidado com a infância de todas as pessoas.

Trago o exemplo de uma foto que permeou minha infância e que lembro com sentimentos mistos. Gostaria de poder dizer para minha criança viada que estava tudo bem estar perto do rosa, que eu ia ser feliz, mas antes de tudo precisava aceitar quem eu era.

Figura 14. Victor Pessoa na infância



Fonte: Arquivo próprio.

Meus amigos da época achavam engraçado vincular a figura do gay como algo negativo e que devesse ser motivo de vergonha, de constrangimento e de riso, dos outros é claro.

Sendo filho de um policial militar e uma mãe que era extremamente religiosa, as descobertas de quem eu pudesse ser foram permeadas pelo terreno do sujo, pecaminoso, proibido e condenável.

Então, tendo nossas identidades destruídas ou algemadas, os processos são de reconstrução e cura do que passamos, mas infelizmente muitas vezes são perpassados pelo medo. As escolas são locais de disputa de território e muitas crianças pequenas já têm o discurso de ódio introjetado pelos pais, sendo agressores vorazes de um alvo que não sabem muito bem nem dizer o que é, papagaios reprodutores de violência.

Ainda nesse sentido das experiências nas escolas, Vitor Munhoz traz:

Nunca é de boa né, assim nossa mas a gente sabe que nunca é, já aconteceram situações na escola assim, tipo zoação de me chamar de viadinho na rua, mas nada muito fora do comum não [...] a gente é zoadado o tempo todo, a gente é ridicularizado o tempo todo assim, e escola principalmente né, que na escola que a gente aprende como a gente deve ser na vida. é realmente eu tava discutindo esses dias com a galera aqui do meu serviço né, falei não é realmente assim na escola eu aprendi... a realmente como eu deveria me portar na sociedade assim, então tipo, se eu falasse um pouco mais feminino, ou se eu gesticulasse um pouco... é, um pouco mais, se eu fizesse qualquer ato feminino, eu sabia que ali eu poderia ser reprimido de uma certa forma, ou enfim algo ruim acontecer ali. (MUNHOZ, Vitor. 2021)

E, dessa forma, podemos ver que a repressão é algo que marca muito a todes nós. Com gestos, vestes e emoções afetivas e sexuais reprimidas, o nosso caminho é de entender-se enquanto indivíduo e voltar a pensar "Qual o meu gosto? Qual será minha cor preferida? Será que sou homem ou mulher?", essas perguntas são necessárias para se reconhecer como quem realmente somos e não com quem fomos nos escondendo e fingindo ser para conseguir sobreviver em certos espaços.

Adentrando no tema central deste capítulo, ser morador do Jaraguá e não sendo rico, é comum o uso constante do transporte público e longas jornadas até chegar aos espaços centrais. Nesse contexto, a minha experiência ao experimentar uma saia é totalmente diferente de alguém que mora em Perdizes (bairro classe média alta em São Paulo) e se locomove de Uber, por exemplo.

Porém, nosso desejo não é ter o capital para conseguir se proteger desse CISTema usando meios de locomoção particulares ou evitar certos tipos de passeios. A nossa vontade é que a sociedade seja menos assassina e que,

assim como um homem hétero, sair de casa com determinada roupa ou maquiagem não nos gere um medo de não voltar pra casa.

É extremamente importante ressaltar que as experiências de descoberta das identidades são distintas não apenas nos termos centro-periférico, rico-pobre, mas, dentro da comunidade LGBTQIA+ as vivências sobre o assunto são completamente distintas, do mais “próximo” e “aceitável” à sociedade até o que mais se afasta da heterocisnormatividade.

Infelizmente perdemos o registro da transcrição da entrevista dada por Angel, mas, em seu depoimento relatou a dificuldade de transicionar dentro do seu ambiente de trabalho em Bragança, interior de São Paulo. Angel nos contou que enquanto era um homem gay afeminado era aceita em seu trabalho, mesmo com todos os atritos que sua presença causava naquele espaço.

Porém, ao começar a hormonização e ter os primeiros indícios de surgimento de mama, começou a passar por situações extremamente desconfortáveis ao se trocar no banheiro masculino, sendo assediada cotidianamente. Angel relata que dado o contexto pediu à empresa um banheiro que pudesse utilizar sem ser o banheiro masculino. Mas o que obteve como retorno foi sua demissão, alegando que a empresa não estava preparada para lidar com ela ali em plena transição. Esse é um episódio contado por Angel que nos traz um panorama do que é assumir sua identidade e ser quem é no Brasil.

Angel segue comentando: “pra ser viado no Brasil precisa ter peito, mas pra ser uma mulher trans precisa ter muitas vezes mais”. Convido-os a pensar: quantas mulheres e homens trans estão agonizando em corpos que não os pertencem hoje pelo medo da exclusão social, profissional, familiar e afetiva?

A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem. (ROSA, Guimarães. 1956)

Cito Guimarães, pois nós LGBTQIA+ temos duas opções: agonizar ou não ter o direito ao medo. Grupo que tem dois partos: o de nascimento e o de

renascimento, para encontrar por fim sua identidade em paz com seu espírito. E até complemento o pensamento com um discurso de Monja Coen parafraseando Mário Sérgio Cortella: “O ser humano está sempre em construção. Mário Sérgio Cortella fala isso e eu acho tão maravilhoso. Nós estamos grávidos de nós mesmos. Nós não somos finais, não estamos prontos” (2018). Somos, portanto, obra inacabada, em curso e lapidação constante, e, lapidamos a sociedade à medida que existimos, como um rio que escorre e altera seu leito.

A essa altura já entendemos as experiências distintas por classe social, moradia na cidade e também a inserção na comunidade LGBTQIA+, sendo a vivência de uma mulher trans totalmente distinta de uma mulher lésbica, por exemplo. Mas, há ainda um pensamento antiquado que imagina uma uniformidade dentro dessas distintas vivências da sigla LGBTQIA+, ou seja, como se as experiências de todos homens gays fosse similar ou próxima, ou então que de todas as mulheres lésbicas se assemelham de alguma maneira, porém não é assim que acontece na prática.

Dentre as entrevistades, Rafa Kaje e Vitor Munhoz são pessoas não binárias, e, mesmo com a mesma identidade de gênero, que no caso é uma vivência agênero, têm experiências acerca de suas performances de gênero completamente distintas.

Rafa Kaje é do povo Guarani, morador da aldeia Tekoa Pyau que é localizada no Jaraguá e relata como sentiu sua descoberta de identidade:

Então teve uma pessoa né, que, era um amigo né, tipo, aí do nada ele falou que eu tinha nascido errado né, e que loucura era errado, isso marcou um pouquinho né, tipo machucou um pouco né, tipo depois daquele momento eu me questionava muito né, sobre essas questões religiosas também né, aí eu fui um pouquinho pra depressão também, aí, resolvi perguntar né, pra, para líderes religiosos do nosso povo né, a eles tipo meio que acalmaram isso né, falando que não tinha essa coisa de, nosso Nhanderu, escolher né, certas pessoas, mas que nhanderu olhava pra todos, aí, comecei a me levantar de novo. (2021)

Dentro do contexto de seu povo, Rafa pôde ter uma experiência de acolhimento maior que Vitor Munhoz, segundo os relatos de Vitor. Com pesar

em sua fala, comenta que uma das dificuldades de se relacionar é a não autorização de sua família em que ele leve alguém para sua casa que seja de alguma relação ou contexto afetivo-sexual.

E, ainda sobre esse tópico, é importante que tenhamos dentro do nosso círculo social pessoas com as mais distintas vivências para que consigamos ampliar nossas percepções sobre a vida e as realidades, e, ao tirar as pessoas LGBTQIA+ de uma categoria minorizada composta de “infinitas letras” como alguns dizem, que vejamos Victor, Carla e Rafa, com suas vivências específicas, mas não o homem gay, a mulher trans e a pessoa não binária.

A humanização de nossas vidas e trajetórias é necessária e urgente, pois, só dessa forma que é possível dimensionar quando uma ou um de nós é assassinado, não somos números ou estatísticas, somos vidas com gritos ensurdecedores que vocês fingem não ouvir.

3.4 Refletir para emancipar: Sexualidades.

As sexualidades das pessoas que moram na periferia também são alvo de disputa territorial, literalmente. Na comunidade gay o termo local, como já mencionado antes, representa a possibilidade de ter algum espaço físico (casa, apartamento, quarto, carro) que possa ser utilizado para uma transa.

Nesse sentido, as pessoas que não tem o local vão viver suas experiências como podem: local de outra pessoa que tenha, motéis, hotéis, *cinemão* e *banheirão* (ver capítulo 3.3).

Se pararmos para pensar na nossa cultura brasileira, é muito comum que um casal hétero ao começar estreitar seus laços que sejam apresentados às famílias de ambas as partes do casal. Diferentemente de casais heterossexuais, casais não héteros não têm a mesma facilidade de entrada no escopo familiar como dormir na casa do outro ou frequentar a morada da família da ou do parceiro com facilidade.

Dessa forma, a diferença na tratativa de casais não héteros é nítida. Em minha experiência particular, só pude trazer algum ficante ou namorado para dentro de casa depois que meu pai, ainda policial militar na ativa, se separasse de minha mãe e fosse morar em outra casa.

Algo que é digno de nota é também pensar que, ao ter uma pessoa se transformando e se descobrindo, todo o seu entorno se transforma, como disse Linn da Quebrada em sua participação no programa Big Brother Brasil, edição de 2020, transmitido pela Rede Globo. E, na minha relação com minha família não foi diferente, depois de anos de conversa, hoje minha casa passou de lugar inóspito para um grande viadeiro. Me monto de drag queen na presença de minha mãe, já trouxe namorados para minha casa e visto-me da forma que sinto e sou sem qualquer problema.

Luisa Rafacho em sua entrevista também comenta a diferença da tratativa de sua família em relação ao seu namoro com outra mulher, em detrimento da forma que lidam com a relação de seus irmãos, por exemplo. Segue:

(...) meu pai foi uma coisa assim, mais, tipo aí eu não quero ela aqui, foi um processo também sabe, ele começou a gostar dela assim, sinto que ele gosta como pessoa, dá pra ver assim, dá pra sentir, mas não é uma coisa tipo ah, proibido, sabe, não gosto, você tá proibida de vir, mas é aquela coisa tipo, ah, não fica de porta fechada, sei lá, alguma coisa tipo assim, se fosse um menino tava suave sabe. (2021)

Portanto, não só nossa identidade mas nossa relação com sexualidade também precisa ser sorrateira, na espreita. E, dessa forma muitas coisas negativas podem acontecer, tais como infecções e doenças sexualmente transmissíveis, sujeição a certas experiências que atrapalham uma construção de humanidade e sensação de dignidade por essas populações. Tudo por um grande tabu social imposto sobre os tema do sexo e o cerceamento de sexualidades distintas da norma esperada pela sociedade e familiares.

E, assim como relatado no capítulo sobre Identidades, as experiências se alteram conforme as vivências de cada pessoa. Para Carla, por exemplo, a sexualidade foi sua forma de sustento e sobrevivência:

(...) aí foi quando eu cheguei aqui em São paulo, já, já voltando um pouco a andar, mas eu mancava um pouco, é, aí vim pra São Paulo pra me prostituir, morei um bom tempo na casa de uns cafetão lá na

Deputado Emílio Carlos, aí de lá eu fui pra pra casa de cafetina né, numa pousada aqui perto do, na, na Cantídio né, então desde lá, eu comecei a me prostituir né, mas eu pagava as diárias né, e saia pra trabalhar, e nesse processo todo né, eu conheci uma pessoa e essa pessoa me ajudou, e desde lá eu continuei na prostituição também, não queria saber de estudo, não queria saber de nada, porque eu não tinha documentação e eu também, eu achava que, a gente não tinha oportunidade, ainda mais assim né, porque como eu não tinha documento foi quando eu conheci, né um curso do Carrefour, e aí desde lá, a minha vida começou a mudar, a mudar, mudar, mudar, entendeu. (2021).

Portanto, seria leviano falar que todos sofrem com a sexualidade da mesma maneira, alguma pessoas talvez gostariam que o problema delas acerca de sexualidade fosse não ter onde transar e não precisar do sexo como fonte de renda.

3.4.1 Cinemão e Banheirão.

Como dito anteriormente, os contextos sociais e econômicos de cada LGBTQIA+ condicionam a forma com que terão possibilidades de descobrir-se sexualmente. Há de ter uma primeira força em transformar estigma em alegria, pecado em prazer e vergonha em orgulho; as relações homossexuais já saem de um ponto de largada que não é neutro, é totalmente rasgado por olhares punitivistas e castradores.

E, como podemos acompanhar ao longo do presente trabalho, da adversidade nós vemos fazendo a oportunidade. Desde o Brasil colônia com Xica Manicongo até os dias de hoje, a vida errante e marginal de nossa população encontra caminhos alternativos para viver o que se é necessário para colocarmo-nos afirmamente nos lugares em que passamos. Com a sexualidade não foi diferente.

Nos expulsam da Igreja e mamamos o padre ou o pai de família que vai ao culto nos domingos, nos dizem aos gritos, socos e xingos que somos pecadores mas comemos o mano hétero no sigilo, nos zoam e urram contra nossa feminilidade mas pedem que deixem-os usar calcinha em nossas camas.

O controle da sexualidade é perverso, pois não é da sexualidade pura e exclusivamente dita. É um controle sobre o pensamento, a dúvida, o desejo e o corpo de uma sociedade inteira.

Trago o banheirão e o cinemão como pontos fundamentais de serem expostos, pois, é um lugar com um poder político extremamente fortes, na mesma medida que confusos. São nesses locais que homens héteros, que não assumem suas sexualidades, exibem seus dotes procurando se aliviar, e, na falta de lugar, se encontram com homens gays também na descoberta de suas sexualidades e experiências.

Há um campo curioso entre o lado de “dentro” e de “fora” do armário nesses encontros. Em banheiros de shoppings, estações, praças, parques ou em cinemas pornô que podem ser encontrados nas regiões centrais da cidade de São Paulo, as experiências se trocam em um jogo de olhares, desejos, curiosidade, liberdade em oposição à proibição, um jogo de tesão e gozo que acontece a todo tempo, e que, inclusive deve estar acontecendo em algum banheiro da cidade enquanto lê.

É de se pensar no aspecto insalubre e perigoso que compõe esse lugar, que ironicamente, é o único espaço que sobra para nós e de lá fizemos e ainda fazemos nosso Jardim do Éden. Carlos Henrique Lucas Lima, em seu livro *Linguagens Pajubeyras* nos traz seu depoimento sobre o tema:

foi no banherón que eu fiz muitos amigos e onde também tomei consciência de minha sexualidade. Não que tenha me “descoberto” [...] por lá, mas sim que foi nesse ambiente, naquele momento de minha vida o único lugar em que eu podia desejar e ser desejado, que aprendi fantásticos códigos de socialidade, sentindo-me pertencente a algo que, apenas com o tempo, passei a entender. “O quê, beeshha?”, perguntaria uma amiga, e outra talvez respondesse: “uma linda piranha de banheiro!” (LIMA, 2017, 98)

De forma maravilhosa, utilizando a linguagem de resistência travesti, o Pajubá, Carlos nos traz um panorama de como esses encontros tiveram potência e importância em sua descoberta. Assim, como também foi da minha.

3.5 Refletir para emancipar: Religião.

Há uma esfera em nossas vidas que nenhuma referência bibliográfica, nenhuma titulação ou palestra poderiam suprir, nossa relação com o sagrado e o espiritual.

Quando pensamos nas nossas necessidades de emancipação crítica e analítica da sociedade nos municiamos de conceitos, estudiosas, estudiosos e testes, é uma forma de defesa para validarmos nossas existências e de pautarmos as urgências que precisamos ver em movimento para preservar nossas conquistas e avanços de novos espaços. Mas, ao pensarmos no campo espiritual e de ligação com a divindade, muitas pessoas da comunidade LGBTQIA+ se afastam ou são afastadas desses ciclos sociais.

Em minha experiência pessoal, vindo de uma família com mãe religiosa, muito novo fui inserido no universo cristão, virando um coroinha católico, ajudando o padre a celebrar as missas de domingo.

Porém, ao perceber o que esse espaço esperava da minha performance de gênero e sexualidade, fui aos poucos me desligando de minhas crenças e conexões com meu campo espiritual. Foi um afastamento sutil, sem episódios de violência expressa, como acontece com outras pessoas que são tidas como endemoniadas, humilhadas e tão condicionadas até prestarem inclusive testemunho orgulhoso de serem “ex-gays”.

Ao olhar para minha experiência do passado, vejo hoje como me distanciei do que as pessoas, o humano, fazem com o sagrado. Uma interpretação torta e falha do que é um amor incondicional vindo de alguém que olha por nós. No entanto, não me conecto com uma figura masculina, branca e magra como o sagrado. Assim, reflete Linn da Quebrada:

Religião é se religar, se reconectar.. e.. Deus, Deus é uma palavra tão linda né Bial? Deus é uma palavra composta de “eus”, Deus tem eu em si. E eu só posso acreditar em um Deus que também acredite em mim. E por isso que eu tive que reinventar esse conceito de Deus e eus. Eu acredito que o que seja sagrado está contido em mim e eu esteja contida também no sagrado. Deus é formado e transformado

por todos os eus que eu já fui e todas aquelas que eu ainda vou ser.
(2020)

Dessa maneira, nós enquanto LGBTQIA+ também buscamos formas de nos reconectar com o divino, tirando essa grande cisão que passamos por sermos lidos como pecado, demônios e pragas em muitos espaços religiosos. Duda, uma pessoa cristã traz também seu depoimento sobre:

(...) quando era pequeno eu sofria muito preconceito, eu escutava demais, ah vou para o inferno, ah tô possuído por algum anjo do mal, é... tô... isso não é de Deus, isso não é coisa de Deus, você não vai para o céu, então escutei muito isso e escuto até hoje, só que... lá em Levíticos 20:19 tá escrito, que se você se um homem se deitar com outro homem como se fosse mulher, ambos os dois, estão banidos de morte, por que é um pecado muito, é... grande né, tá escrito lá em Levíticos 20:19 e só que em João que eu não lembro o número tá dizendo que matar é pecado, porque em Levíticos que é um livro antigo, antes de Jesus Cristo, tá pedindo para você matar aqui dá para matar quem faz sexo com cachorro, quem envia a mãe nu, quem pensa a mulher do próximo se for hoje vai todo mundo morrer, se for colocar lá em Coríntios também tá dizendo que não herdaram reino do céu, então ninguém vai herdar o reino do céu, se você for pelos antigo testamento, que é aquele testamento que manda apedrejar a mulher, nas outras religiões né, que a mulher também sempre, é colocada como baixa nessas eleições que seguem o antigo testamento, você pode ver, todos os que seguem testamento, a mulher só serve para reproduzir a mulher não pode estudar, não pode fazer nada entendeu, tem que andar toda coberta, só que Jesus Cristo Ele veio, e plantou diferente, ele foi lá e mostrou diferente, a única coisa que ele pediu para a gente fazer, é amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a ti mesmo, fazer o papel dele que é isso que eu faço, ajudar o próximo da forma que eu posso [...] Jesus Cristo também falou que não faz distinção de ninguém entendeu, de ninguém, então tipo assim, tem uma parte da Bíblia fala que nem uma música do Luan Santana fala, amar não é pecado, então se eu tiver fazendo o ato que eles dizem que é, que é pecado sendo amor, se amar não é pecado então não estou pecando, eu tô amando entendeu, e Deus ele sabe que ele deixou um sentimento em mim, deixou um sentimento no ser humano, que a gente mesmo não entende que é um sentimento que se chama amor então tipo assim, se a gente acaba gostando da pessoa se apaixonando pela pessoa, e vou ter uma relação com essa pessoa, é... isso não é pecado, isso não é pecado, então tipo assim, ele quer que a gente seja feliz, ele quer que a gente faz o que ele pediu, que amar ao próximo né, mas só que a gente seja feliz, então eu acho que Deus ele não vai me julgar como errado entendeu [...] (2021).

Portanto, aos poucos estamos refletindo sobre a separação do que é feito e dito em nome do sagrado, entendendo quais são nossas pontes com esse vínculo espiritual. É importante portanto para nós entendermos essa separação

de instituições religiosas em detrimento das religiões, que são múltiplas. Não necessariamente nos encaixaremos nos moldes cristãos e tudo bem, temos Umbanda, Candomblé, Budismo, Kardecismo e nossas intuições que nos religam com algo que pode fugir de todas essas religiões, algo sem nome que nos nutre.

3.6 Refletir para emancipar: Lapidações a serem feitas.

Achamos que ao nos assumirmos nossa luta acaba ali, mas ainda temos muito o que caminhar depois de nos assumirmos. Reconhecer nossas sexualidades não nos isenta de ter vivido em uma sociedade machista, racista, gordofóbica e lgbtqia+fóbica, portanto, todes precisamos nos rever para que assim como almejamos uma sociedade mais justa e acolhedora para nós, que também não sejamos oprimidos em nossas questões e opressores em questões que não nos atravessam.

É contraditório mas comum encontrarem homens gays homofóbicos e extremamente heteronormativos, dentro da do nosso universo encontramos falocentrismo, gordofobia, transfobia, homofobia e racismo como traços muito marcantes na comunidade LGBTQIA+, e, aumentam de acordo com uma menor vulnerabilidade ou também maior oferta de estudo.

Somos condicionados a competir uns com os outros e muitas vezes usando a discriminação dentro do próprio grupo como forma de defesa para a própria existência. Um exemplo clássico disso são os gay smart fit¹⁰ que fazem piadas e tentam inferiorizar as gays afeminadas e periféricas, é uma força de operação por ao se aproximar mais da heterocisnormatividade sofrer menos discriminação e estar mais favorecido em oprimir e rechassar quem se

¹⁰ Forma popular de nomear os homens gays frequentadores de academia, muito fortes, definidos e másculos, que muitas vezes têm um comportamento bem discriminador com pessoas menos heteronormativas na comunidade.

distancia da norma, ao meu ver como uma maneira de negar o vínculo com essas pessoas; “sou gay mas não afetado”, como dizem.

Duda traz um depoimento sobre a desunião da comunidade:

Então não é unido, eu acho que não porque... Tem muitas pessoas que são a favor dos nossos direitos né, mas é igual essa parte que eu acabei de falar para você, é... Muitos gays que se vestem de homem, não gosta de mim, não sei por qual motivo, se é porque eu sou mais feminina, se é porque eu dei mais o cara a tapa pro mundo bater, se é porque.... Não sei qual a parte, mas tem muito preconceito dentro do mundo LGBT, então falar que é, é... falar que é unido, não são unidos né, tirando as partes que quando eu era casado quantos gays, deu em cima do meu ex, que era meu marido na época, muitos, que eram meus amigos entendeu, então tipo assim, a pessoa pensa, ah ele assumiu ele, então vai me assumir também, aí dão em cima. (2021).

Dessa forma vemos a competição e tentativa de afirmação, feita muitas vezes às custas de humilhação de corpos e corpos mais dissidentes e mais vulnerabilizados. E, inclusive, pessoas em situações de extrema vulnerabilidade também podem ser causadoras de racismo ou gordofobia. Trago como exemplo um episódio em que Angel participaria de uma *live* no Instagram comentando suas vivências e suas opiniões sobre ser LGBTQIA+ no Jaraguá, e, ao tentar conectar na live, só viu os stories feitos por uma participante do grupo, dizendo “só estou vendo uma negona aqui” e então rindo desconcertadamente. Só esse episódio consegue elucidar como acontece de algumas culturas de violência não serem rompidas, mesmo por parte de pessoas que sofrem com elas ou espectro delas cotidianamente.

3.7 Refletir para emancipar: Empregabilidade

Um outro ponto que é crucial ser debatido quanto às experiências de ser LGBTQIA+, principalmente em um contexto periférico, é sobre pensar em formas de subsistência. Quando nos deparamos com nossas identidades dissidentes temos um conflito bastante grande sobre a independência financeira, muitas vezes motivada pela preocupação do despejo familiar.

Nesse sentido, entrevistas de emprego e processos seletivos tinham uma grande rejeição pelo “diferente”, ou seja, tudo e todos que fugiam da norma branca cisheteronormativa. Coloco a palavra “tinham”, pois hoje a roupagem é um pouco diferente para algumas pessoas. Dependendo de certas vivências, há uma política de afirmação para contratação de pessoas trans e LGBTQIA+ como um todo, porém, nem tudo que reluz é ouro.

Em muitas dessas empresas com essas políticas de afirmação, à medida que vamos escalando os cargos que constituem a corporação, quão mais próximo de cargos de liderança, chefia e gerência das mesmas empresas, menor é a porcentagem de pessoas trans e LGBTQIA+ de maneira geral, ou seja, há uma ação de marketing empresarial em torno dessas contratações, porém com um crescimento profissional e escalada de carreiras muito limitados.

Ainda sobre o tema, vale destacar sempre as distintas experiências em ser LGBTQIA+ pelo fato da passabilidade. Vejamos:

O termo, em específico, surge dos estudos norteamericanos, passabilidade (“to pass”, em inglês) e originalmente é determinado através da característica de sujeitos que buscam segundo Lanz (2014), atribuir características de gênero, sendo elas físicas, nas gesticulações, na forma de se comportar de acordo com estereótipos de gênero opostos ao que foi designado ao nascer, com as quais se identificam, como o caso de pessoas transgêneras passarem por sujeitos cisgêneras (FERREIRA, 2017). Para, Pontes e Silva (2018), passabilidade indica o apagamento de traços e aspectos que se situam na fronteira do gênero. As atribuições relacionadas a experiência de passar por atuam como conectividade entre as experiências de gênero, sexo e desejo. De acordo com Duque (2017), a própria heterossexualidade é performática, destacando que a passabilidade encontra-se para além do gênero, abrangendo a sexualidade. (CALAIS, SILVA, 2019, 158)

Portanto, a passabilidade pode ser entendida com o quanto a pessoa pode ser lida pela performance de gênero que está performando no momento; uma mulher trans que opta por não se hormonizar ou fazer intervenções cirúrgicas terá uma menor passabilidade em relação à uma mulher trans que faz os procedimentos estéticos e a hormonização, por exemplo. Ou então, um

homem gay que se veste de maneira mais heteronormativa também terá maior passabilidade do que uma gay *poc*¹¹.

Seguindo esse raciocínio, quanto maior o ruído entre a norma e a performance de gênero da pessoa menor são também suas oportunidades no mercado de trabalho. O clássico “você pode até ser gay mas não precisa ser afetado”.

Dessa maneira, muitas pessoas com menor passabilidade e menor instrução acabam por ficar reféns de empregos que encontram como única saída, a exemplo da prostituição. Vemos o depoimento de Carla, disponível na íntegra nos anexos:

(...) eu me prostituía pra me manter, pra mim sobreviver, pra pagar meu aluguel, pra pagar as coisas, porque eu cansei de correr atrás, gente vocês não tem ideia, eu já cuidei de criança, eu já fiz faxina, eu já fiz bico em salão, coisa que eu cortava cabelo e não sabia cortar, eu fiz de tudo, de tudo, de tudo pra mim sabe, eu comecei a, um trabalhei em casa de família, passei seis anos morando nessa casa e, eu sabe, não dava, não dava, porque gente você não tem ideia do que as pessoas elas te olham pra você, elas te discriminam, ainda mais quando eu tava me hormonizando numa época em que eu trabalhei em casa de família, a mulher falou assim pra mim, olha o peitinho dela tá crescendo, manda ela embora, eu escutava ela falar isso pra mim, porque tinha um rapazinho que era o filho dela que tava lá, mas ela achava que eu ia dar em cima, que eu ia sabe, é, fazer coisas erradas, achando que a pessoa ia mudar o gênero dela, o jeito dela, então hoje em dia, eu estudando eu me entendendo, eu passei pelo que eu passei, então eu lutei muito, e sei porque eu consegui, sempre corri atrás, mas era pra prostituição que eu ia, era pra lá que eu ia, então não tinha outra opção. (2021).

Dessa maneira, vemos como as pessoas têm, ao lidar com o que é diferente da norma, um primeiro comportamento de exclusão e afastamento. Há como em um subconsciente dessa ação uma vontade de delimitar que a presença de pessoas trans só aconteça em becos e vielas, de madrugada e para a prostituição.

É totalmente sufocante imaginar quantas pessoas tentam manter as pessoas trans fora de uma sociabilidade corriqueira como a que pessoas cis

¹¹ Forma a qual a comunidade gay chamava as gays afeminadas em uma tentativa jocosa de deslegitimação, pela relação com o barulho do salto alto. Com o tempo o termo virou uma forma de empoderamento e força e muitas gays se auto intitulam POCs como forma de resistência à heteronormatividade no meio gay.

experenciavam, impondo com olhares, falas e agressões que a vida dessas mulheres e homens trans tivessem de ser feitas apenas à espreita. Uma vida escondida.

E, indo contra o que a sociedade espera, temos também esforços gritantes dessas pessoas em entrarem em outros espaços, por exemplo ainda na fala de Carla:

(...) gente, eu passei muito tempo da minha vida, sabe que que é muito tempo, é você não ter essa oportunidade que hoje tem, é você não agarrar, eu não tive, eu não tive, se eu parar no tempo agora, eu acho que pra mim vai ser complicado, por isso que hoje em dia, as pessoas mandam uma coisa pra mim eu já tô me inscrevendo, manda outra coisa eu já tô fazendo três ou quatro cursos entendeu, eu entrei aqui na etec do Jaraguá, passei para o curso de administração, aí, acho sei o que que tem, passei, passei, aí no meio meio meu curso eu engatei no secretariado online, aí foi, foi, foi, aí eu fui consegui estudar, (...) aí eu tô firme e forte no secretariado né, segundo módulo e eu não consigo me divertir, acho que a minha diversão é estudar e, gente aqui, na nossa região, hoje em dia eu não tenho estágio, entendeu, eu não estágio, porque muito difícil, muito difícil você conseguir um estágio para mulheres transexuais e travestis, na nossa região, é difícil, é muito difícil, já olha eu já levei currículo aqui nos Sondas, já levei currículo em outros lugares, sabe acho que as pessoas não tão preparados, acho que não estão preparados não, acho que é falta de conhecimento sabe? fazer uma reciclagem na vida delas, largar o passado e vamo viver o futuro porque o futuro é o que a gente vai deixar de bom, mas é muito difícil, muito difícil mesmo e a minha luta é essa, a minha luta é com a empregabilidade, eu sei que é difícil, vai ser difícil, eu já falei pra mim mesma, eu quero trabalhar na minha região e é aqui que eu quero trabalhar, eu já falei, não importa gente, a gente, gente eu não me importo se eu for trabalhar em serviços gerais, limpando, não, eu quero, eu quero muito isso, porque eu não tenho nada na minha carteira, eu não tenho nada, hoje eu tenho o estudo, hoje eu tenho o ensino médio, o fundamental, eu tenho o técnico, tô chegando lá, tá quase, mas é muito difícil gente, muito difícil, eu falo pra todo mundo, gente, eu acho que durante toda a minha vida toda, acho que eu poderia ter passado por tudo, pelos tiro, pela prostituição, mas eu vivo sabe, eu quero que as pessoas busquem o conhecimento, vamo estudar. (2021).

Então, temos de nos conscientizar, talvez sobre o óbvio, que realmente quando vemos uma mulher trans e uma travesti trabalhando com prostituição, há muito mais sobre falta de oportunidade do que escolha.

Ainda sobre o mesmo tema, Duda também fala em sua entrevista:

a gente sofre demais por muito preconceito, pelo que o povo acha que a gente, só é bem visto na prostituição, não não é na prostituição, a gente pode ser médico, pode ser é motoqueiro como eu sou, pode

ser professor, pode ser tudo entendeu, sei que alguns não tem, não tirando a... também o trabalho delas né, das que se prostituem, é porque eu acho que não teve uma... um tipo de estudo, um tipo de, de... como se fala, de... aí uma chance, como eu podia ter, tipo assim, eu lutei muito para conseguir chegar onde eu cheguei hoje, não uso drogas, nenhuma, nunca usei droga na minha vida, não bebo bebida alcoólica, sou vegetariana há nove anos, então tipo assim, são coisas que fui aprendendo com a vida e sempre lutando e sempre pisando nas barreiras porque foi muito difícil, foi muito difícil. (2021).

Vemos o quanto realmente o que faltam são os acessos aos espaços empregatícios, podendo com o acesso à eles transformar a vida de diversas pessoas e seus entornos. E, mesmo quando conseguimos acessar esses espaços, já entramos com diversas ressalvas e comportamentos que esperam de nós e que não são necessariamente o que somos por natureza. Vitor também fala em sua entrevista dos padrões a serem seguidos na empresa que trabalha:

(...) e dentro do meu ambiente de trabalho eu me sinto confortável para ser o que eu sou, assim problema assim, logicamente como a gente tá no meio corporativo a gente entende que, são assim o padrão do padrão sabe, muitos padrões que a gente precisa seguir ali, enfim é um pouco complicado falar dessa questão corporativa (VITOR, 2021).

Então, conseguimos ter um espectro de todos os conflitos sociais e que, muitas vezes desencadeiam conflitos psicológicos e emocionais para a população LGBTQIA+ que a população hétero e cisgênero nunca nem sonhariam em passar, dentro dessas circunstâncias.

Portanto é urgente que as ações afirmativas de contratação continuem existindo e, para de fato reluzam feito ouro, tenham também planos de carreira e de aprimoramento profissional para essas pessoas que entram nas corporações.

Que nos acostumemos a ver em um futuro breve *CEO's* trans, gerentes lésbicas, superintendentes não binários. Nossa capacitação para chegar a esses espaços é notória, precisamos continuar nos esforçando para quebrarmos as capacitações de homens brancos ricos, velhos, cisgêneros e heterossexuais de nos barrarem de acessar esses locais.

3.8 Refletir para emancipar: Ser LGBTQIA+ no Jaraguá.

Para falarmos sobre essa questão de ser LGBTQIA+ no Jaraguá, já tivemos até aqui durante cada fala de uma pessoa entrevistada e, também nas minhas colocações, nosso bairro sussurrando nossas experiências. Vivendo aqui, cada situação de enfrentamento e acolhimento, moldaram hoje nossos sentires e pensares, que se materializam em nossas falas, posturas e ideais para com o mundo.

É nesse bairro incrível com uma história ancestral a ser descoberta que vamos também nos descobrindo, assim como redescobrimos e conhecemos Xica Manicongo um pouquinho a cada dia. Durante cada entrevista perguntei o lugar preferido de cada pessoa no bairro, e, dentro da multiplicidade das respostas, tivemos em três delas um encontro. Luisa, Vitor e Rafa Kaje amam o Pico do Jaraguá, assim como eu.

E vejo poesia nisso, o local mais alto da cidade de São Paulo, aqui é de onde tudo se vê. E somos assim, correnteza que passa silenciosa, murmurando nas estruturas de um Estado inteiro que tenta nos excluir. Já avistamos do alto, assim como do Jaraguá, os pontos que temos para trabalhar. E que grande trabalho, diga-se de passagem.

Mas assim como esse trabalho e o documentário que vem sendo feito em paralelo à ele, estamos nos articulando, planejando nossas saídas e entradas para todo esse roteiro confuso que querem que caibamos. Já estamos do alto e nos acolhendo, e nossos sussuros começarão a ser uma voz baixinha, aquela que só se ouve quando ativa uma atenção refinada, até ser uma voz audível e então chegar aos gritos que romperão com o genocídio da população LGBTQIA+ que ocorre a tantos anos e insiste em continuar. “ Que termine em mim mas não acabe comigo”, já dizia Linn da Quebrada.

Vamos então pouco a pouco construindo um espaço mais acolhedor para nós e as gerações que virão depois de nós em nosso bairro, afetando e sendo

afetades nessa troca constante que o atrito de nossa presença causa na malha do bairro.

E, se querem saber, assim como Luisa Rafacho, não pretendo ir para o centro me afirmar enquanto LGBTQIA+, de onde estou, sou, e sou por inteiro.

Luisa comenta sobre o que acha em relação a se sentir segura no bairro:

Sim, eu me sinto, eu me sinto, até porque eu me sinto em casa sabe, me sinto mais segura aqui do que em qualquer outro lugar, tipo se eu tô no centro, eu não me sinto tão segura lá, antes eu me sentia mais (...) Vem muito disso também, vem muito tipo, é um lugar que eu conheço as pessoas, conheço meus vizinhos, conheço a escola, né, conheço as pessoas do bairro (2021).

Portanto, essa relação de segurança e confiança para se ser quem é não é ligada a um local que seja economicamente mais favorecido e sim do quanto você cria relações de afeto e pertencimento, que te fazem sentir acolhido naquele espaço.

CONCLUSÃO

Depois de todos os materiais levantados pelo presente trabalho, vemos como existem movimentos de repetição e rompimento com os ciclos na história do movimento LGBTQIA+.

Temos de um lado por exemplo Carla comentando de ter utilizado silicone industrial e do outro falando de como sabe que isso é nocivo para sua saúde e de cuidar para que não venha a ter alguma complicação por este motivo.

E de um lado a outro no trabalho pudemos ver como os recortes em ser LGBTQIA+ precisam ser sempre analisados de acordo com cada vivência dentro da sigla, e, relações socioeconômicas e raciais também.

Dentre as pessoas entrevistadas, pudemos ver como a sexualidade e a empregabilidade têm um impacto totalmente distinto para mulheres trans em contraste com o impacto desses temas para um homem gay, por exemplo.

Mulheres trans urgem por outras possibilidades de empregos que não só a prostituição. Bem como também pouco a pouco estão conseguindo seus espaços em instituições de ensino, tentando alterar esse cenário de empregabilidade trans atual que é tão restrito.

Há de se notar também que nas vivências, mesmo dentro do mesmo grupo identitário, cada pessoa vive e sente sua performance de gênero e sua orientação sexual de forma totalmente distinta.

Nesse sentido, estereótipos sobre as pessoas da comunidade LGBTQIA+ não se fazem cabíveis, pois dentro dessa grande comunidade há muita similitude mas também diferenças avassaladoras.

Ao ouvir sobre Carla falando de seus esforços investidos em trazer mulheres trans e travestis que estão na prostituição para a conclusão de Ensino Médio e Ensino Fundamental, vemos como realmente temos uma

sensação de comunidade que tenta chegar a um lugar mais saudável e acolhedor de se viver, mas não sozinhas.

Essa conclusão é elaborada ainda ao passo que os contatos com as pessoas vêm sendo feitos, portanto, imerso em uma proximidade de um tema e reflexões que vão se atualizando a cada dia.

Sendo morador do Jaraguá a conclusão sobre a minha vivência, materializada em um trabalho é como uma fotografia que registra mas não estanca a vida, que segue acontecendo e se transformando.

Talvez quebrando um pensamento de que o centro da cidade de São Paulo fosse mais desejado e tido como mais seguro pelas pessoas entrevistadas, pudemos ver que a segurança para essas pessoas se dá pelos vínculos que têm nos espaços em que circulam, e, sendo moradores e moradoras do Jaraguá, os grandes vínculos familiares e de amizade fazem o bairro transmitir mais segurança para nós.

Ainda na finalização do presente trabalho reflito sobre a falta de lugares de sociabilização na periferia voltados exclusivamente para a comunidade LGBTQIA+, sendo muitas vezes necessário o deslocamento para o centro para esse tipo de experiência.

Esse é um ponto que poderia alterar de forma muito grande e positiva as relações dessa comunidade no bairro, por faltarem esses espaços e acabar enfraquecendo então os vínculos de pessoas LGBTQIA+ com pessoas LGBTQIA+, para além dos vínculos familiares e de amizade que na maioria das vezes não tem essa mesma vivência de grupo minorizado.

Portanto, movimentos como este trabalho fazem a onda movimentar, virão choques, calmarias, atuação na superfície e embaixo dela, mas o movimento não cessa. É preciso em meio a tanta violência encontrar poesia para continuar caminhando.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Transexualidade e travestilidade na saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CALAIS, Lara. SILVA, A PERFORMANCE DA FEMINILIDADE E PASSABILIDADE EM MULHERES LBTs. Juiz de Fora: Cadernos de Psicologia. v.1, n. 2. P. 146-167. Ago/Dez, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343749115_A_PERFORMANCE_DA_FEMINILIDADE_E_PASSABILIDADE_EM_MULHERES_LBTs Acesso em 01/10/2021.

CARTA para Além dos Muros. Direção: André Canto. Canto Produções. 2019. (93 minutos). Disponível em: <https://vimeo.com/303945287> Acesso em 10/12/2021

COEN, Monja. Apud Mário Sérgio Cortella. Qual o propósito da vida?, 2016. (1'58"). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3XjWr8_fT4k&t=5s&ab_channel=MonjaCoe n Acesso em 03/02/2022.

JESUS, Jackeline Gomes de. Xica Manicongo: A Transgeneridade toma a palavra. Rio de Janeiro, **Revista Docência e Cibercultura**. v.3, n.1. P. 250 - 260. Jan/Abr, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/download/41817/29703>. Acesso em: 26/10/2021

LION, Antonio Ricardo Calori de. Ivaná: A grande dúvida no Teatro de Revista dos anos 1950. **Albuquerque - Revista de História**. V.7. n.14. P. 102-120. Jul/Dez 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7869442.pdf> Acesso em: 24/10/2021

NERY, João W. Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois. São Paulo: Editora Leya, 2011.

NEVES, Paulo Cesar; ATENCIO, Daniel; VIEIRA, Darcson. **Mindat.org**: 2020. The History of Mineralogy in Brazil – from prehistoric times to oxycalciumite. Disponível em: <https://www.mindat.org/a/historybrazil010> Acesso em: 01/10/2021

Histórico: Conheça o histórico dos distritos de Pirituba/Jaraguá. **Prefeitura de São Paulo**, 2019. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/pirituba_jaragua/historico/index.php?p=466. Acesso em: 05/11/2021

PEDROSA, Marinaldo Gomes. Bombeiro fotografa senzala do Casarão Afonso Sardinha e revela o que sentiu ao entrar no lugar. **Jaragua SP Post**, 2018.

Disponível em:

<https://jaraguasp.blogspot.com/2018/01/bombeiro-fotografa-senzala-casarao-afonso-sardinha-revela-sentiu-lugar.html>. Acesso em: 03/11/2021.

Pessoa com HIV é despesa para todos no Brasil, diz Bolsonaro. **Exame**.

06/02/2020. Disponível em:

<https://exame.com/brasil/pessoa-com-hiv-e-despesa-para-todos-no-brasil-diz-bolsonaro/>. Acesso em 10/10/2021

Primeira trans a realizar cirurgia de mudança de sexo no Brasil foi chamada de "eunuco estilizado" na Justiça. **Jornal do Migalhas**, 2019. Disponível em:

<https://www.migalhas.com.br/quentes/296792/primeira-trans-a-realizar-cirurgia-de-mudanca-de-sexo-no-brasil-foi-chamada-de-eunuco-estilizado-na-justica>. Acesso em: 18/10/2022.

QUEBRADA, Linn da. (part. Jup do Bairro, Alice Guél, Danna Lisboa, Liniker Barros, Ventura Profana, Urias e Verónica Decide Morrer) Oração: Oração (2019). Disponível em: [youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI](https://www.youtube.com/watch?v=y5rY2N1XuLI). Acesso em: 29/01/2022.

_____. Pajubá: Submissa do 7º dia (2017). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/submissa-do-7-dia/>. Acesso em: 29/01/2022.

_____. Pajubá: Mulher (2017). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/mulher/>. Acesso em: 27/01/2022.

_____. (Participação Liniker). Pajubá: Serei A (2017). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mc-linn-da-quebrada/serei-a/>. Acesso em: 27/01/2022.

_____. eu só posso acreditar num d'eus que tbm acredite em mim. que acredite em nós. & sagrado mesmo, hoje, é esse programa, conversa com Bial, que eu não perco por nadaaaa nesse mundo!! espero que vcs tbm não !!! hoje, logo após o jornal da @RedeGlobo !! #LinnConversaComBial. 10/08/2020. Twitter @linndaquebrada. Disponível em:

<https://twitter.com/linndaquebrada/status/1292976720706973696> Acesso em: 09/01/2022.

REIS, Ana Cristina; SANTOS, Elizabeth Moreira dos; CRUZ, Marly Marques da. A mortalidade por aids no Brasil: um estudo exploratório de sua evolução temporal. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, v. 16, n. 3, p. 195-205, set. 2007. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742007000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 13/10/2021.

REZENDE, Érika Luiza Lage Fazito. **Mortalidade por aids no Brasil**. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde. Brasília: Universidade de Brasília, Páginas 111, 2012.

SILVA, Fabio de Oliveira Nogueira da. **Elementos de etnografia Mbyá: lideranças e grupos familiares na aldeia Tekoá Pyaú (Jaraguá – São Paulo, SP)**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Páginas: 207. 2008.

SOARES, Iarema. LGBTQIA+: saiba o que significa cada parte integrante da sigla. **GZH Comportamento**, 2021. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2021/06/lgbtqia-saiba-o-que-significa-cada-parte-integrante-da-sigla-ckqgxh2pf002a018myp0n02qo.html>. Acesso em: 10/10/2021

MENON, Isabella; SALDAÑA, Paulo. Bolsonaro faz associação absurda e falsa entre Aids e vacina de Covid, dizem especialistas; **Folha de São Paulo**. 24/10/2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/10/bolsonaro-faz-associacao-absurda-e-falsa-entre-aids-e-vacina-de-covid-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em 02/02/2022

A MORTE e Vida de Marsha P. Johnson. Direção: David France. Nova York: Public Square Films, 2017. (105 min) Disponível no site de streaming Netflix. Acesso em 01/09/2021.

BIBLIOGRAFIA:

32XSP, A vida (e a morte) de Marsha P. Johnson e a invisibilidade trans. **Carta Capital**, 2017. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/diversidade/a-vida-e-a-morte-de-marsha-p-johnson-e-a-invisibilidade-trans/>. Acesso em: 20/12/2021.

CARNEIRO, Celso Dal Ré; SANTOS, Luiz Fernando dos; SILVA, José Reynaldo Bastos da Silva. *Cavas históricas de ouro do Jaraguá: o que resta para se preservar?*. São Paulo: Revista Brasileira de Geociências, v. 41, n. 1, P. 108 - 199, 2011.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins (orgs.). *Direitos em disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

GREEN, James N.. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. Campinas: Cadernos Pagu. V. 15. P..271-295, 2000.

JARAGUÁ (antiga TAIAS). **Estações Ferroviárias**, 2020. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/j/jaragua.htm>. Acesso em: 05/11/2021

MIRANDA, Felipe Villela de. **CASA, VOTO E COMPROMISSO: Atendimento habitacional em redutos eleitorais de parlamentares paulistanos do PSDB e do PT**. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Páginas: 108, 2018.

MORAIS, Fernando Luís de. *Analítica Quare: como ler o humano*. Salvador: Editora Devires, 2020.

NOGUEIRA, Gilmaro. *Lugar de fala: conexões, aproximações e diferenças*. Org. NZINGA Mbandi; Marcelo de Tróia. Salvador: Editora Devires, 2020.

PEREIRA, Sandra de Castro. **OS LOTEAMENTOS CLANDESTINOS NO DISTRITO DO JARAGUÁ (SP) MORADIA E ESPECULAÇÃO**. Dissertação de Mestrado Geografia Humana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Páginas: 100. 2005.

PESSOA, Victor. Documentário Jaraguayana. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VwcnXuKP0sk&ab_channel=VictorPessoa Acesso em: 10/09/2021

PONCIANO, Juliano. **SP Bairros**. Jaraguá, sem data. Disponível em: <https://www.spbairros.com.br/jaragua/>. Acesso em: 06/11/2021

SILVA, Leandro Rodrigues Nascimento da. *Xica Manicongo: o ser travesti na Bahia do século XVI*. **Revista África e Africanidades** – Ano XII – n. 33, fev. 2020

Sobre o VAI. **Blog do VAI**, 2022. Disponível em:
<https://programavai.blogspot.com/p/sobre-o-vai.html>. Acesso em: 02/02/2022

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 22 ed, Páginas 146, 2015.

ANEXOS

5. Conversas transcritas.

Todas as conversas foram realizadas com o propósito do documentário que estava sendo feito no momento da também feitura do trabalho de conclusão de curso. As pessoas entrevistadas autorizaram o uso dessas entrevistas para o presente trabalho.

A documentação dessas entrevistas é um desejo de tornar essas vidas, essas potências de análise sobre nossa sociedade atual, como realmente registros de um momento histórico por um grupo hoje minorizado pela sociedade, para que daqui alguns anos quando um outro trabalho de conclusão de curso for realizar investigações parecidas, que os problemas sejam outros, os desafios atuais já estejam conquistados e firmados por nós.

5.1 Angel

Infelizmente, de todas as entrevistas gravadas a entrevista de Angel foi a única com problema técnico, impossibilitando ouvir qualquer fala gravada. Porém, como uma forma de registrar a magnitude das falas trazidas por Angel, alguns pontos principais serão destacados.

Angel conta que nasceu em família conservadora no Guarujá, e, mesmo com certas retaliações ainda tinha uma maior relação com seu núcleo familiar antes de transicionar. Algo do tipo que “tudo bem ser mais afeminado, pintosinha” mas não uma mulher trans.

Com o passar dos anos, foi se relacionando com pessoas que se sentiam muito atraídas por Angel antes de transicionar pois já performava uma grande feminilidade. Inclusive comenta de ir se descobrindo durante as vivências com homens mais velhos e com maior poder aquisitivo que gostavam

de sua performance de gênero e pediam para que se vestisse de forma mais feminina, como uma forma também de fetichizar seu corpo.

Porém, ao descobrir-se uma mulher trans, começou a experienciar outros tipos de afeto e desafeto que agora não aceitavam-na da forma que era. Inclusive, se relacionando com uma pessoa e indo morar em duas cidades do interior de São Paulo: Pinhalzinho e Bragança Paulista.

Angel relata que nessas cidades trabalhava em uma fábrica, e, nos primeiros meses de sua hormonização, começou a ter um maior aparecimento de mamas. Esse fator foi um gerador de um grande desconforto para ela, que, por uma total incapacidade e vontade de ter alguém como ela naquele espaço, manteve-a utilizando o vestiário masculino da fábrica, sendo alvo constante de violências e assédios.

Com o passar do tempo, Angel foi demitida dessa empresa que alegou não estar preparada para lidar com ela daquela forma, portanto, um caso claro de transfobia e discriminação no mercado de trabalho vivido por Angel.

É então quando Angel vem morar no Jaraguá na casa de um amigo irmão, que cedeu espaço de sua casa para que viesse para São Paulo em busca de mais oportunidades.

Angel comentou de como o trabalho é importante em sua vida, para se sentir livre, podendo acessar outros lugares e útil. Hoje trabalha em um bar gay noturno chamado Dédalos, localizado na região central da cidade.

Angel também comenta o quanto muitas das vezes prefere não sair de sua casa pelas violências que sofre por sua altura (entre 1.75 e 1.80), chamando muita atenção por onde passa e então intensificando as violências na rua.

Angel gosta muito de seu cachorro e ama sua casa, mesmo dentro de uma comunidade, mas com suas conquistas aos poucos materializadas em eletrodomésticos, decorações e dignidade de se viver.

5.2 Carla

Vale ressaltar que essa entrevista também contou com a presença de Airton Cruz, Glaucia Marina e Vitoria Albano, ambos colaboradores na realização do documentário.

- Victor: Ae, gravando. Belezura, primeiro Carla, muito obrigado de estar se disponibilizando de estar aqui com a gente, de estar nessa quinta a noite chuvosa, que você poderia tá assistindo Netflix, descansando, tá aqui com a gente.
 - Carla: Estudar.
- Victor: Aí, mas vai.
 - Carla: Muita atividade para fazer menino, o módulo está terminando o segundo módulo do secretariado e tipo assim, tá atividades em cima de atividades.
- Victor: Mas, mas vai ser muito importante para a gente mesmo esse encontro assim, porque a gente está fazendo em uma forma da gente, quando for fazer o documentário mesmo já, ter as perguntas mais, pra não fazer a mesma perguntas pra mesma pessoa, para saber da vida de vocês, o que é mais importante em cada momento para vocês, e aí para a gente começar, conta para a gente, quem é a Carla primeiro, de onde Carla Pinheiro veio, o que Carla Pinheiro é, o que ela sente, só se apresenta, não tem uma regra, pode usar signo hahaha, pode falar o que você quiser.
 - Carla: É... Ó eu sou, meu nome é Carla né, mas eu não sou retificada no documento, então eu ainda carrego meu nome de civil né, que é Luiz Carlos Alves Pinheiro, eu não tenho, tipo assim, vergonha do meu nome, porque... eu, foi uma trajetória na minha vida né, então tipo assim né, eu vivi desde criança e eu “sô” do Amazonas, Manaus, e moro em São Paulo né, já há um bom tempo, eu não sei basicamente os anos que eu estou aqui, mas vim de, vim de lá, vim devido, aconteceu uma tragédia na minha vida lá no Amazonas, saí de lá porque eu não tava me sentindo bem por tudo que aconteceu, e eu saber que aquelas pessoas que me prejudicaram e tipo assim, é... achava que nada, nada aquilo que tivesse acontecido pra eles era normal, mas para mim não tava sendo normal, para mim como ser humana, por tudo que eu passei, aí quando eu tive oportunidade de uma colega minha me chamar pra vir pra São Paulo, e na época eu tava andando, eu andava de muleta, aí foi quando eu cheguei aqui em São paulo, já, já voltando um pouco a andar, mas eu mancava um pouco, é, aí vim pra São Paulo pra me prostituir, morei um bom tempo na casa de uns cafetão lá na Deputado Emílio Carlos, aí de lá eu fui pra pra casa de cafetina ne, numa pousada aqui perto do, na, na Cantidio né, então desde lá, eu comecei a me prostituir né, tipo assim, eu pagava as diárias né, e saia pra trabalhar, e nesse processo todo né, eu conheci uma pessoa e essa pessoa me ajudou, e desde lá eu continuei na prostituição também, não queria saber de estudo, não queria saber de nada, porque eu não tinha documentação e eu também, eu achava

que, a gente não tinha oportunidade, ainda mais assim né, porque como eu não tinha documento foi quando eu conheci, né um curso do Carrefour, e aí desde lá, a minha vida começou a mudar, a mudar, mudar, mudar, entendeu. E nesse curso eu percebi que tinha outras travestis, outras transexuais, também estudando, terminando os estudo, tudo mais, aí foi quando eu descobri, sobre o transcidadania né, corri atrás do Transcidadania (menção ao programa Transcidadania, realizado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo) para mim, ia dar um apoio né, essa política pública para nós, aí foi que eu comecei a entender a realidade da vida, foi quando eu comecei a estudar, porque eu só tinha, eu só tinha o que, eu só tinha a quarta série e muito tempo atrás né, que eu tô o que, to com 37 anos, então, tipo assim, eu nunca tive oportunidade de entrar dentro de uma sala de aula, poder sabe, ser reconhecida pelo meu gênero, pelo meu, pela minha orientação, pelo que eu sou, ser respeitada pelo meu nome, coisas que eu não tinha né, porque na infância tudo isso eu não tive oportunidade, e a gente acaba se afastando da educação, se afastando também da Saúde, e eu acabei também passando a me auto medicar com perlutan, com outros medicamentos de hormonização e aqui em São Paulo também apliquei silicone industrial nos meus glúteos, e hoje, hoje com a cabeça que eu tenho, com o conhecimento que eu tenho, eu me arrependo de muita coisa que eu fiz com meu corpo. Colocar silicone industrial eu não recomendo pra ninguém, né, porque a gente sabe que é uma bomba-relógio e a gente hoje eu estou cuidando dela para mim, mas eu sei que lá na frente vai ter que consequência, porque isso faz parte né. Conheci a Dilaine, pessoa maravilhosa, foi um anjo na minha vida, ela foi um anjo na minha vida, ela foi, pensa aquela pessoa assim que te resgatou no momento mais difícil, quando eu me prostituía no site, e as vezes eu consumia droga, eu bebia, eu passei por tudo isso, eu trabalhava a noite, eu ficava cansada, as vezes eu ficava o que eu queria da minha vida, as vezes eu não tinha outra saída, achando que eu não tinha né, foi aí que eu conheci a Dilaine, que ela conseguiu tirar minha certidão, ela conseguiu tirar tudo, aí foi só um esforço, foi só um empurrão pra mim, entendeu e foi de lá que eu comecei a correr atrás das minhas coisas, e hoje em dia eu trabalho como agente de prevenção também que é muito importante para a gente mulheres trans e travestis que trabalham a noite, então eu levo muito conhecimento para essas meninas, eu apoio, eu ajudo, eu, hoje em dia, eu vou ser muito sincera, meu computador é logado pelo poupatempo, porque, tipo assim, eu faço ajuda voluntária para elas, como eu não tenho documento eu vou lá ajudo sabe, vou lá aí marca isso aqui pra mim, eu vou lá eu marco, então eu sou o tipo de pessoa que eu faço as coisas, não só pensando em mim só eu, eu acho assim, eu acho que a união faz a força, que hoje eu tô conquistando um espaço, eu quero que todas conquistem porque só eu lá na frente não dá certo, eu acho que eu quando entrei no Colégio Kaufman, né aqui na minha região, eu fui muito abraçada, muito, muito abraçada mesmo né, pela coordenação, pelos professores, mas lá tinha uma outra trans, mas aí ela desistiu do

colégio e aí eu me senti sozinha, eu me senti mais sozinha, foi quando eu entrei no ensino médio, então o ensino médio pra mim, ele foi, foi uma coisa assim muito perturbadora por um lado, por isso lado foi bem, porque eu não bem recebida pelo, pelo colégio República Argentina, apesar que todo mundo achar que é um colégio ruim, tem um monte de coisa, todo mundo fala mal né, mas a gente sabe muito bem que tem muitos educadores ali, muito importantes e eles me ajudaram muito, e o que eu me senti meio excluída, é porque você olha assim para o seu redor, e você vê que você só é a única, eu acho que acredito assim, quando a gente, eu acredito que eu senti na pele, o que uma, uma mulher negra passa quando vê um monte de gente branca, e quando passa, quando você é a única. Eu sabe, eu vi na pele também, eu acho que tudo isso a gente não sente representada, a gente não sente sabe, no acolhedor, numa coisa assim sabe, não sei você, eu me senti muito assim, meio esquisito, mas veio a pandemia, a pandemia veio pegar todo mundo e a pandemia chegou eu tive que me adaptar, e eu passei por um processo muito difícil devido a trabalho e também essas coisas que tinha, e desde lá eu não desisti, não desisti, lutei, lutei, lutei pra terminar meu ensino médio, e conclui ele né, conclui acho que foi nesse ano ainda, e eu fiquei muito feliz gente vocês vocês tem ideia, quando eu peguei meu certificado, eu chorei, chorei, porque.

- Victor: Maravilhosa!.
 - Carla: Gente, vocês não tem ideia, você, você passar o tempo todo da sua vida, o tempo todo sabe assim, desde pequena, você luta com, você luta com o que você é realmente de verdade porque as pessoas falam que você é uma aberração, que você não é de Deus, porque aí você nasceu homem tem que ser homem e você tem que pegar mulher, essas coisas todas que confundiam minha cabeça, então eu acabei saindo da cidade da minha da minha mãe que é lá no interior né do Amazonas, nunca mais, a minha vida mudou porque, tipo assim, eu não tive lugares para ficar, a não ser, junto com outras travestis e na prostituição porque, eu me sentia bem ali, porque eu via outras de mim também ali, então não tinha como, entendeu, eu buscar educação, eu buscar estudo, porque naquela época você tinha que ter documentação, você tinha que ter moradia e eu não tinha moradia, então quando eu recebi o certificado, eu fiquei encantada, encantada, quando chegou lá tinha até meu nome masculino, nem liguei pra isso, eu falei gente.
- Victor: Só vem hahahaha.
 - Carla: Só sabendo que eu concluí o ensino médio é muito importante, porque a gente sabe que é poucas, é poucas, poucas mesmo que conseguem chegar lá e até mesmo poucas chegam a idade dos 35 anos né, sabendo que o Brasil é o que mais mata nós mulheres transexuais e travestis e é isso, então hoje eu continuo na luta, na luta bastante, muito muito mesmo, e eu quero agora, minha luta agora é arranjar um trabalho, o meu primeiro trabalho. Porque o meu primeiro

trabalho, eu nunca trabalhei de carteira assinada, eu nunca trabalhei, eu já trabalhei autônomo, trabalhando com outras pessoas, o que aconteceu comigo no Amazonas, foi o que marcou muito a minha história, porque eu levei cinco tiros, esses cinco tiros que eu levei, eu trabalhava em um restaurante, eu servia, é, prato, lavava prato, quando foram para assassinar a dona do restaurante, ela me fez de escudo, e até hoje, eu acho fotos entendeu, eu guardo muito isso comigo, porque o que eu passei, eu passei muito, muito, muito, muito, sabe assim, dei uma desestabilizada, foi dois anos para mim voltar andar, vivia viajada em cadeira de roda, e tipo assim eu precisava de ajuda, ajuda por quilo de arroz e kilo de feijão, eu não tinha, eu não tinha nem, nem apoio do governo, eu não tinha apoio de nada, então aquilo para mim foi muito marcante na minha vida, muito, porque ali eu vi o que a religião é capaz de fazer com um ser humano que tá, que tá, sabe a beira do abismo, e a pessoa usar a sua religião para tentar te resgatar, para tentar dizer que você, que tudo que aconteceu ali foi um castigo de Deus, que foi Deus que fez aquilo, sabe, eu tava, eu tava ao ponto de ceder, sabe que que é ceder, tava a ponto de ceder e assim, não, ele tá certo, eu sou errada, então, chegou o ponto de eu fazer isso, de eu desistir do que eu sou hoje entendeu, e hoje em dia eu entendo muitas travestis, muitas transexuais, que hoje em dia elas tiram o peito sabe, corta o cabelo, porque a gente é, é muito difícil, depende de cada ser humano, tentar desistir do seu gênero, tentar desistir do que é realmente de verdade, então eu nunca desisti, depois disso eu passei muita muita situação mesmo, devido a minha família, tudo, bate um filme na sua vida e quando comecei a estudar, eu filosofia, é o que eu mais amo, amo filosofia.

- Victor: Amo.
 - Carla: Ela me deu sentido a minha vida, ela abriu, ela abriu a oportunidade de enxergar o ser humano, de enxergar toda a minha trajetória de vida, tudo que passei sabe, e gente, aí eu comecei a estudar astronomia, sabe sobre planetas, aí somos nada sabe, aí você começa, o teu conhecimento começa a expandir, aí eu ficava curiosa sobre mim, sobre outras pessoas, porque que existe preconceito, porque que existe isso, sempre me indago até hoje me pergunto sabe, sobre tudo isso, sabendo que nós somos todos iguais, então, o meu conhecimento e assim, ele não não nunca, não para e eu vou continuando.
- Victor: Amo, amo, nossa, se prepara, pode falar.
 - Carla: Muita coisa, hahaha.
- Victor: Se prepara que vem muita pergunta por aí.
 - Carla: Pode perguntar.

- Victor: Mas me conta... Deixa eu ver de tanta coisa que tô, tô com vontade de perguntar, qual pra começar, você é, você não lembra mais ou menos quantos anos faz que você tá aqui em São Paulo então, tipo certinho.
 - Carla: Olha eu não lembro porque quando eu vim para São Paulo, eu vim com umas outras travesti né, aí a gente sabe, a gente não, a gente vive a vida conforme vamos viver, a gente tá tipo, a gente chega trabalha a noite, chega de dia, já tem que, entendeu, a gente não vive entendeu, a gente não tem isso do mundo que a gente vive, a gente acorda né, às 6h já vai embora trabalhar, depois você volta aquele horário que você consegue o dinheiro entendeu, e você passa o dia todo dormindo né, então nesse processo todo eu acabei me contaminando com a sífilis né, eu peguei sífilis duas vezes, eu também, graças a Deus não peguei HIV, mas hoje em dia eu tomo prep né, também levo pras meninas, e não lembro direito assim os anos, acho que eu chuto uns cinco, seis anos.
- Victor: Eu também, eu na minha prep aqui do lado também, desculpa, mas pode ir. Cinco, seis anos.
 - Carla: Então, mas acho que sim.
- Victor: E assim você, quando você se deu conta de que você era a Carla, que essa Carla né, é, você precisava aceitar sua natureza, aceitar sua alma, quando que você sentiu assim, foi, é, você sempre soube, foi em algum momento, um dia específico.
 - Carla: Então, quando eu era pequena, eu sempre me achei diferente de outros meninos né, e eu também nem sabia o que eu realmente era, porque eu era tão assim né, e quando eu fui, eu fui, a minha família, ela é uma família desestruturada né, porque o meu pai já teve, teve outro relacionamento né, traiu a minha mãe, a minha mãe separou dele, jogou a gente na rua, então tipo assim alguns dos meus irmãos, somos em cinco né, então alguns foram morar com o meu pai, outros foram morar com a minha avó, eu passei um tempo morando com a minha avó, quando eu era bem pequena, eu lembro uma vez que eu fui abusada sexualmente, é eu cheguei né, ao ponto de chegar com meu anus sangrando, e naquele momento ali, para minha avó, eu sofri muito, muito, muito mesmo porque até eu mesmo acabei apanhando né, apanhei muito porque ela achava que eu tava fazendo, não sei, quando eu fui morar no orfanato junto com meu irmão, que é o Paulo, lá que eu sofri muito, então eu não sei, eu não, eu não recordo de assim, só o ponto que eu chego pra você assim quem era Carla, porque, eu era abusada todo santo dia, porque a gente vivia num orfanato, um orfanato era separado, das mulheres e a gente vivia com os outros meninos, e dentro dos quartos, é tipo aqueles quartos de cadeia, tipo assim.
- Victor: Beliche assim?

- Carla: Beliche, entendeu, então tipo assim, eu era sempre uma pessoa diferente, então acabava sendo abusada, então quase todo dia eu passava por isso e a minha mãe ia lá, me visitar e eu falava pra ela, falava pra ela me tirar daquele lugar, que eu queria sair daquele lugar, então ela só fazia promessa, promessa, promessa, então eu sofri muito, muito mesmo, então, quando eu decidi sair de lá, fui morar com ela, não, morei com meu pai né, por um bom tempo, quando eu vivia com meu pai, foi uma época horrível, horrível, horrível, a gente não tem ideia, eu sofri demais, ele me batia todo santo dia, e me machucava e uma vez eu ia pro colégio, ele me fez comer feijão duro, eu nunca me esqueço das noites que ele me deixou do lado de fora, em cima do milho, e tudo isso, é, até hoje eu não falo com ele, até hoje ele não me aceita, a gente já teve umas desavenças muito severas, na minha, na minha, na minha adolescência né, até hoje eu não falo, eu não falo com eles, tipo hoje eu tô um pouco afastada, um pouco da família, porque, guardo muita mágoa, muita mágoa, acho que a Carla ela foi surgir mesmo de verdade, foi quando, é, eu ressurgi das cinzas né, porque levar cinco tiros, e você não sobreviver, você sobreviver e uma coisa de.
- Victor: Milagre né.
 - Carla: Milagre, porque eu levei cinco tiro, quatro no braço né, que até meu dedo é assim torto, e um na minha perna, que o da minha perna que foi sofrido porque estourou meu fêmur e eu caí no chão e estava sabe assim, ao ponto de morrer, porque eu fui hospitalizada, depois fui na emergência, cheguei lá sabe, sofri muito, muito dor, muita dor e de lá foram me transferir para um hospital de referência a ortopedia né, que foi o Adriano Jorge (hospital) lá do Amazonas, passei um bom tempo sabe, pra levantar o meu pé assim em cima, então. Lá bateu um filme da minha vida, bateu um filme e tipo assim, lá que, aquela, aquele rapaz, aquele menino que sabe, foi excluído da família, que foi, ele morreu ali, então eu ressurgi das cinzas e acho que foi ali que eu descobri quem eu era de verdade, porque, eu não sei, muito difícil porque o cara chegou, você vê aqueles tiros, você vê aqueles raios de luzes, e você sente somente aquela queimação, aquela queimação e você acha que tá ali morrendo, porque quando, então aquele momento eu acho que foi a Carla que surgiu, quando ela reergueu das cinzas e ali que eu corri atrás de me tornar quem eu sou hoje.
- Victor: Eu vou fazer umas outras perguntas se você não quiser responder, tranquilo viu.
 - Carla: Respondo tudo.
- Victor: Então tá bom.
 - Carla: Nada de pornografia hahahaha.
- Victor: Hahahahaha E se Vitória e Glau também quiserem perguntar alguma coisa, podem perguntar viu, é, duas coisas que eu fiquei querendo saber mais,

pra gente entender melhor a história né, quando você, quando aconteceu esse, essa tragédia né, lá dos tiros, você já, já tava em transição hormonal, já tava.

- Carla: Já, já, eu tenho uma foto como eu era antes, gente eu era, eu vivia tomando, eu me automedicação, eu sempre tomava uma perlutan por dia, por dia não, por semana, aí o que que acontecia, eu sempre, mas o que boiava em mim só era peito, não tinha, nunca tive como as bixa fala, não tinha axé pra corpo, então eu era paciente, então tipo assim, eu já tomava tudo isso.
- Victor: Não tinha axé prá corpo muito bom hahahahahaha.
 - Carla: Então, as bixa fala, porque tem gente que tem axé pro corpo né, a genética né, a gente sabe que, mas era totalmente errado, não aconselho pra ninguém tomar medicamento, porque hoje em dia o sus ele libera né esse acesso, eu sou uma pessoa que muito, sabe me tiraram as coisas quando eu era nova, quando, sabe aquela pessoa assim, não você não faz parte, você é o bicho e hoje em dia eu quero pegar tudo, eu quero tudo que a sociedade me tirou por direito.
- Victor: Tá certíssima.
 - Carla: Eu vou na fila, eu espero, eu falo, eu faço, eu faço acontecer, mas eu quero, entendeu, então eu tomei muito, nessa época eu tomei, até na época época São Paulo, eu comecei a tomar, mas eu nunca tive, acho que o tiro, os tiros, a hospitalização, me fizeram perder tudo, porque eu voltei, porque eu era.
- Victor: Você zerou né, foi como um renascimento.
 - Carla: Sim.
- Victor: Entendi e quando você tava falando dos abusos que você sofreu, a primeira vez foi no orfanato?
 - Carla: Não, a primeira vez foi quando eu cheguei lá sangrando né, pra minha avó.
- Victor: E quem foi o abusador, foi alguém da família.
 - Carla: Assim né, a gente é pequeno né, a gente tem esses moleque que anda na rua, corre e às vezes a gente tá ali naquela brincadeira então, você acaba, no meio dos meninos você acaba, acho que isso foi naquele momento ali entendeu, que aconteceu comigo, e eu fiquei sabe, sem entender porque a gente é, a gente é criança, não entende o que tá acontecendo, fui entender, foi quando eu fiquei internada né, nesse, nesse, nesse negocio pra crianças né, então eu fiquei muito sabe assim, muito, até hoje meu irmão fala comigo, é o único contato que eu tenho, porque no momento dos tiro, ele me ajudou muito, ele é da igreja, mas ele sabe, ele me ajudou muito, muito, muito vez a gente conversando, ele perguntou de mim, eu falei que era verdade, aí ele continuou assim, mas eu não sabia disso, sabe, a gente quando cresce, a gente começa a conversar sabe, então hoje eu tenho contato com ele, a mulher dele também é maravilhosa, me ajudou muito, muito, muito mesmo, sabe, então foi uma coisa que marcou muito a minha vida, foi,

essa moça que ??, porque eu pedi ajuda, eu pedi ajuda e aí, tipo assim, eu não tive ajuda dos funcionários, porque tinha uma senhora assim grande, que sei lá, me batia quando eu falava essas coisas, sabe, então você não.

- Victor: Pra te silenciar, não pra te ajudar de verdade.
 - Carla: Porque não tinha, porque lá no orfanato, ficava Santa Luzia, então era muito grande, ficava o colégio dentro, tinha uma igreja lá entendeu, era tudo lá dentro, então as pessoas que não tinham família essas coisas, só poderiam sair de lá com 18 anos de idade.
- Victor: E você, como que foi isso, você chegou a ser adotada, você...
 - Carla: Não, aí quando isso aconteceu, meu pai me tirou de lá né, tirou eu e meu irmão, isso, aí foi quando aconteceu tudo isso na minha vida com ele. Aí de lá, eu saí de lá né, porque meu pai me mandou para casa da minha mãe que era lá em Otávio, lá em Otávio de Borba, no interior é uma zona, mas foi lá que eu morei entendeu, lá naquela época não tinha Internet, não tinha, esses negócios que hoje em dia tem né, foi lá que eu percebi que eu era diferente, muito diferente, então lá eu sofri muito, muito mesmo, porque eu era a única pessoa né, que tipo assim, era mais assumida né, assim né, os trejeitos tudo, mas a minha mãe, sempre, sempre, sempre, sempre, me botava rédeas em mim, falava que isso é errado e não sei o que sabe, e às vezes aconteciam coisas sabe, que falava que não era pra mim ir, ela acabava cedendo, vai, vai vai, hoje em dia eu falo com as pessoas de lá, que hoje em dia eu tenho um canal no YouTube né, então tipo assim, teve muita gente que me viu aí, fala bem assim, ah porque tu não volta para cá, aí eu acabei falando, gente eu não me senti bem, acho que se eu tivesse ficado lá, aceitado tudo que a minha mãe queria, eu acho que eu não ia ser feliz, eu não ia ser feliz de jeito nenhum, porque, felicidade hoje é o jeito que eu estou que eu me olho no espelho, então muitos, muitas pessoas lá hoje, me olham diferente, por referência, porque fala assim, poxa essa daqui saiu de Otávio de Borba, hoje tá aí em São Paulo né, então, de lá que eu não tava aguentando mais a pressão da minha mãe, não tava aguentando mais a pressão das pessoas, foi quando eu conheci uma mulher, sábado de aleluia né, só que eu esqueci o nome dela, aí eu fui, aí eu fui fugir com ela dentro de um barco, aí esse barco depois da festa, aí fui nesse barco, fui escondido, porque como eu era é de menor, não podia né, então eu me escondi né, aí foi quando passou todos os trajetos das comunidades, pra eu poder sair, aí foi quando eu fui pra Manaus, na capital né, já, e fui morar na Colônia Antônio Aleixo, se vocês forem pesquisar sobre a Colônia Antônio Aleixo lá na Amazonas, vocês vão saber a história da onde era, onde é um bairro, não sei como é que pra hoje né, só sei que era um bairro referência de pessoas com hanseníase, pessoas que tinham lepra.

- Victor: Colônia Antônio Aleixo?
- Carla: Colônia Antônio Aleixo. Aí tem a história da Colônia Antônio Aleixo, lá tinha uns pavilhão né, o moravam as pessoas com hanseníase, só que naquela época é, já podia né, entrar pessoas e sair pessoas, pois teve uma época que elas eram isoladas devido a doenças né, então foi lá que eu morei conheci outras travestis, outras trans, foi lá que comecei a minha trajetória, né de gay, travesti, aí assim vai entender, porque a gente nasce mulher assim né, a gente tem a alma de mulher, mas foi aí que eu construí a minha vida, foi ali que eu conheci outras travesti, foi ali que eu descobri a minha primeira ISTs, entendeu, foi ali que a minha vida, foi ali que eu descobri a prostituição, foi ali que tudo aconteceu.
- Victor: E ali naquele momento, você não tava com nenhum contato da sua família, sua família sabia onde você tinha ido, você tinha desaparecido.
 - Carla: Não, a minha família não sabia, mas eles foram atrás de mim né, mas só que eu não queria porque eu me sentia bem ali, porque eu via outras travestis, eu via outras né, pessoas igualmente a mim, foi ali que eu descobri a vida de uma mulher, mulher, uma mulher transexual, nem transexual, porque ali naquela época só existia travesti, a gente só, a gente só via era da Roberta Close, mas era só travesti, então a gente saia era durante a noite vestida de mulher e durante a dia a gente botava aquelas roupa de homem, aquelas camisa grande né, boné, e eu usava peruca naquela época, então foi uma coisa assim que eu comecei, a lá me prostituir, há vários anos, tipo eu não tinha relação sexual, as pessoas que tinham, é, lepra ne, lepra e hanseníase, então, tipo assim, pra mim sobreviver, porque a gente morava né, nos quartinho de madeira, aí depois de quarto de madeira a gente morou até onde era uma Prefeitura abandonada, né, com outras, lá eu conheci a droga, eu conheci a cola, por isso que, eu conheci a maconha, eu conheci, sabe, foi de lá, conheci, pouca gente sabe, não existe aquela travesti, não existe aquela mulher transexual, que ao longo da sua vivência, anos atrás não passou por isso, muito difícil quando você não tem a família, você não tem apoio de ninguém, você dizer que você não usa droga, você não tem como, não entende.
- Victor: Você busca apoio em algum lugar né.
 - Carla: Eu morei na rua, eu passei fome entendeu, então, não tinha como, né, você é submetido a tudo isso.
- Victor: E... Meu, muita coisa, muita coisa, passado, to passado, dava um filme a sua história.
- Vitória: Deixa eu só retomar antes que a gente perca, então, é, eu queria perguntar sobre a sua família, mas assim é, você tem contato só com esse irmão que ele ainda fala com você e tal.
 - Carla: Só, a minha família, ela, minha mãe, hoje eu tenho contato com ela né, eu falo com ela pelo whatsapp e o meu pai eu não falo com ele,

a minha madrasta eu não falo com ela, minhas irmãs por parte de pai também não falo, a minha irmã por parte de sangue né, a última vez que nós nos falamos, foi, foi perturbador porque ela dizia que eu era, eu era irmão irmão, só que o irmão dela morreu, entendeu, aquilo pra mim, marcou muito então hoje ela não fala comigo, eu não falo com ela, e hoje eu tenho a minha mãe que eu digo assim, por falar que é mãe, mas eu não tenho ela como, de referência como mulher, como uma pessoa que, sabe que fez de tudo pelos seus filhos, e hoje eu sei o que ela colhe, o que ela tá colhendo entendeu, por tudo que ela fez, eu até, a gente faz as coisas agora, lá na frente a gente colhe, querendo ou não as pessoas acha que ele, aí não, vai comigo, você colhe, então, hoje a minha mãe tá, tá pagando, porque alguns irmãos irmãos falam, não tem aquele apoio, tem aquela família desestruturada, entendeu, então não, então hoje ela manda mensagem pra mim, eu respondo daqui dois três dias, entendeu, então tipo assim, eu não vejo ela assim como a minha mãe, mas eu tenho muita gratificação, muita gratidão pelo meu irmão né, que me ajudou no momento dos tiro, que me deu apoio, que correu atrás das coisas ele e a mulher dele, então assim eu acho que ele foi a única pessoa assim, que me ajudou, acho que devido ao orfanato, porque a gente ficou muito junto, nesse processo que a gente passou morando lá entendeu, e hoje em dia ele guarda muita, ele diz que não guarda, eu falo pra ele, mas ele guarda, ele guarda muita mágoa, ele guarda, tem muita coisa que ele não, as vezes perguntam de mim né, pra ver se, mas acho que ele não conta nada, mas eu sou boca aberta e conto mesmo, eu acho assim, eu acho que acredito, acho que contando, a sua história, eu acho que cada vez mais, a sociedade acaba mudando, então você botando tudo pra fora, tem uma cura né.

- Victor: E eu ia perguntar ainda também, como você se sentia lá, se prostituindo, seja lá, ou como era, foi isso, primeiro como você se sentia né, e se era diferente pra quando você chegou aqui em São Paulo e você continuou se prostituindo aqui por um tempo né.
 - Carla: Então, no Amazonas, a gente já fala assim, que a gente onde a gente mora é a sala de aula, né, porque é onde que tá a preparação, só que, a Europa é a Faculdade ne, aqui em São Paulo é o colégio, então, a gente fala assim, eu lá, eu me prostituía pra me manter, pra mim sobreviver, pra pagar meu aluguel, pra pagar as coisas, porque eu cansei de correr atrás, gente vocês não tem ideia, eu já cuidei de criança, eu já fiz faxina, eu já fiz bico em salão, coisa que eu cortava cabelo e não sabia cortar, eu fiz de tudo, de tudo, de tudo pra mim sabe, eu comecei a, um trabalhei em casa de família, passei seis anos morando nessa casa e, eu sabe, não dava, não dava, porque gente você não tem ideia do que as pessoas elas te olham pra você, elas te discriminam, ainda mais quando eu tava me hormonizando numa época em que eu trabalhei em casa de família, a mulher falou assim pra mim,

olha o peitinho dela tá crescendo, manda ela embora, eu escutava ela falar isso pra mim, porque tinha um rapazinho que era o filho dela que tava lá, mas ela achava que eu ia dar em cima, que eu ia sabe, é, fazer coisas erradas, achando que a pessoa ia mudar o gênero dela, o jeito dela, então hoje em dia, eu estudando eu me entendendo, eu passei pelo que eu passei, então eu lutei muito, e sei porque eu consegui, sempre corri atrás, mas era pra prostituição que eu ia, era pra lá que eu ia, então não tinha outra opção.

- Victor: Sim, hoje em dia, por ter, já ter usado né, sexo como uma forma de sobreviver e ganhar dinheiro e tal, hoje quando você se relaciona com alguém, algum romance ou coisa assim, como é pra você quando você tá transando, tem alguma, aciona alguma coisa ruim?
 - Carla: Quando eu cheguei em São Paulo, eu comecei a entender é que todos os homens que me procuravam, eles, eles me colheram como um fetiche, porque ele saiu da casa deles, tendo mulher, tendo filhos, casados, e quando buscavam meu serviço, eles iam lá fazer Você que tinha que fazer e pagavam, e iam embora, aí eu ficava, as vezes eu ficava eu dando uma de Platão sabe assim, ficava curiosa, ficava curiosa porque alguns clientes eles eram educados, alguns eram agressivos, outros te enganavam, outros sabem não queriam usar camisinha, então tudo isso sabe, começou a construir uma coisa na minha vida, foi quando eu olhei pra prostituição como uma profissão, que eu não podia me envolver, amorosamente com nenhum cliente, eu sempre tive que respeitar o limite, o meu limite era aquele limite ali que era o profissional e pagando eu posso fazer tudo, entendeu, tudo é tudo mesmo, entendeu, mas em termos de relação amorosa, eu nunca me envolvi com, com cliente sobre, de graça, de romance, entendeu, e, tudo isso, na minha vida, que eu comecei a entender, a perguntar, me endagar, porque das coisas que eu fazia, já fiz com mulher, já saí com casal, já saí, já fiz muitas coisas que hoje o meu assim sabe, fico meu Deus, as pessoas, já, já fiz isso, já fiz aquilo, gente, já fiz de tudo e hoje em dia, a gente acha que isso é até uma aberração, uma sabe? Mas nós seres humanos somos iguais aos animais entendeu, tem certas coisas que a gente tem o nosso lado obscuro, todo mundo tem o seu lado obscuro, não tem essa de, pessoa, que diz pra mim que é uma pessoa certa, todo mundo sempre tem algo que faz escondido, todos, então, é isso que eu ficava pensando, então hoje em dia eu vejo a prostituição como uma profissão né, uma profissão assim, quando você trabalha profissionalmente, quando você entende que aquele ser humano que vai vir pegar o seu serviço, é um ser humano, mesmo ele sendo assim, assim, assado, mas ele volta pra família dele, e quando esses clientes chegavam na minha casa, eu sempre falava, eu sempre falava pra eles, gente vocês tem que entender que vocês tem família, mulher e filhos, o que você faz hoje, lá na frente você vai colher, não

existe essas coisas entendeu, de pessoa aí vou fazer hoje por impulso e amanhã, não, você não deve transar sem camisinha, deve buscar sempre se cuidar mais, porque quando o cliente chega comigo, ele chega aí vou te dar tanto pra você transar sem camisinha, a pessoa vai lá transa porque ela quer, então a gente tem que pensar na gente, não só na gente como também numa escada, né, porque o homem que vai vir, transa sem camisinha, pega uma doença, leva pra esposa, desestrutura, sabe porque que eu digo isso, nem ia, mas eu vou contar, quando eu era pequenina, eu me lembro muito bem do meu tio, irmão do meu pai. Ele era né, comissário de bordo, e nesse processo da vida dele profissional, ele, ele viajava muito e de lá ele voltava pra sua casa e do nada a minha tia ficou doente, então era um casal hetero né, eles dois, e a minha tia veio a falecer, faleceu e ele ficou, aí foi quando ele veio a falecer, dói quando o meu pai, eu escutando, não sabia nem o que que era isso, não sabia nem o que era camisinha, falando sobre HIV, e toda a minha família toda abafou, o meu tio irmão do meu pai, o tio Arlindo, é gay, faleceu, mataram ele, então, ele descobri um tempo desse, que ele, mas eu já sabia que ele era porque ele não tinha ele não tinha, ele não tinha, tipo assim, você olhava ele era um homem sério sabe, e a família toda, sempre sabe, escondia da gente, escondia de todo mundo, quando uma vez eu morando na rua, eu liguei pra minha vó né, falei vó eu tô com fome, queria tanto comer, queria tanto que a senhora me desse, tinha um mercadinho na Santa Luzia e eu falava que eu ia passar lá, pra pegar as coisas, aí ela falou assim, você não pode vir não, só se você for igual seu tio, aí eu fiquei sem entender, foi depois de agora, a minha tia, o meu irmão falou, olha, tu sabe quem morreu, quem morreu? O titio, o tio Arlindo. Porque? Mataram ele, ele estava se escondendo, tu acha que ele era feliz? Assim escondido? Não, ele não era feliz. Então, tudo isso passou na minha vida então hoje em dia, e outra, quando eu fiquei hospitalizada e eu precisava de fisioterapia, aí eu peguei uma foto eu na cadeira de rodas né, aí eu postei no meu Facebook, nesse período facebook apareceu uma lésbica né, ela trabalhava lá no hospital, fundação tropical, pesquisa aí, é referente a HIV e doenças tropicais, lá eu conheci, ela me chamou pra ir lá, de lá eu tinha que fazer fisioterapia e lá, fui lá que eu, que a minha vida, sabe assim, descobri termo de HIV, sobre termo de tudo, a minha vida mudou ali, porque eu vivia ali fazendo fisioterapia com outras pessoas que tinham HIV e você não tem ideia do que as pessoas, não conhecem a sua história, não conhecem o que aconteceu com você, e elas olhavam pra mim como se eu tivesse sequelas da doença entendeu, porque a gente sabe que essa doença naquela época, no ano de 2000, que tava aquele processo todo, sabe, naquela época também era discriminado, a gente sabe que tem outras, outros estados

né, ainda tem uma limitação né, sobre esse conhecimento, então eu passei muito perrengue ali.

- Victor: Eles discriminavam, desculpa te interromper, fazendo uma relação como se tivesse pegado alguma coisa do seu tio...
 - Carla: Porque assim, deixa eu te falar, se você me vê, eu de cadeira de rodas, debilitada né, você vai no hospital, você não me conhece, eu levei cinco tiros, você não sabe de nada, aí você na cadeira de rodas entrando no hospital referência de HIV, aí que que você ia perceber, nossa quem é essa moça. Então muita gente que não conhecia a minha história, tipo assim, me discriminava entendeu, me discriminava muito, então às vezes eles mostravam, faziam exame, eu conheci também um rapaz lá também, que ele veio a falecer né, e às vezes depois da fisioterapia, eu ficava andando pelo hospital e não podia, tinha uma área de quarentena, que era uma ala que era isolada e as vezes eu fugia pra lá, e a maioria das outras travestis que faziam fisioterapeuta lá, elas tinham sequela né, então muitas delas saíam daqui de São Paulo, voltando pra cidade né, doente já. Então, é, é perturbador entendeu, o que eu passei é hoje em dia, por isso que eu corri atrás pra ser agente de prevenção, por isso que hoje em dia eu corri atrás pra mim saber o que que é HIV, o que é AIDS, o que é a prep, o que é o ?ina, eu pesquisei tudo porque eu vi umas amigas minhas morrer, a Ellen Crystal, foi uma amiga minha que ela faleceu, que ela me ajudou no momento que eu estava hospitalizada, eu via o que que essa doença é capaz de fazer, ela ficou pele e osso, ficou se vazando e no dia que eu fui lá ver ela sabe, mas chorei muito, muito, muito mesmo né, e sei o que essa doença é capaz de fazer quando você não tem conhecimento, quando você não cuida dela. Uma entrevista.
- Victor: Cê viu?
 - Carla: Parece uma coisa assim, muito de frente com Gabi.
- Victor: Não é? Um bate bola, falando futebol, aí você responde uma palavra, é... e aí, a gente mudando um pouco de assunto, mas me conta, aqui é São Paulo, agora hoje, quando você pensa em tempo livre, como você se diverte, como é o seu lazer?
 - Carla: Olha, eu nunca, eu aqui em São Paulo, eu nunca me diverti, eu nunca fui pra balada, eu acho que eu nunca tive tempo.
- Victor: Um dia você vai comigo hein, vamos?
 - Carla: É, eu não vou não, porque, gente, eu passei muito tempo da minha vida, sabe que que é muito tempo, é você não ter essa oportunidade que hoje tem, é você não agarrar, eu não tive, eu não tive, se eu parar no tempo agora, eu acho que pra mim vai ser complicado, por isso que hoje em dia, as pessoas mandam uma coisa pra mim eu já tô me inscrevendo, manda outra coisa eu já tô fazendo três ou quatros cursos entendeu, eu entrei aqui na etec do Jaraguá, passei para o curso de administração, aí, acho sei o que que tem, passei, passei, aí

no meio meio meu curso eu engatei no secretariado online, aí foi, foi, foi, aí eu fui consegui estudar, eu estava estudando ensino médio a noite, aí foi quando ligaram da administração, mas a olha, seguinte, você não vai mais poder participar, aí que eu fiz meu Deus, eu não fiz nada é que o sistema te entregou entendeu, você tá matriculada em duas turmas. Porque eu não sabia, quando eu me inscrevi no vestibulinho Etec, eu queria, eu achava que o sistema não acusava a gente, porque tava sendo online, eu posso tá aqui, eu posso tá ali, entendeu, né, a gente pode tá em dois lugares, mas aí eu acabei trancando né, aí foi quando veio, aí eu tô firme e forte no secretariado né, segundo módulo e eu não consigo me divertir, acho que a minha diversão é estudar e, gente aqui, na nossa região, hoje em dia eu não tenho estágio, entendeu, eu não estágio, porque muito difícil, muito difícil você conseguir um estágio para mulheres transexuais e travestis, na nossa região, é difícil, é muito difícil, já olha eu já levei currículo aqui nos Sondas, já levei currículo em outros lugares, sabe acho que as pessoas não tão preparados, acho que não estão preparados não, acho que é falta de conhecimento sabe? fazer uma reciclagem na vida delas, largar o passado e vamo viver o futuro porque o futuro é o que a gente vai deixar de bom, mas é muito difícil, muito difícil mesmo e a minha luta é essa, a minha luta é com a empregabilidade, eu sei que é difícil, vai ser difícil, eu já falei pra mim mesma, eu quero trabalhar na minha região e é aqui que eu quero trabalhar, eu já falei, não importa gente, a gente, gente eu não me importo se eu for trabalhar em serviços gerais, limpando, não, eu quero, eu quero muito isso, porque eu não tenho nada na minha carteira, eu não tenho nada, hoje eu tenho o estudo, hoje eu tenho o ensino médio, o fundamental, eu tenho o técnico, tô chegando lá, tá quase, mas é muito difícil gente, muito difícil, eu falo pra todo mundo, gente, eu acho que durante toda a minha vida toda, acho que eu poderia ter passado por tudo, pelos tiro, pela prostituição, mas eu vivo sabe, eu quero que as pessoas busquem o conhecimento, vamo estudar, gente, vocês não tem ideia, o que é, do que é maravilhoso e ao mesmo tempo, é difícil, é muito difícil, muito difícil de você chegar lá, muito, muito, muito, muito, falo gente, vocês querem desafio na vida? Estudem, aí sim vai ser um desafio, porque é um desafio, antigamente, a Edilaine, como que eu falava com ela, eu conversava eu não tinha essa fala, eu não falava, e era toda assim, ogro, não falava não gente, falava como menina da rua, eu falava mona, eu ficava achando dela sabe assim, toda, eu não tinha, eu não tinha eu comecei a estudar assim muito mesmo, porque eu queria, eu queria andar, eu não andava de dia, eu não saia de casa, eu ficava, eu ficava trancada 24 horas, entendeu, eu ficava atendendo cliente, eu trabalhava em site, sabe, minhas fotos tá lá sabe, tudo, hoje você vai pesquisa travesti com local, índia transex, você vai ver eu lá, não tem como eu apagar, não tem

como eu apagar o meu passado, não tenho que apagar as minhas fotos, não tem como, entendeu, eu já tentei fazer isso, mas não dá, hoje em dia você vai ver a foto da minha bunda, a foto do meu peito, a foto do meu pênis, entendeu, eu sei que isso pra mim vai ser difícil conseguir um trabalho, eu sei que pra mim vai ser uma barreira que eu vou ter que quebrar entendeu, mas também eu não posso discriminar o que eu passei, eu não posso discriminar, não posso apagar o meu passado, não tem como, as pessoas elas vão ter que me aceitar entendeu, pelo que eu era, pelo que eu fui, e tem que me olhar só o hoje de verdade, porque o que eu passei, eu tive que passar, hoje queria que eu fosse o que, que eu roubasse né, que eu matasse, não eu tive que passar por isso, pra eu poder conseguir o que eu quero, é difícil, eu sempre falo que vai ser difícil, por causa das fotos, eu acho que isso vai me prejudicar mais entendeu, mas mesmo assim eu não vou deixar isso me abater, porque eu já dei em lugares onde as pessoas falavam assim, volta pra rua, traveco, a primeira vez que eu entrei lá no ensino fundamental, no Kaufman, tá aí a coordenadora de lá, tem o coordenador que é o Rildo meu amigo né, foi no dia que eu fui lá, foi durante o dia, eu escutei muito rapaz falar dizendo, vai traveco, aí aquilo pra mim foi arriscado assim, porque cara eu vou passar por tudo isso de novo, sabe, aquilo pra mim sabe, me deu vontade de desistir, mas aí a Gabi, a Gabriela né que é a coordenadora de lá naquela época, minha amiguíssima hoje, que eu até pego às travesti de amiga tem uma prova aí, entendeu, eu fiz amizade gente, fiz amizade, aí indo lá pra estudar, mas hoje ela não tá mais lá, aí ela foi lá ela me chamou, ela redimi os meninos né, acho isso muito bonito, mas pra nós que já viveu uma vivência de exclusão, não é nada bonito né, é muito complicado, isso é depressivo e a gente sabe muito bem que cada vez tá acontecendo mais coisas, e a gente tem que quebrar mais barreiras, então a minha diversão é essa, é estudar.

- Victor: Amooo, amei.

- Carla: Amo. É porque eu não tive tempo, gente eu não tenho tempo, olha gente, aí porque tu já tá velha, não é velha gente, vocês tem que entender uma coisa, quando você é nova, jovem, você é aceita pela mãe, você é aceita pelo pai, você aceita tudo, você entra no colégio, você faz o primário, é fácil todo o processo, tá lá bonitinha, você entra já sala de aula, já tem ela a seu favor, você já tá com nome lá retificado se você quiser, lá seu nome é respeitado, amiga, tu não termina uma graduação com 20 anos porque tu não quer, tu não chega até lá porque você não quer, mas eu que vim de uma trajetória de vida, onde mulheres travestis, mulheres transexuais, era, não tinha como, não tinha a gente poder, só se a gente cortasse o cabelo, ficasse igual homenzinho, aí a família ia aceitar, achar nada demais, eu ia fazer tudo, aí depois, depois da minha vida estabilizada que eu me transformar,

que a gente vê muitos por aí, chegando aos 40, chegando aos 30 e poucos anos, e muitas de nós acaba passando esse preconceito, nós mesmo, nos travestis, transexuais, acabamos nos, como é que se diz, nos agredindo, a gente não somo uma classe, eu digo pra vocês porque eu sei que nós travestis, a gente não somos uma classe livre, não somos, sabe porque, porque a gente sempre discrimina a outra que não tem peito, a gente discrimina a outra que usa peruca, a outra que tem barba, a outra que não tem o seu, sabe, eu particularmente já passei por isso, hoje em dia eu não discrimino ninguém, hoje em dia eu vejo elas como um processo de sobrevivência e de vivência, porque se hoje eu tenho isso, se hoje eu tô aqui, eu lutei, eu sofri, então se hoje ela não tem seio, se ela não colocou uma prótese, porque ela tem a vivência diferente da minha e isso é diferente de cada ser humano, ninguém pode chegar lá assim, então é, é você não tem ideia, eu fico assim sabe, pensando na minha vida sozinha as vezes, olha como que depois que eu comecei a estudar, quantas travestis se afastou de mim, varias, varias, uma época que eu fiquei sozinha dentro de casa, foquei sozinha, vivendo sozinha, porque não tinha amizade, essas amizades eram outro tipo de amizade que eu aprendi na minha vida, mas as minhas amizades que viviam na prostituição comigo, viram que eu tava estudando, me afastaram.

- Victor: Hein, é, uma outra coisa, aí a, você queria falar uma coisa né Glau.
 - Glaucia: Eu queria fazer um adendo que eu joguei aqui no chat, mas eu não sei se deu pra aparecer, que, porque assim, não da pra fazer dois cursos na etec ao mesmo tempo, mas dá pra fazer um na etec e um na Fatec, então tipo pegar diploma de ensino médio, eles tão fazendo isso por histórico histórico, aí é só se inscrever e aguardar o resultado.
- Victor: Olha a graduação vindo meu bem.
 - Carla: Sabe que que eu tô correndo, tô tô atrás de um técnico de enfermagem.
- Victor: Eu vi você falou.
 - Carla: Mas nessa região não tem.
- Victor: Mas tem em ETEC, tem.
 - Carla: Mas tem na região de Bauru, gente não tem como.
- Gláucia: Se bobear tem em Jundiá.
- Victor: Não, eu acho que tem na Casa Verde gente, porque eu lembro que uma, o da ETEC Albert Einstein, depois procura.
 - Carla: Eu vou procurar.
- Victor: Mas eu acho que tem na Casa Verde, que não é tão longe daqui, ela é ali pelo Limão.
 - Carla: A não, se for por lá perto do transcidadania né.
- Victor: É, então, mas deixa eu te perguntar uma coisa, aí e eu super te stalkeio nos stories viu, ela cozinha horrores gente, morro de vontade de comer um almoço com ela, ela, nossa, outro dia ela fez um feijão bem temperado, meu

Deus do céu, mas deixa eu te falar, como que é pra você essa relação com o Jaraguá né, de tá aqui, você tem, sente com bastante amizades, você sente, onde que você mora aqui no Jaraguá mesmo?

- Carla: Ó, é porque tipo assim, eu vou falar um pouco sobre a minha vida amorosa, mas eu acho que ela não vai ser relatada no meu documentário tá gente, eu acho que é preservar o lado do meu marido né, mas, é a minha história de amorosa ela é muito conturbada, porque eu conheci meu marido era no Retã, Retão é um ponto de prostituição aqui perto de casa né.
- Victor: Isso que eu ia perguntar, você chegou a se prostituir lá?
 - Carla: Sim, eu conheci ele lá né, ele era meu cliente, não só meu como de outras meninas né também né, mas, e, durante esse tempo ele me tirou né, ele me colocou dentro de uma casa, aí ele me deu só o lugar né, pra mim poder seguir, aí ficou comigo né um bom tempo, aí eu me prostituía né, e foi difícil pra ele entender, o que eu tava fazendo, era profissional, então foi muito difícil pra ele entender, até hoje, aí nesse processo todo, eu sempre queria sair dessa vida, porque eu acho que não era certo, mas aí aí quando eu comecei a me aprofundar mais nos estudos, a gente acabou se separando, a gente se separou né, aí depois ele se envolveu com uma outra travesti, essa outra travesti, era o que eu era antes, sabe assim quando você, você se olha, porque você não é mais aquela pessoa e a pessoa vai buscar aquela pessoa que era você no passado, ele foi buscar uma pessoa que era eu no passado, porque quando eu vivia com ele, eu vivia dentro de casa, trancada, eu me prostituía 24 horas, eu vivia assim, então tipo assim, eu atendia eu falava assim olha, vai dar uma volta que eu vou ter que atender um cliente, então tudo isso eu passei com ele, a quando ele me abandonou, ele me abandonou na época da pandemia, ele já tava se envolvendo com essa travesti, ele morando comigo, já vivia com ela, então, esse processo todo, ele aprendeu, né, aí ele pediu pra voltar, aí a gente acabou voltando, tá recente né, esse relacionamento agora de novo e tipo assim, eu aprendi muito né, porque eu acreditava que uma mulher transexual merecia amor de um homem, então as vezes eu, com ele eu aprendi que não, não existe um relacionamento entre um cliente e uma travesti, porque o cliente sempre vai te olhar, o homem que te pega na rua sempre vai te olhar como um objeto, ele quer, mas aquele objeto, aquela pessoa é um ser humano, ela quer mais, ela quer crescer, ela quer progredir, quando você começa a pensar dessa forma, você é deixada, e, e até hoje, hoje eu vivo com ele, ele mora comigo né, acabou de sair, e hoje em dia eu falo pra mim mesma, eu não consigo, eu não consigo ser a pessoa que eu era antes, eu não consigo ser o que eu era antes, então, eu jamais, eu jamais, eu posso me colocar no mundo de uma pessoa, sabendo que esse mundo eu não pertencço mais, por isso que hoje em dia eu sempre falo, eu falo pra, que homem

que faz com travesti, com mulher transexual, sempre vai te olhar como um objeto, sempre vai te olhar como fetiche, enquanto você estiver de pênis duro pra eles, eles são ativo, passivo e quando você tiver bonita gostosa pra ele, entendeu, eles sempre vão te olhar, sempre foi assim, a sociedade toda, sempre via, olha o tempo que existe a travesti, olha o tempo daqui olha, e travesti sempre foi um objeto, sempre foi e o pior de tudo é que a gente não tinha nem cabeça, nem consciência de saber que nós, muitas vezes se prostitui, mas o que que elas fazem, elas fazem uma faculdade, elas fazem isso, elas fazem aquilo, mas cadê, quantas travestis estão formadas tão graduadas, a maioria de nós, só pensa no corpo, uma querendo ter peito maior, outra querendo botar o peito e assim vai, a gente esquece disso, e a gente vê também que muitas de nós acaba passando por esse processo e empaca, entendeu, então tipo assim hoje em dia, eu vivo com ele né, ele é uma pessoa maravilhosa, é uma pessoa trabalhadora e tudo mais, mas eu não acredito no amor entre uma travesti e um cliente da rua que te pegou.

- Victor: Mesmo depois desse tempo que vocês ficaram separados, voltaram agora, você ainda não.
 - Carla: Não, porque ele queria, quando eu me separei dele, quando eu vivia com ele, ele queria que eu fosse dele, então quando eu comecei a correr atrás dos meus documentos, a correr atrás da minha independência, eu fui deixada entendeu, ele nunca ficou do meu lado, ele nunca me apoiou, mas me apoiava na prostituição, eu ficava sem entender, até hoje eu falo pra ele, ele nunca pagou uma graduação, ele nunca pagou um curso pra mim, ele nunca pagou nada, eu que corri atrás das minhas coisas, então hoje em dia a minha vida amorosa é assim, se um dia eu for me relacionar com um homem, vai ser um homem totalmente diferente da minha vida, do que eu vivia, do que eu passei, do que sabe, acho que se um dia eu chegar no, no, no, num ambiente educacional, eu ver uma pessoa, ou um aluno ou um professor, se envolver comigo amorosamente, eu acredito nesse amor, mas eu não acredito nesse amor aonde tinha aquele olhar de te desejar, um olhar que você tipo assim, cansei de sair da minha casa, quantas vezes eu ia pro transcidadania, quantas vezes eu ia pro colégio, tinha cara que passava, parava o carro, quanto que é o programa, aí não sei o que, dentro do ônibus, quanto tá o programa, quanto que é a chupetinha, quanto que é isso, então sabe, tinha lugares que, sabe, que eu me sentia um lixo, eu tava correndo atrás de coisas que nem cliente sabia, que hoje em dia olha, tem clientes que eu ainda, eu ainda continuo trabalhando né, eu não vou mentir, eu sempre vou falar a verdade, porque eu não trabalho, eu não tenho trabalho, eu só tenho estudo e eu preciso me manter, preciso pagar o meu aluguel, preciso comer, preciso sabe, disso e daquilo, então transcidadania acaba esse ano agora em dezembro né, então, é vou ser uma luta pra

conseguir um trabalho, mas eu jamais vou dizer assim, aí eu sou isso, eu sou santinha, não, não, eu fui, continuo sim, continuo me prostituindo, porque eu preciso me manter, a maioria do meu dinheiro, desse processo todo, sempre gastei com meus estudos, material escolar, até um computador de um professor eu ganhei, entendeu, então tudo isso, é, foi esforço, minha luta, meu sofrimento, os dias de prostituição, as noites mal dormidas, quantas e quantas vezes eu tive, eu ia pro Retão a noite, trabalhar e chegava 2h, 3h da manhã sabe e tinha que fazer atividade, eu sabe, você não não ideia, o que foi o ensino médio pra mim, então, então tudo isso, de madrugada as vezes tres horas da manhã eu chegava, as vezes tinha cliente que eu tinha que atender 4 horas da manhã e sabe, eu não dormia, eu ficava acordada a noite toda estudando, prostituindo pra poder me manter, proque é difícil voce pagar aluguel, pagar água, pagar luz, tem que se alimentar, tem que gastar com material escolar, tem que gastar consigo, então a, ninguém bateu na porta da minha casa assim ó, pega vou te dar isso aqui, pega vou te ajudar com isso, durante esse processo, ninguém, então até hoje eu continuo me prostituindo, até hoje eu continuo me prostituindo entendeu, eu não vou mentir, e hoje em dia, até ele se surpreende, aí você estuda? Nossa, você estuda? Até eles sabe, não acreditam, mas tem muitos que apoiam, não vou mentir, eu tenho três clientes que eu digo assim que eles são o anjo da guarda pra mim, porque tipo assim, eles me ajudam muito, muito demais, já pagaram cursos pra mim, teve um cliente que já pagou até a prova agora, do, do escrevente que eu fui, ele pagou pra mim, então tipo assim, ah você não tem dinheiro pra passagem, então vou mandar um dinheiro pra ti, aí manda, entendeu, tipo assim, tem pessoas que pra mim, é, foi colocada pelo destino sabe, que foram lá me acompanhando que até hoje me acompanham, até hoje, hoje tenho uma relação de amizade com cliente que, que não vem, não mantém relação sexual comigo, são meus amigos entendeu, e me apoiam, eu fico sabe, são casados assim, mas tipo assim, eu tenho amizade com eles, então tipo assim, hoje em dia eu tenho a cabeça totalmente diferente, muito diferente, muito, então, é por isso que eu digo pra você, gente a vida da gente é extraordinária, tem seus altos e baixos, mas a gente tem que saber lidar com as situações difíceis e as boas, mas a gente...

- Victor: Uma pergunta, é... pera, pera, a primeira, você hoje, você mantém ainda, você vai, a primeira, você quando você tem que trabalhar, você vai no Retão ainda, porque aqui no Jaraguá mesmo Retão é um ponto muito forte né, de todo mundo conhece.
 - Carla: Vou falar é assim, só se mudou agora, porque na época é 10 reais a chupetas e 20 completo, mas é tipo assim, coisa rápida, aí 50 reais é no motel, as vezes você ali, é coisa rápida.
- Victor: Mas isso é no retão mesmo?

- Carla: Sim, no Retão, o Retão, mas também tem outros pontos de prostituição que eu já trabalhei, eu já trabalhei na lapa uma vez, só que eu não me dei bem, a gente fala assim nossa, não é teu axé, e a gente tem que respeitar, fui na Barra Funda, também trabalhei na Barra Funda, mas eu vou ser bem sincera eu já puxei neca, mas eu não vou puxar neca, na rua lá né, onde fica o puxo neca né, tudo mais.
- Victor: O que que é puxar neca?
 - Carla: Gente, você não sabe? Hahahaha não é uma rua que tem ali na Barra Funda, onde as meninas fixam nua né, e elas ficam com pênis ereto, elas ficam batendo punheta, e os clientes ficam passando ali na rua, aí vê os pênis delas, entendeu, às vezes dá caixinha, às vezes vê que o tamanho do pênis é grande, sabe? ~inaudível~ Aí de vez em quando levam elas pro programa entendeu, aí lá é a rua da neca, aí tem a rua ali perto do motel que já é de meninas, mais comportada entendeu, isso é o que eu passei, mas eu nunca me dei bem ali naquela situação, porque era longe, mas eu ganhava muito dinheiro ali na Deputado Emílio Carlos, ganhei muito dinheiro ali, muito.
- Victor: Entendi, mas hoje você ainda tem essa relação de ir pro Retão?
 - Carla: Ó, eu não tenho porque tipo assim, eu trabalho né, como eu trabalho ainda no site, o cliente marca o programa comigo né, a gente se encontra no motel, a gente faz o serviço e cada um pro seu canto.
- Victor: Aham entendi.
 - Carla: Então tipo assim, já é diferente, mas eu sempre falo, eu nunca dessa água beberei, eu posso um dia beber né, às vezes na época que eu estudei ensino médio, tinha época aqui em casa que faltava as coisas pra mim, e não, eu vou ter que botar uma roupa, tenho que ir pro retão, então tipo assim, eu não tinha com quem contar, eu tinha que comer, eu ficava ali no, não tem o shopping e tem um sinal pra cá, onde tem a viva, algo assim, ficava ali naquela esquininha, a gente faz o programa ali dentro do carro mesmo, bem na frente da ETEC, quantas e quantas vezes eu não fiquei ali, então a gente vê que tá em lugares, quando a gente sair a gente consegue.
- Victor: Meu que doido isso, você já ter passado na ETEC, nesses dois, não colocando valor em nada, nada, mas tipo assim, pensando tipo, você ter passado na, né, ter se prostituído ali na frente da ETEC e hoje você é também uma aluna ali dentro, tipo conquistando seus espaços né, conquistando suas coisas todas, eu acho muito foda, mjito foda.
 - Carla: Eu falo pras meninas assim, é difícil, não vou, eu falo que não é fácil, a gente, olha, a prostituição gente, é pro lado, pra quem quer constituir essa vida tudo bem, eu aceito de boa, eu não, sabe, mas não é pra mim, eu acho assim, acho que pra mim tá na hora de coisas maiores, acho que tá na hora da sociedade me ver sabe, a Carla que eu sou, sentada dentro de uma empresa sabe, trabalhando, eu acho que é isso que eu quero pra mim entendeu e eu acho que a gente

consegue sim, consegue se manter, consegue ter um salário mínimo, consegue manter seus benefícios, você sabe, ser reconhecida por esse lado, acho que muitas meninas elas acabam aproveitando, aproveitando não, perdendo essa juventude, perdendo a sua adolescência, perdendo tudo isso, fazendo isso, mas quando ela chegar os seus 30, 40 e poucos anos elas vai perceber, o tempo passa pra todo mundo, passa pra todo mundo, né.

- Victor: E... Meu, nossa eu tô amando conhecer a sua história, sério, era real que dava um filme.
 - Carla: Já dá um filme não.
- Victor: E... eu ia perguntar assim, no Jaraguá, qual que é o lugar que mais, é te marca afetivamente assim, que você.
 - Carla: Ah, tu perguntou de mim, o que que eu achava desse lugar né.
- Victor: Isso também, mas assim, se um dia a gente fosse gravar contigo, qual que é o lugar que você mais tem carinho, ou que você já superou, ou que de alguma forma você se conecta àquele lugar.
 - Carla: Gente eu acho que é onde eu trabalhava, porque ali no Retão, é algo que eu nunca, nunca imaginei, eu nunca imaginei que hoje eu me tornaria entendeu, porque gente você não tem ideia, é como se eu fosse, vamo supor, aí vamo gravar numa praia, aquilo ali não ia justificar nada da minha vida entendeu, eu acho que o Retão foi onde a minha vida começou, porque quando eu vim pra São Paulo, foi ali que a minha vida foi tomada aqui em São Paulo, foi ali, foi ali que tudo começou, da minha vida aqui porque São Paulo foi ali, foi de lá que veio, sabe, porque hoje eu amo esse lugar, eu falo pra todo mundo, hoje eu entro no mercado, aqui, eu sou muito bem vinda todo mundo me conhece, na rua da minha casa todo mundo gosta de mim, a minha sogra, a minha sogra mora ali no Jaraguá naqueles predinhos, sabe, eu fui muito bem...
- Victor: Você mora onde hoje especificamente?
 - Carla: Eu moro aqui no Jardim Pirituba, aqui perto do Sondas, aqui perto de Pirituba, aqui perto do shopping Cantareira.
- Victor: Ah tá, pertinho também, tendi.
 - Carla: Sim.
- Victor: Eu moro mais perto da estação Jaraguá mesmo, mas só por curiosidade mesmo.
 - Carla: Então, então aqui, eu me sinto bem, eu me senti bem acolhida, bem abraçada entendeu, eu já falo pra todo mundo, gente eu não sei se eu vou sair daqui, eu não consigo sair daqui pra ir para outro canto entendeu? Então hoje em dia, tipo assim, eu peguei uma amizade muito grande né, como eu sempre falo a Dilaine, ela foi pra mim uma pessoa que nossa, ela poderia muito bem ter dizido não para mim, quando eu cheguei lá com uma certidão xerox entendeu, quando, ela poderia ter dizido, não, não dá, não sei o que, eu tinha voltado, mas ela foi tirou do

seu próprio dinheiro, pagou a kinha certidão, entendeu, aí de lá comecei a tirar meu RG, tirei tudo com nome masculino, depois consegui o nome social, parece que eu fui a primeira mulher transexual a ter o nome social aqui no Jaraguá, né, no SIC, então você não tem odeia, acho que é isso que salva, oportunidades, as pessoas tem que dar oportunidades pra nós, oportunidades de mais assim, eu digo assim, muito de outras mulheres, porque assim, ela é uma mulher, né, e ela sempre me viu como uma mulher, e hoje em dia a gente ve muoto que a classe feminina, que é a classe das mulheres que discriminam nós, elas sao aquelas mulheres que ainda existem, ainda vivem na idade da pedra, que é aquela mulher que acha que, so pq ela tem vagina que ela é uma mulher, que ela gera filhos, ela é uma mulher, nao, eu acho que não, não acho não, não, porque uma mulher, ela luta, ela constrói historias, ela corre todo santo dia, ela passa humilhação, ela sofre abuso, ela tem que dar a cara com a sociedade, sabe, coisas que sabe, que uma mulher que diz que tem uma vagina, ela se acha uma mulher, ela é uma mulher que totalmente não tem o conhecimento da história que ela teve ne, porque a mulher teve uma história de luta, assim como o povo negro teve uma luta, teve uma história, assim como os gays né, os gays assim, tiveram sua luta e hoje em dia nós estamos lutando, estamos lutando estamos fazendo o que, estamos dando nosso sangue, dando a nossa alma, estamos dando tudo isso, quantos transexuais não estão morrendo, quantas não estão sendo discriminadas, quando, quando uma chega no médico e é discriminada, quando ela entra num colégio, ela é discriminada mesmo tendo leis e muitas delas, se elas não forem fortes, elas voltam, igual a aconteceu com o povo negro que eles lutaram por direito, que lutaram sabe, quantas pessoas não morreram? Várias, várias, hoje eu tô lutando assim, eu não penso mais em mim, eu penso em outras gerações, e assim a gente vai vivendo, eu acho que a revolução é dessa forma, dando o seu sangue e lutando por um objetivo, uma coisa certa, que é, a gente tem que ser livre gente, a gente tem que ser feliz, se a gente não for feliz vamos morrer triste sofrendo.

- Victor: Aí gente, meu, ai eu amei, sério.
 - Carla: São 21 horas já meu Deus.
- Victor: É, tem alguma pergunta Glau e Vi? Para a gente ir finalizani.
- Glaucia: Aí eu não sei, porque assim, eu queria, eu acho muito lindo da sua parte dessa coisa, de, você falou assim que você é praticamente um poupatempo, de que você tá ajudando ali, quem precisa, quem quer é, conquistar coisas que nem você tá conquistando e eu queria saber mais ou menos assim, você já mencionou, pressionou(?) um pouquinho sobre essa motivação sua, mas quero saber como você se sente fazendo isso, porque assim, eu entendo que é um trabalho extremamente nobre, é uma questão de ser muito, é muito maravilhoso porque justamente como você falou, de ah, eu

poderia simplesmente tá ali, conquistando o meu e dane-se os outros, ou eu poderia tá ali menosprezando as outras que não estão fazendo alguma coisa que eu to fazendo, mas você tem esse movimento de puxar as outras de olha, vamos fazer a prova, vamos fazer não sei o que, e eu queria saber como você se sente nisso assim, tanto, principalmente positivamente, quanto também negativamente, não sei, no geral, também não julgando sentimento, mas, quero saber um pouquinho mais.

- Carla: É... é porque eu sempre fui uma pessoa, sempre fui, queria ajudar as pessoas né, eu, eu sempre ajudei, até mesmo, é, nesse processo agora, tento ajudar, eu tento muito, o que me deixa muito desmotivada, muito triste é que às vezes muitas pessoas não querem, elas tem a mente muito pequena, até mesmo as outras travesti, já tipo assim, ah, discrimina a gente que tá ali, fala que estudar é pra gente velha, é que isso que aquilo, sabe, é muito, muito, muito, muito triste pra mim, então, eu não vou dizer pra você que eu sou uma pessoa forte entendeu, porque eu já pensei por muita coisa, já pensei até em desistir da minha vida algumas vezes, passei por um processo de depressão severa né, e, até mesmo na prostituição, aqui dentro da minha casa, já tentei me matar algumas vezes e só eu e Deus mesmo sabe que eu passei ne, ainda mais quando você se sente sozinha, porque eu acho que eu, como eu sempre falo, conhecimento é libertador, mas ao mesmo tempo ele te faz sofrer, porque, uma coisa que você não pode mudar é as pessoas, você não pode, mas se você pudesse arrastar arrastar mundo sabe, mas a gente faz aos pouquinhos e é difícil pra mim, porque você não tem ideia, porque, eu não sei se vocês já viram aquela, aquele trecho, negócio da filosofia de Platão, que é a caverna, quando você, você tá no meio daquelas pessoas, como eu vivia na prostituição, eu vivia igual elas entendeu, tipo assim, quando você sai, você vê que não é aquilo, quando você volta pra falar e as pessoas não acreditam, é isso que todo o dia eu passo, quando eu tento, tento, tento, falar com elas, mas eu não sei, eu sempre ajudava, sempre fala com umas meninas, que tinha uma menina do Retão que eu falava, que era até da minha cidade também, já morou comigo, aí eu não tava ajudando ela, porque o dinheiro que eu dava pra ela, ela ia la, comprava crack e fumava na pracinha, então toda vez era isso, e eu também já tava me drogando, porque eu comecei, a, a, eu cheirava pó todo dia, entendeu, tudo isso eu tava vivendo a minha vida, porque eu usava droga desde a época lá do ?, desde a rua, e, quando eu dei um basta nisso tudo na minha vida, foi quando eu acordei, mas eu sempre falo pras meninas, gente eu vim igual de vocês, eu vim da rua, eu tô com vocês, tem muitas meninas que sabem, a gente já deu umas padezadas, a gente já, sabe, hoje assim, hoje eu não tô assim, até hoje elas perguntam, ah mas você se droga, eu falei assim, amiga uma semana por vez, eu acho que o meu vício é os meus estudos sabe,

acho que eu peguei o vício da droga é coloquei nos estudo, e, sabe, e eu sempre falo isso pra elas, sempre falo pras meninas, converso muito com elas, mas é difícil de você colocar a semente na cabeça de todos, pode colocar uma semente, mas em todas as cabeças é difícil, mas a gente vai contando, aí eu descobri que a melhor forma de ajudar, é você se autoajuda, você se ajudar, foi quando eu comecei a correr atrás das minhas coisas, pra eu poder ajudar as outras pessoas, eu acho que as pessoas me olhando, me vendo e vendo a minha trajetória, vendo tudo eu acho que isso vai ajudar muitas delas, a acordar pra realidade e correr ne, atrás do que elas realmente querem, eu acho que é isso.

- Victor: Que lindo mano, aí, nossa.
 - Carla: Não é fácil não.
- Victor: Não, não é lindo assim nesse sentido, tipo ai que romântico, mas é muito potente, eu imagino que dá um b.o, um trampo muito, eu não consigo nem imaginar, mas assim é, é forte Carla, tipo, você tem uma força grande.
 - Carla: Eu já, as vezes eu já levei menina, tipo assim, gastei do meu dinheiro sabe, pra levar em outros lugares, aí eu tirar documento, vamo não sei o que, vamo ali tomar, vamos ali tomar, vamos fazer exame, sabe, eu sempre fui assim, porque eu acho que, eu acho que levando, dando esse apoio, eu acho que as pessoas começam a abrir mais a mente sobre nós né, sobre até mesmo elas, porque elas tem aquele olhar que sempre tem outra travesti que tem despeito com elas.
- Victor: Anham, competição né.
 - Carla: Isso, sempre uma competição entendeu, ainda me chama de Carlo, o meu apelido que as garota chama é Carlotinha do Corre, aí eu falo, gente corre? Gente eu não vendo droga não, é que não, tô fazendo corre de documento, hahahahahaha, sou estelionatária não.
- Victor: HAHAAHAHAHA, ai que daora.
 - Carla: É porque elas não compreende né, elas vem de, elas vem da minha cidade, a maioria que eu ajudo é lá do Amazonas né, então, tipo assim, eu não posso fechar a porta pra elas, não posso, que eu sou, são minhas conterrâneas, são pessoas que vem de vivência igual a mim, foi até piores né, então tipo assim, eu tô ali mana, eu chamo de mana por causa do Amazonas, mana, maninha. Então tipo assim, eu não posso, eu não posso, eu acho que eu não posso, é, como eu sempre falo, eu acho que a gente não vence sozinha, a gente vence com várias pessoas né, e eu sozinha eu acho que eu não ia conseguir se eu fosse uma pessoa arrogante, uma pessoa ignorante, uma pessoa que faz só pra mim, só é eu entendeu, que é o que mais a gente vê por aí, eu acho que lá na frente eu ia quebrar a cara, lá na frente eu ia quebrar o salto sabe e eu não quero isso, eu quero que as coisas aconteçam degrau por degrau, suando, ralando, dando o meu sangue sabe, porque é assim que as coisas é mais mais gostoso.

- Victor: Meu, brigadíssimo demais por esse papo de hoje, acho que a gente já colheu muito material, vai ser incrível, já tá super pensando nas ideias de gravação.
 - Carla: São quantas pessoas?
- Victor: Seis, são seis pessoas.
 - Carla: São seis pessoas dessa região? Nossa.
- Victor: Aham, seis, é porque a gente queria que assim, queria pra fazer mais ainda né, mas o que a gente queria era.
 - Carla: O documentário são de três meses.
- Victor: Sim, nossas gravações sim, a gente vai fazer assim, quando vai o primeiro, o projeto, a gente vai fazer um primeiro encontrão pra gente ver assim né, por exemplo, contigo, ó você pensou no Retão pra gente gravar que lugar que você gosta, vamos ver, aí é legal gravar de manhã, de tarde ou à noite, é, pra ir já anotando tudo, deixando tudo tipo.
 - Carla: É porque tipo assim, eu quero começar de lá, entendeu, e mostrar né, falar do SIC, não sei se pode fazer merchandising.
- Victor: A gente pode ver todas essas coisas assim.
 - Carla: É, tem que falar com a Dilaine, porque tipo assim, gente ela marcou muito a minha vida, aí ver o colégio onde eu estudei, porque esses colégios daqui, eu sempre falo pras meninas assim, gente, é, o Republica Argentina, o Colégio Estadual e tem o da prefeitura, gente é acolhedor, é acolhedor, falta mais reconhecimento disso, mas né.
- Victor: Mas, mas é é assim, vamo, é, vamo fazer um, um estudo melhor né, já pensar nas perguntas e tal, e meu, tá pra começar, na verdade já tá bem atrasado né, não é uma demora nossa, é da prefeitura mesmo, assim que eles mandarem, falar a gente pode começar, aí a gente já começa e qualquer dúvida que você tiver, qualquer coisa, só chamar, chama a gente no privado viu, qualquer coisa que você precisar.
 - Carla: Não, não, não, pra mim tá ótimo, é plena e preparada.
- Victor: Arrasou, hahahaha, arrasou meu bem, muito obrigado viu, uma ótima noite pra tu, obrigado assim, da confiança de você ter falado tudo da sua vida, obrigado da entrega, obrigado assim, não tem, não tem palavras, é um aprendizado pra gente, é, tipo assim.
 - Carla: Se precisar de fotos, essas coisas entendeu, sobre o acidente, sobre a foto do raio-x eu tenho entendeu, porque é bom dar uma comprovada né
- Victor: Sim, sim, isso tudo a gente vai já juntando depois também, mas meu, eu to assim, tá me fazendo bem conversar porque às vezes a gente fica muito né, na nossa, sozinho, eu tenho muito mais amigos heteros do que amigos gays, amigos lgbt numa forma geral, então tá me conectando com vocês, tá me fazendo assim, gente, tem gente que passou pelas mesmas coisas que eu, coisas mais difíceis que eu, coisas parecidas, coisas diferentes e a gente se sente mais forte quando a gente vê que tem gente pra quem contar.

- Carla: É isso que eu faço, quando eu tô triste, quando eu tô deprimida, às vezes assim sabe, eu vou lá no Facebook, aí a gente vê aquelas postagens de pessoas que, você olha assim, meu Deus e aquilo te motiva mais a viver, motiva mais a ser e eu acho que é o que nos deixa mais fortalecidos.
- Victor: Meu bem, muito obrigado, então bom descanso, se precisar de qualquer coisa no meio do caminho, manda mensagem pra gente viu, e um beijo, a gente vai te avisando das próximas coisas, mas foi assim, nossa maravilhoso viu, um beijo.
 - Carla: Tá bom amor, obrigada, beijo meninas, Vitória, como é o teu nome? Glaucai é?
- Victor: Não, tá errado ali é Glaucia, tá escrito errado hahahahaha.
 - Carla: hahahahahaha.
- Glaucia: Glaucia, desculpa.
 - Carla: Glaucia, tá bom gente, vamos se ver em breve.
- Victor: Sim, e ó, eu quero um almoço hein, vamos marcar esse almoço.
 - Carla: Vou fazer, hahahaha, o que precisar de fazer pra cozinhar, eu cozinho, tchau gente.
- Victor: Hahahaha tchau beijo.
- Vitoria: Beijo, obrigada viu.
- Glaucia: Tchau, tchau, boa noite.

5.3 Duda

- Victor: Ver se tá gravando, aí foi, beleza... Duda para a gente começar me conta quem é Duda, quem é Duda, o que Duda gosta de fazer, uma coisa bem livre não tem... aqui não tem que ficar sério viu, uma coisa bem para te conhecer mesmo, pode, qualquer coisa, tô ouvindo.
 - Duda: É...Eu sou Eduardo né, povo me chama de Duda, Du né por causa do nome, tenho 28 anos, fiz agora, quase falei 27 né. Aí eu sou uma pessoa que gosta muito de ajudar o próximo, eu tipo assim, depois de uma certa idade pra cá, eu percebi que a gente não veio na terra para viver só pela gente, entendeu, a gente veio na terra para fazer a bondade que eu sou cristão, sigo cristo e gosto do que ele fez, gosto de fazer igual, então eu gosto de ajudar as pessoas né, ajudar o próximo, fazendo o que eu posso, no que dá na minha, na minha... meu nível entendeu e... aí, é... comecei a ser assim lá pros 13 anos... foi quando eu comecei a sentir romance alguma coisa assim na vida e fui pegando esse afeto de querer ajudar, querer ajudar sempre o próximo, aí fui líder, líder aqui da comunidade que eu moro né, ah por dois anos e pouco e eu saí porque... tipo assim sair da liderança única, hoje faço parte da comissão de moradores que hoje tem até uma associação que eles fizeram né, da comunidade, então tipo assim ainda faço parte, só que tipo, eu gosto de ajudar as pessoas como eu falei, e quero ajudar pessoas de fora da comunidade também, não só dentro da comunidade

entendeu. E... aí seria isso, hoje eu trabalho como motoboy né, é... até fico pensando tipo assim, eu nunca vi nenhuma outra pessoa gay, pode ser gay assim hominho, que eu não conheço, mas que nenhuma identifica eu como trans, muitas pessoas me identifica como trans, então... uma surpresa para as pessoas na hora que me vê, uma... menina né, de que entrega marmitex, entrega pizza, a pizzaria teve vários elogios falando puro, é... esses dias mesmo, a minha patroa lá na pizzaria, falou que a mulher parabenizou ela por ter da... vaga, dar emprego para uma pessoa igual a eu entendeu, então tipo assim as pessoas gostam, tem pessoas que eu sinto preconceito no olhar de algumas pessoas né, são poucas, mas tem pessoas que gostam que acha de diferente, acha novo, porque... a gente sofre demais por muito preconceito, pelo que o povo acha que a gente, só é bem visto na prostituição, não não é na prostituição, a gente pode ser médico, pode ser é motoqueiro como eu sou, pode ser professor, pode ser tudo entendeu, sei que alguns não tem, não tirando a... também o trabalho delas né, das que se prostituem, é porque eu acho que não teve uma... um tipo de estudo, um tipo de, de... como se fala, de... aí uma chance, como eu podia ter, tipo assim, eu lutei muito para conseguir chegar onde eu cheguei hoje, não uso drogas, nenhuma, nunca usei droga na minha vida, não bebo bebida alcoólica, sou vegetariana há nove anos, então tipo assim, são coisas que fui aprendendo com a vida e sempre lutando e sempre pisando nas barreiras porque foi muito difícil, foi muito difícil, eu mesmo falo que eu já tentei contra minha vida algumas vezes, mas é por conta da do pesadelo que eu tive no passado entendeu, isso acaba trazendo problemas para mim hoje, entendeu, que foi o preconceito da própria, até família né, até começar a aceitar graças a Deus eles aceitam bem hoje, e... a população também, porque querendo ou não, tem preconceito, eu até tava conversando com as menina ontem falando para elas que tem muito gay encubado, muito homem incubado, entendeu, e... não tem coragem de assumir porque tem medo da população, entendeu, isso tem muito, tem muito ainda, não é, não é igual no passado que matavam né, mas ainda tem um pouquinho ainda, entendeu.

- Victor: E... ô Duda só para falar, quando eu estiver assim é que eu não estou prestando atenção não viu, é que eu tô anotando, então eu gravo e anota que é para não deixar passar nada hahahaha. Mas Duda, me conta, as pessoas às vezes te leem como uma pessoa trans, e como vocês se lê hoje?
 - Duda: Aí eu tipo assim, eu me vejo como gay, porque é... eu gosto da pessoa do mesmo sexo que eu, bissexual não sou, porque eu não fico mulher entendeu, então eu me vejo como gay, é porque tipo assim, tem tanto, tem trinta e dois tipos de gênero como falam, mas eu até agora não estudei os outros, só sei que sou gay entendeu, mas agora os outros tipos de gênero, se é trans, que que é, eu tomo hormônio porque eu não quero ficar careca né, por isso que eu tomo hormônio e também para deixar um pouco, o corpo um pouquinho menos masculino, evitar cabelo, barba, essas coisas entendeu, pêlo no corpo, que dá uma diminuída, então isso eu não gosto, daí por isso que motivo eu tomo

hormônio acaba trazendo o peito, essa que ele traz o peito, tenho que usar top, nessa que usa top eu viro mais feminina né, entendeu?

- Victor: E você...faz essa questão do hormônio pelo SUS?
 - Duda: Eu fazia pelo SUS só que daí eles cortaram, entendeu, eles cortaram estão vendo se volta de novo, mas é muito enrolado, aí eu tô tomando mesmo pela farmácia.
- Victor: Entendi, é... beleza e Duda eu sei que você trabalha muito, muito, muito, muito, como que é para você assim, tipo você já tava comentando né, da sua chefe que já recebeu até elogio e tal, mas o trabalho é uma coisa importante na sua vida, tipo, como que é?
 - Duda: É sim importante, porque as coisas que eu conquisto é devido ao trabalho né, é... As coisas que eu compro né, a minha moto mesmo que eu comprei, foi tudo trabalho, tipo como eu estava falando aquela hora, eu já tive muita chance, muita chance muita... me ofereceram demais, prostituição entendeu, pelo ter o corpo um pouquinho mais, feminino, feminis, feminino, mas me ofereceram muito, então tipo assim eu vi que isso não é para mim, que eu posso trabalhar igual a todo mundo entendeu, então é muito importante, porque eu consigo minhas coisas, hoje eu tô no barraquinho de madeira, amanhã eu quero ter uma casa de bloco, meu sonho é ter casas de aluguel, então meu sonho é crescer, crescer, crescer e crescer, então tipo assim, eu tenho que lutar hoje para descansar amanhã, mas cansar tipo assim lá para os 40 anos, não quando eu morrer, mesmo sabendo que nada disso que eu quero ter a minha vida hoje vai ser para mim para sempre, mas é que nem eu escutei o Gustavo Lima falando uma vez, isso é tudo emprestado, tudo aqui emprestado, que se eu morrer isso aqui vai tudo para outra pessoa, entendeu? então... eu quero lutar e crescer minha vida aqui, porque eu posso ter nascido numa família mais humilde, mas eu quero sim ser uma pessoa grande na vida, e adotar sim crianças, é... não que eu vou dar de tudo, porque da mesma forma que eu tô lutando, eu quero que eles aprendam a lutar, entendeu, então tipo assim é muito importante para mim o trabalho entendeu, trabalhei muito de telemarketing, trabalhei durante sete anos de telemarketing, me deu mais problema na cabeça, porque era muita pressão, agora trabalhando de moto me sinto livre, porque todo dia eu vejo um sol diferente, todo dia eu vejo a nuvem diferente, todo dia vejo a lua diferente, vejo pessoas, lugares, carros, caminhões e isso ajudou muito a minha cabeça na parte da depressão né, então isso ajudou, o meu único defeito que é o que eu falei para você que eu gosto de fazer que eu sou muito bom que eu acabo me apegando na pessoa demais e se aparece alguém na minha vida, ou eu me apego na pessoa errada, então meu único defeito é isso.
- Victor: Tipo você quer ajudar demais e acaba se afundando, alguma coisa assim.

- Duda: Aí tem pessoas que se aproveitam entendeu, até na parte mesmo de relacionamento, eu sou uma pessoa muito carente, então tipo assim, se aparecer um já to começando a me apaixonar.
- Victor: An ham.
 - Duda: Aí isso é um erro, entendeu, a parte minha, essa parte da bondade, ele é uma vantagem minha, mas também é uma desvantagem.
- Victor: Nossa só um parênteses, eu tô trabalhando em telemarketing e meu... minha cabeça tá assim ó...
 - Duda: Arranja uma moto e vai trabalhar de motoqueiro.
- Victor: Aí vamo, me arranja um emprego, que eu já vou lá, e Duda, você tava falando dessa parte do relacionamento, hoje você tá com alguém?
 - Duda: Não, não estou.
- Victor: Ficou borocoxô hahaha.
 - Duda: Sim, porque tipo assim, é igual eu falei para você numa parte, as pessoas, eu acabo me apegando muito em homens, homens bissexual entendeu, me apego mais neles tipo assim é muito difícil ficar com alguém afeminado igual eu, é... aí nessa dia que você se apega a pessoa não sabe o que que ela da vida, entendeu, a pessoa pode gostar de mim, amar, se apaixonar por mim, só que ela tem aquele medo da população, e isso me prejudica e muito, porque tem aquele medo de se assumir. Eu já fui casada, a pessoa chegou a se assumir tudo, mas depois de um tempo a pessoa foi lá e voltou, entendeu, para dentro do armário, começou a ficar com mulher, aí...mas ainda continua correndo atrás de mim, continua me querendo, mas eu não nasci para ser uma pessoa que fica com uma pessoa hoje, amanhã não tô com ela, seja uma pessoa só, um dia sim eu sei que pode aparecer uma pessoa certa, e também é mais difícil porque eu sofro preconceito no lado dos héteros, e sofro preconceito do lado dos gays, porque tem muito gay que é assumido que mesmo parecendo um homem, não gosta de ficar com pessoas igual eu, entendeu, uma vez eu entrei no grupo, de gay assim do WhatsApp, eu fui excluído porque me colocaram como travesti, aí me excluíram do grupo, entendeu, porque falaram que eu era travesti, então a gente acaba sofrendo preconceito dentro do mundo LGBT e fora do mundo LGBT.
- Victor: E sobre isso do mundo LGBT, você já tá falando isso, mas você acha que é um mundo unido?
 - Duda: Então não é unido, eu acho que não porque... Tem muitas pessoas que são a favor dos nossos direitos né, mas é igual essa parte que eu acabei de falar para você, é... Muitos gays que se vestem de homem, não gosta de mim, não sei por qual motivo, se é porque eu sou mais feminina, se é porque eu dei mais o cara a tapa pro mundo bater, se é porque.... Não sei qual a parte, mas tem muito preconceito dentro do mundo LGBT, então falar que é, é... falar que é unido, não são

unidos né, tirando as partes que quando eu era casado quantos gays, deu em cima do meu ex, que era meu marido na época, muitos, que eram meus amigos entendeu, então tipo assim, a pessoa pensa, ah ele assumiu ele, então vai me assumir também, aí dão em cima.

- Victor: Gente, é uma competiçãozinha, eu sinto isso também.
 - Duda: Sim.
- Victor: E, me conta tipo, hoje você tá sem um relacionamento né, não sei se tá de peguetezinho, alguma coisa, mas assim, tem alguma coisa de sentir as vezes tipo, alguma coisa de solidão, de queria tá com alguém, mas não tá, que nem você falou, que te prejudica às vezes o preconceito da sociedade, às vezes bate uma coisa de se sentir só?
 - Duda: Sim, muito, porque antes de eu casar, não foi casado no papel nada não, foi de ter morado junto, é... eu morava na casa da minha mãe, mesmo sofrendo alguns preconceitos tudo, sempre tava com a família, sempre com a família, aí eu saí da casa da minha mãe e fui morar com ele, então tinha uma pessoa, aí depois que separei dele eu fiquei sozinho, tive vários amigos assim que veio até morou comigo aqui, é só amigo mesmo né, e... tipo assim, mas quando eu fico sozinha, eu me sinto sim sozinha, eu queria sim uma pessoa, porque meu sonho é crescer, e se eu tivesse uma pessoa para crescer comigo seria melhor, entendeu, seria muito melhor, então se sentir sozinho eu me sinto sim entendeu, seria bom um dia... um dia eu quero sim penso que arrumar uma pessoa, mas só que eu tenho um tomar cuidado com a minha carência, porque a carência se engana, acaba se apegando a pessoa errada.
- Victor: Un hum, tipo qualquer uma tá servindo, qualquer migalha vira banquete né.
 - Duda: Isso por conta do, da falta de tipo, da pessoa e da carência, por eu ter tido já depressão, entendeu, só acabar passando um pouco.
- Victor: E Duda, quando você percebeu assim, tipo, lá na sua infância, não sei quando que foi, que você era diferente, que você tinha esse jeito de ser, que você era essa pessoa que você é?
 - Duda: Eu percebi com 5 anos de idade, 5, 4 anos, foi quando eu comecei a me dar como pessoa, que eu não gostava, é... tipo assim, as pessoas, tinha o homem e a mulher, para mim eu sou... Via como uma menina, entendeu, não que eu deixava de brincar com os carrinhos, eu gostava muito de caminhão de carrinho, mas eu pegava as bonecas da minha irmã colocava em cima e saia andando brincando, não falando que isso é defeito de criança, isso não é defeito de criança, que a criança ela tem que aprender sim a cuidar da boneca, porque o homem, ele vai virar pai ele precisa trocar a criança depois de velho, não é criando problema, falando que isso foi, que isso que me influenciou não, é... de acordo que eu fui crescendo eu fui percebendo que eu não sentia nada por mulher, entendeu, aí com meus 13 anos que foi quando

eu me apaixonei pelo primeiro menino na minha vida. Eu tive chance de ter ficado com outras minas, eu tentei tudo, porque o povo falava, aí você tem que tentar não sei o que, o povo obrigava, é... eu ficar, eu fico pensando assim, ninguém obriga um menino a ficar com um menino, ninguém obriga uma menina a ficar com uma menina para ver se gosta. Por que queria me obrigar ficar com uma menina para ver se eu gostava, sabendo que eu não sentia nada, nem na parte do apego, da paixão, do sexo, ou do, de nada, entendeu, e... Eu vejo tipo assim, as mulheres para mim é bastante amiga, mulher, amiga, irmã, mãe, prima essas coisas, aí para isso meu, não desce, não desce, aí com meus 13 anos foi quando eu mudei minha vida, foi quando eu comecei a me apaixonar a primeira vez, foi quando eu comecei a falar aquelas músicas inglês para ficar romântico, comecei a gostar de planta, foi quando eu comecei a parar de jogar lixo no chão, foi quando eu comecei a parar de pensar, foi quando eu comecei a beber e já vi que aquilo não era para a minha vida, e foi quando eu comecei a ter uma cabeça diferente e ver que não... Qual era o tipo de vida que eu ia ter, eu cheguei parei e pensei, é... Que eu tinha muito problema naquela época, pensei, será que eu vou usar droga? Será que eu vou ter isso, será que isso vai fazer bem para mim? Como eu escutava muito os mais velhos, acabou me ajudando bastante isso né, quando eu tinha 13 anos de idade, tava eu e os meninos lá, tudo da minha idade, e chegou um menino oferecendo cigarro, aí eles falaram assim, quem não fumar é viadinho, aí um fumou, o outro fumou, o outro fumou, e quando chegou na minha vez, eu falei assim, sou viadinho e vocês sabem, então não vou fumar.

- Victor: E aí saiu, foi assim que cê saiu do armário!
 - Duda: Até hoje, não, eles já sabiam, porque eu ficava com um deles lá, ficava tudo namoradinho.
- Victor: Mas cê nunca tinha chego e falado tipo UAAAAH, an ham.
 - Duda: Entendeu? Aí é... Eu falo que até isso me ajudou, porque nessa que eu não aceitei o cigarro, eu não aceitei nenhum tipo de droga na minha vida, é só bebi naquela época de criança mesmo, que tinha que se amostrar, mas depois parei com os 15, porque eu vi que não era para mim, e foi indo né. Aí eu me assumi com 13 anos, quando eu tava limpando a casa da minha mãe, né limpando a casa dela, foi na última sexta-feira de 2000 e nem lembro, sei que eu tinha 13 anos, eu peguei, tava limpando a casa, aí minha sobrinha entrou, aí eu falei, se você pisar no chão de novo, eu vou te bater, aí minha irmã falou, para você bater nela, você tem que ser mulher, daí eu falei, ah eu sou mulher, joguei o rodo, joguei a coisa pro lado de lá, comecei a falar para minha irmã, tudo que eu sentia, aí comecei a falar para a minha irmã, sai de casa, depois que terminei, sai contando para todo mundo na rua, todo

mundo falando que já sabia, que já sabia, já sabia, aí tava chegando à noite, tava chegando a pior hora, que era falar para minha mãe.

- Victor: Noooooosa, foi tudo num dia, foi numa tacada só.
 - Duda: Aí eu até perguntei assim, para umas.... que era já era travesti né mais velha, perguntei né como que elas falaram para a mãe delas nesse dia, aí depois para minha mãe cheguei lá e falei para ela, falou que já sabia, só que ela ficou muito chateada, porque uns dias antes, meu irmão tinha falado, tava usando droga para ela, e eu não sabia, aí de novo eu joguei essa bomba em cima dela, então tipo assim, eu não sabia que ela tava passando já por uma dificuldade, do meu irmão né, e eu fui lá e falei isso, então acabou ocasionando, negatividade para mim, entendeu. Por que demorou a situação da minha mãe, demorou muito, tipo ela sabia, mas só que ela ainda tinha aquela esperança que eu ia mudar, que aquilo era uma fase, não sei o quê entendeu, então sofri demais, sofri demais né, mas só se deu conta, da pessoa que eu era de verdade, quando eu me relacionei com meu ex né, com 22 anos, então foi 9 e 10 anos de dificuldade, entendeu.
- Victor: Entendi.
 - Duda: Mas a minha mãe super de boa, super de boa, ela é um amor de pessoa, um espelho que eu tive na minha vida, a bondade que hoje eu tenho, foi através dela, minha mãe é maravilhosa, começo a falar da minha mãe eu começo a chorar, entendeu.
- Victor: Mas me conta um pouco, como que é sua relação com a sua família? É mais com a sua mãe que você é apegada?
 - Duda: Não, hoje é bom, hoje a relação é boa demais, entendeu, eles me ajudam para caramba, mesmo as minhas irmãs, eu tive muita dificuldade na casa dela lá tudo, mas agora que eu moro sozinha, é mais sossegado, né, mas é uma relação muito boa, muito boa, se fosse assim, há 10 anos, há mais de 15 anos atrás quando me assumi, eu acho que tipo eu não teria tido depressão, porque eu acho que a pior preconceito que um homossexual sofre, é da família, porque se você sofre preconceito na rua e você tem uma estabilidade na família você tá forte, agora se você não tem, é por isso que muitos da gente tiram a própria vida, muitos da gente, acaba entrando na vida das drogas, porque não tem a situação da família, então a família precisa sim aceitar, isso não é um problema, isso não é a doença, isso não é um bicho-de-sete-cabeças, entendeu, é a pessoa é o ser humano, entendeu, eu vejo que muita gente tira a própria vida, muitos meninos que são héteros, que eles têm medo de se assumir, eles acaba tirando a própria vida, por conta da família com medo da sociedade.
- Victor: E... hoje tipo então, hoje é bom tanto com a sua mãe, quanto com, por exemplo, seu irmão, sua irmã também?
 - Duda: Sim com todos, todos eles.
- Victor: Todo mundo.

- Duda: Sim.
- Victor: Seu pai também?
 - Duda: Também, meu pai mora aqui do lado de casa.
- Victor: Ah, então tudo tranquilo. Que bom né tipo, que benção. E... me conta Duda, você tava falando um pouco da sua infância, e eu lembro que da outra vez você já tinha contado um episódio de violência muito forte né, né, isso da sua infância, que foi o que desencadeou a sua depressão, se você se sentir bem, você pode recapitular esse episódio?
 - Duda: Sim, na época da escola, eu sofria muito preconceito, porque eu fui o primeiro.. como se fala, como eles se falavam, viadinho da escola, né, então tipo assim, eu sofria muito preconceito, porque eu já era muito liberto assim, já... gostava muito de andar do meu jeito de menininha, desde os 7 anos né, tenho até uma foto aqui, se você ver eu quando eu tinha 7 anos de idade, dá pra ver que sou eu ela pose que tá lá no meio, isso, então tipo assim, sofria muito preconceito, muitos meninos eles me atacavam, queriam tirar onda comigo, é... pelo jeito que eu era né, e... teve uma vez que um menino, que todo anos esse mexia comigo, todo ano esse menino mexia comigo, ele pegou e via pra cima de mim, só que eu batia nele, batia no primo dele também, primo dele era mais velho e mais alto que eu.
- Victor: Você lembra os nomes?
 - Duda: Era Adriano, para você ver.
- Victor: Tu lembra, an ham.
 - Duda: Meu deus, eu tinha o que, quinta série, quarta série, isso daí hein, há muitos anos atrás, ainda lembro o nome dele, desse Adriano.
- Victor: An ham.
 - Duda: E... Ele me perseguia demais, esse menino, perseguia demais, perseguia demais, e toda vez que ele vinha pra cima de mim eu batia nele e batia no primo dele, aí teve um ano que ele veio para cima de mim, eu bati nele, bati no primo dele, bati no outro menino, depois veio uns 8 a 12 moleque para cima de mim, tudo junto me espancaram na escola, fui parar no hospital, aí depois minha mãe foi lá tirar satisfação, o diretor, aquele safado, que se eu lembrasse, não lembro do rosto dele porque eu só vi ele eu acho que umas duas vezes na minha vida, mas se hoje eu visse ele, eu ia falar um monte pra ele, ia falar para ele respeitar e escutar mais as crianças, porque o menino chegou lá e mentiu falando que eu dei em cima dele, e é mentira, minha mãe acreditou nisso, todo mundo acreditou nisso e era mentira, o menino ele queria roubar minhas borrachinha, que eu andava com umas borrachinhas, eles brincavam de guerrinha com essas borrachinhas na escola e eu tinha bastante, foi or causa disso a briga, só que daí acreditaram no que ele falou, e eu fiquei muito chateado e eu comecei a ver que eu não tinha ninguém do meu lado, é... mostrando trazendo a depressão na minha vida entendeu, e... aí foi indo, mas no outro ano

ele vinha pra cima de mim de novo, bati nele de novo, enetendeu, só que daí passou acho que 3 anos, a gente se encontrou a noite, estudando à noite, aí ele puxou assunto comigo nessa de amizade tudo, a gente acabou indo para mesma sala, ele deu em cima de mim, e queria ficar comigo, aí foi aí que a gente vê, que o problema é o que, eles não têm coragem de se assumir, e tem raiva de quem é assumido, entendeu, muitos homofóbicos, pessoas que não aceitam os homossexuais, são gays encubados que nem meu ex, meu ex ele não gostava de viado, não gostava de travesti, ele não gostava de nada, porque ele era até ex-presidiário e não queria ver gay nem pintado de ouro, quando eu fui ver ele a primeira vez, tipo assim que eu conheci ele, porque eu andava com os primos dele, passou um mês ele se apaixonou por mim, entendeu, então tipo assim, tem muitos deles que eu achava que isso era mentira, mas é verdade, que a pessoa que não é assumida, que ele é gay encubado, ele tem mais preconceito do que os próprios heteros entendeu, eu tenho muito amigo homem, muito amigo homem mesmo, desde pequeno de infância que eu sempre andei com homem né, eu nunca que andei com menininha, andava com mulheres para cima e para baixo não, eu sempre andava com homem, sempre, até hoje, então sempre tive amigos homens se respeitar bastante entendeu, só uma coisa que até minha amiga tava falando esses dias para mim, era para eu ter pegado a maldade dos homens né, porque nessa que eu ando com eles, porque eles acabam me iludindo rápido entendeu, era para eu ter pego essa maldade deles, aí foi isso que aconteceu naquela época entendeu, e eu tive muita briga mesmo porque muitas pessoas me tiravam, uma vez eu bati em cinco moleques, eu era muito brigão, mas era muito brigão por conta disso, por conta de me defender pelo que os outros falavam de mim entendeu, eu consigo...

- Victor: Mas do que você tinha falado, você chegou a ser expulso da escola?
 - Duda: Não, eles queriam me expulsar, inventaram mentira né, o diretor, e queria me expulsar, só que não me expulsaram né, aí foi quando eu comecei a parar, e pensar em parar de estudar, aí eu parei de estudar, queria parar de estudar, aí foi quando veio uma chance de eu estudar à noite, que foi quando eu comecei a estudar mais bem mesmo foi a noite, que eu comecei a trabalhar né, tem que trabalhar bem cedo, aí eu comecei a trabalhar e estudando à noite entendeu.
- Victor: E... esse foi o único episódio assim de violência que você passou?
 - Duda: Pera aí só pegar um copinho d' água aqui rapidinho. Não, foi o único episódio não, já briga por conta do que eu sou, até hoje tem, mas só que eu não brigo mais, entendeu, eu não brigo mais, eu não vou rebaixar mais, porque é uma coisa assim que tipo é melhor colocar na mão de Deus, ou que a pessoa... que me falaram, a ignorância é melhor do que um tapa na cara né, então tipo assim com o tempo fui

aprendendo, fui parando de brigar, porque eu era muito brigão, para me defender por conta disso entendeu, tem muita pessoa querendo me bater, já sofri muito preconceito no trem, entendeu, já fui muito ameaçado na rua, então tipo assim, hoje eu sinto medo porque eu trabalho com a moto à noite, eu sinto muito medo de ser assaltado, de quererem levar minha moto e acabarem me matando por preconceito entendeu, é esse medo que eu tenho, não tenho nem medo de roubarem a moto porque a moto tem seguro, agora tipo assim o meu medo da pessoa ver que eu sou gay e querer tirar minha vida por conta disso, porque o preconceito tá nas pessoas entendeu, então meu medo hoje tem um dia ser assaltado é esse, entendeu. Esses dias eu tava até com amigo no baile, que eu fui no baile funk para ver como que é esse negócio aí né, e um cara foi por eu ser gay ele queria, ele começou a discutir comigo aí o meu outro amigo foi lá e me defendeu, entendeu, nessa discussão, só que daí meu amigo queria brigar com o cara, eu não deixei brigar também, que eu não gosto mais isso, eu falei não deixa quieto isso para lá pelo amor de Deus, aí tá bom, então tipo assim tem muito preconceito até hoje entendeu, tem muitas pessoas que acha ah porque sou gay eu sou minoria e vamos pisar entendeu.

- Victor: E... Você tava falando um pouco dos seus sonhos né, queria que você fechasse o olho e já mirasse assim tipo depois de 20 anos ou 10 anos não sei, tipo no seu sonho como que seria seu sonho, de vida?
 - Duda: O meu sonho de vida, é... já começar aqui onde que eu tô morando né, a gente conquistou, eu consegui uma conquista que eu gosto muito, que eu comecei a lutar e deu certo que hoje as meninas estão terminando Graças a Deus, que já tem um relógio de energia aqui em casa, então tipo assim, agora só falta ligar o relógio de água, então a comunidade ela já vai ser legalizada, sendo, é... ah só voltando antes essa parte, a gente ocupou um terreno que falavam que era nosso, tem gente que tem preconceito né, tipo assim eu não tive a chance na minha vida, de ter chance de ter comprado um apartamento, eu quero muito comprar um apartamento da caixa, da minha casa, minha dívida, falo minha casa minha dívida né, eu quero muito comprar esse apartamento, só que eu não consigo, fui no santander hoje pegar um empréstimo, não consigo, eles não tão liberando, é muito difícil, aí quando a gente ocupa um terreno que é da prefeitura, que é o nosso que a gente tá agora, muita gente tem preconceito né, muitas pessoas discriminam, mas tem que entender o outro lado, que tem muita gente desempregada, há muita coisa empregada agora com essa doença, muita família está passando fome, que esse povo vai fazer, como esse povo vai conseguir comprar casa, eles acabou ocupando os terrenos tão parado que da prefeitura, que a prefeitura não faz nada entendeu, então não é que a gente está invadindo o que é dos outros, a gente tá ocupando uma coisa que tava lá parada, e querendo ou não é

até uma vantagem para prefeitura porque é habitação, entendeu porque a gente não tá aqui para ficar tudo de graça, eu quero sim construir, eu quero pagar conta de água, porque nossa conta de quando meu relógio foi colocado eu comecei a chorar de felicidade, que eu vou pagar a conta e vou esfregar na cara de muita gente que falou mal da gente, então tipo assim eu quero pagar essa conta todo mês, todo mês eu quero pagar minha energia, quando vir água, eu quero pagar minha água. Esse é meu sonho, o primeiro entendeu, é pagar, gente fala você é louco de sonhar com isso, não quero sonhar e ter meu direito de cidadão entendeu. Aí o meu sonho é começar a já construir minha casa agora né, alugar os dois cômodos lá para cima, e... comprar minha outra casa, eu ainda quero comprar uma casa, se não for a casa eu quero comprar um apartamento, que nem eu falei da Minha Casa Minha Dívida, depois que eu tiver já recebendo uns aluguel, só quero comprar terceira casa, depois a quarta, a quinta, quando tiver na quinta casa e uma estabilidade boa, eu quero adotar a primeira criança, entendeu, eu quero adotar a primeira criança para eu criar, então tipo assim quero ter uma estabilidade boa, e depois de um tempo eu quero viajar, quero conhecer o lugar, um lugar no mundo que eu quero conhecer desde criança desde quando eu tinha 7 anos de idade, eu quero conhecer onde estava as torres gêmeas, porque aquilo mexeu comigo, eu quero ir naquele lugar para conhecer como que é o local que mexeu comigo quando eu tinha 7 anos eu vi aqueles prédios caindo, parecendo um filme não era filme, era pessoa se jogando tudo foi um lugar que mexeu comigo, então eu tenho o sonho sim de conhecer lá. quero conhecer outros lugares do Brasil também, do mundo, quero conhecer bastante os lugares, então esse é meu sonho, é crescer na vida, eu sei que um dia, que meus planos é viver até os 100, se parar antes seja o que Deus quiser né, até o 100 eu quero ficar com essas coisas emprestada para mim, mas depois eu sei que vai para outras pessoas, mas minha luta é essa, e também sempre, sempre, sempre na minha vida tendo tudo isso ou não tendo, ajudar o próximo, entendeu, sempre está fazendo o bem para o próximo, sempre, então tipo assim porque eu não estou na Terra, só para viver a minha vida, eu to na terra para fazer o bem e ajudar as pessoas a viverem a vida delas, não pegar todos os problemas dos outros para mim, mas o que eu puder fazer, se um dia eu ganhar na mega-sena, um exemplo eu ganho amanhã 30 mil na mega, 30 milhões na mega-sena, eu iria comprar algumas casas de aluguel, eu ia abrir uma empresa, para trabalhar do lado dessa empresa, ia ter umas casinhas de aluguel, que alugar um aluguel mais barato com uma pessoa que mora na rua, porém essa pessoa ia trabalhar na empresa, e como ela tava trabalhando na minha empresa, gerando algumas coisas de trabalho para ela, ela vai receber o salário dela vai tá pagando aluguel baratinho, mas tendo outra chance na vida,

vou fazer próximo de escola se possível, porque a pessoa vai estudando, crescendo na vida entendeu, então esse é meus planos caso um dia eu ganhasse na mega-sena, ia fazer tudo isso, um monte de coisa, não é só viver para mim, sim que eu vou passear, vou viajar, vou querer fazer outras coisas, conhecer o mundo, conhecer esse planeta bonito, do mundo que Deus fez né, e... seria isso, esse é meu sonho, entendeu, e ter uma pessoa do meu lado, só que tá difícil você achar uma pessoa, se eu arrumar uma pessoa eu vou viver com essa pessoa e ter tudo isso, se não tem uma pessoa também vou conseguir correr atrás de tudo isso, entendeu,

- Victor: Que dahora, eu tava para fazer essa pergunta, mas quando a gente falou da outra vez, a gente tava bem falando dessa questão de você ter sido uma liderança né na favela hoje você já é, da... é associação né, de moradores, como que foi isso, conta aí, desde como foi começar, como que foi esse processo de você ver que queria diminuir um pouco a pressão e fazer a associação.
 - Duda: Ó tudo começou, é... logo depois que eu separei do meu ex, eu comecei, tava trabalhando de telemarketing né, aí a antiga liderança, a antiga líder ela saiu para uns problemas que ela tava tendo, só que como eu andava com ela, eu era... andava com ela bastante e também não dava muita ideia boa para ela, todas as ideias boas que vinha para a comunidade, aí eu fazia chegava lá no trabalho eu fazia mais, para fazer um monte de coisa dava para ela fazer, ela escolheu deixar eu, no lugar dela né, aí nessa daí acabou ficando e mais duas pessoas, que era um casal, só que o casal acabou saindo por um problema que teve com os filhos deles né, aí eu acabei ficando sozinho, mas aí às vezes a população sempre me ajudando, eu fiz os grupos da favela no WhatsApp que daí eu já sabia que uma mensagem já mandava pra todo mundo de uma vez só, aí fui crescendo, evoluindo, evoluindo, tive muito preconceito, escutei, escutava muito as pessoas falando, aí Eduardo tal essa falou que nunca viu um viado sendo líder de uma favela, entendeu, nenhum lugar nunca viu um viado sendo líder de favela, entendeu, escutava muito isso, então tipo assim, eu afrontava muito as pessoas, batia de frente com muita pessoa mesmo, porque a lei era essa, o terreno tá vazio por algum tempo, a gente tem que colocar outra família né, tinha muita pessoa que deixava o terreno parado, então tinha muita briga, muita briga mesmo, muita luta, por conta disso, e tinha muitas pessoas tipo assim, que nem tem hoje, pessoas ingratas né, que a gente mesmo ajudando, fazendo de tudo, correndo de tudo pelas pessoas aqui na comunidade, era ingrato, falava mal da gente, então acabava tendo mais problema com a depressão devido a isso, me ajudava bastante porque eu tava fazendo bondade para as pessoas, mas ao mesmo tempo, acabava trazendo muitas coisas ruins para a minha cabeça né, teve uma vez que até meu

cabelo abriu um buraco aqui, de ansiedade, tinha muito problema porque era pressão do telemarketing, mais a pressão na comunidade.

- Victor: Ave maria.

- Duda: Aí, eu é, fiquei esses dois anos, corri atrás de muita coisa na comunidade né, a gente conseguiu com a associação que é...que foi a que fundou as comunidades aqui, ajudou bastante a gente para conseguir a nossa energia, aí quando a gente já tava fazendo uma... colocando as numerações das casas, aqui na comunidade, veio um incêndio, antes disso eu tava pensando em sair da liderança, quando veio o incêndio, que eu vi todas aquelas 60 famílias sendo prejudicadas, eu tive que ser forte né, e... lutar para conseguir tirar aquelas famílias, porque o problema não foi só que eles perderam tudo, eu vi que muitas pessoas tiveram problemas psicológico, psicológico, teve mães que perdeu tudo, fotos de crianças, de Infância, tudo, tudo, tudo, então tipo ficou uma dor, que acabei pegando para mim, então fiquei mais tempo na liderança por conta disso, para fazer a favela reerguer de novo né, sobre controlar, no dia entrei em contato com advogado, falei com o pessoal e tive que colocar as pessoas nos barracos que estava vazio, emprestado, então tipo assim, foi uma luta muito grande, aí logo depois que eu comecei, começou a melhorar a comunidade tudo bonitinho, eu pensei começar a sair de novo da liderança né, porque era muita pressão com uma pessoa só, só que daí apareceu já a comissão, que era os moradores, esses que estão hoje, eles entraram para começar a me ajudar, então aí já deu uma... ajuda melhor, só que eu não podia mais ficar só um sozinho, a gente tem que fazer um grupo, sempre falava tem que fazer um grupo, sempre falava que ia sai, que ia sair só que ninguém acreditava, tanto que eu falava que ia sair uma vez, aí quando eu ia sair de novo, vem a pandemia entendeu, veio a pandemia que daí eu tive que ficar de novo, para até terminar, esse é...baque que deu de novo por causa da pandemia, como, aí eu comecei a fazer cadastro, cadastrar tudo mundo da favela, porque ia começar a vim cestas básicas, doações né, e... eu ficava muito com as pessoas que.... eu ficava muito com as pessoas, vinham falar comigo sem máscara, porque o pessoal de comunidade nunca levou a sério, a pandemia, né. Aí eu peguei o peguei o vírus, entendeu, bem no início lá, eu peguei o vírus, naquela época as UBS elas não dava muita atenção para as pessoas porque achava que era gripe, falava que era gripe, falava que eu tive três antes de pegar o covid, eu tive três pneumonias, né uma atrás da outra, eu peguei o covid, me quebrou. Aí eles falaram que era só... que era pneumonia de novo e uma bronquite, daí eu falei como bronquite se eu nunca tive bronquite na minha vida, eu tava ruim, eu tava ruim, eu tava falando que eu tava ruim, e só que eu tinha acabado de pedir as contas também, eu não sabia que ia ter a quarentena lá alguma coisa assim, porque se eu

soubesse não tinha pedido as contas eu pedi as contas no dia, depois do oito dias declararam isso, então não consegui arrumar um emprego depois disso, eu tava em casa, desempregado, foi até bom você me lembrar disso porque eu tava precisando me lembrar disso mesmo, eu passei por uma provação muito grande na minha vida que eu achei que eu ia morrer, porque você assistia a televisão era as pessoas falando de morte, de quantas pessoas morreu, monte vala aberta, aquela musiquinha japonesa, chinesa, lá o negócio do covid, que eu odeio essa musiquinha, é... também aquela dos cara levando caixão também, nossa como um pesadelo porque foi bem na época que eu tava assim só imaginava que ia morrer, só que eu ia no hospital, nossa era pneumonia, tinha que fazer... inalação, aí teve uma vez que eu fui no médico o médico falou que não podia fazer inalação, não podia ser que se for covid não pode fazer inalação, já falei é ou não é, porque o médico fala que é, o outro fala que não é, aí eu fiquei com raiva, entrei em contato logo com o supervisor geral da saúde que eu tinha contato com ele né, tenho como contato no celular, e aí ele pediu para entrar em contato com a gerente da UBS, a gerente da UBS falou para mim ir lá e fazer, fui lá e fiz, depois no final quando tava sarando, quando já tinha parado, voltando tudo sentindo cheiro, gosto, única coisa que eu sentia o gosto era a mexerica, ele foi fazer o exame em mim, aí pediram para ficar em casa de quarentena, eu falei vou ficar em casa de quarentena para que, se eu já fiquei mais de 20 dias andando para cima e para baixo, porque eles falaram para mim só era uma gripe, aí saiu resultado, deu covid entendeu, mas eu já tinha doado cesta básica, uns dias antes ainda de sair, eu doeí quinhentas cestas básicas entendeu, então eu nunca parei, mas só que mais de mil esse tempo todinho aí, quando, na época do que eu tava doente, foi mais de mil cesta básicas, só que uns dias antes, depois que eu tinha feito o resultado, o exame, só que eu sempre usei máscara, sempre porque eu já sabia que eu tava e sei que a gente passa falando, porque o tempo que eu tô falando aqui com você o celular deve tá cheio de gotas de saliva, isso é normal acontecer com a gente, então... eu sei que isso se passa assim, foi assim eu peguei, e... mas eu falo, eu peguei o covid, fazendo o bem, então... eu peguei o covid, doando cesta básica, então foi bom e foi uma provação muito grande que eu passei na minha vida mesmo, agora lembrando foi muito grande mesmo, que eu tava, eu peguei uma depressão do caramba por ter perdido um amigo do caramba naquela época, então tipo assim, foi uma provação, aí passou a época do covid, muita gente falou que eu estava só fingindo que estava doente e tudo aqui na comunidade, mesmo assim era muita, como se fala muito ingratidão, muita ingratidão, aí foi passando o tempo, foi passando um tempo, quando eu vi que a comunidade já tava forte, que eu fiz bastante coisa, que ela tava avantajada, falei vou sair e

sai, aí ficou o pessoal da comissão né, aí... eu continuei com eles ainda tô com eles até hoje posso fazer o que eu consigo, porque agora como eu trabalho o dia inteiro né, é... não posso fazer tanta coisa, que eu fazia antes entendeu, que as meninas hoje responsável, que elas trabalham tão fazendo trabalho bom, então continuando fazendo trabalho da comunidade né, então tipo assim, hoje tem um grupo é mais fácil para elas né, e também eles não sofrem preconceito que eu sofri.

- Victor: Hum, imagino, e Duda e... cê fala, falou que é uma pessoa cristã e tal, é... você já sofreu algum preconceito na igreja?
 - Duda: Ó, eu sou uma pessoa que não sou muito chegada em igreja evangélica, eu até vou, a pessoa me convidou fui esses tempo para atrás na Universal, entendeu, até vou, se for convidado hoje eu vou, quando era pequeno eu sofria muito preconceito, eu escutava demais, ah vou para o inferno, ah tô possuído por algum anjo do mal, é... tô... isso não é de Deus, isso não é coisa de Deus, você não vai para o céu, então escutei muito isso e escuto até hoje, só que... lá, em Levíticos 20:19 tá escrito, que se você, se um homem se deitar com outro homem como se fosse mulher, ambos os dois, estão punidos de morte, por que é um pecado muito, é... grande né, tá escrito lá em Levíticos 20:19, e só que em João que eu não lembro o número tá dizendo que matar é pecado, porque em Levíticos que é um livro antigo, antes de Jesus Cristo, tá pedindo para você matar aqui dá para matar quem faz sexo com cachorro, quem vê a mãe nua, quem pensa na mulher do próximo se for hoje vai todo mundo morrer, se for colocar lá em Coríntios também tá dizendo que não herdaram reino do céu, então ninguém vai herdar o reino do céu, se você for pelos antigo testamento, que é aquele testamento que manda apedrejar a mulher, nas outras religiões né, que a mulher também sempre, é colocada como baixa nessas religiões que seguem o antigo testamento, você pode ver, todos os que seguem testamento, a mulher só serve para reproduzir a mulher não pode estudar, não pode fazer nada entendeu, tem que andar toda coberta, só que Jesus Cristo Ele veio, e plantou diferente, ele foi lá e mostrou diferente, a única coisa que ele pediu para a gente fazer, é amar a Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a ti mesmo, fazer o papel dele que é isso que eu faço, ajudar o próximo da forma que eu posso, que eu consigo entendeu, porque ele não teve cama, não teve colchão, não teve travesseiro e não tinha casa, mas só que ele sempre fez a bondade para o próximo, sempre plantou o amor e... tipo assim, então com o tempo fui aprendendo essas coisas, e fico pensando será que Deus, ele não gosta de mim só porque eu me apaixono, só porque eu gosto e só porque eu amo uma pessoa do meu sexo? É... Jesus Cristo também falou que não faz distinção de ninguém entendeu, de ninguém, então tipo assim, tem uma parte da Bíblia fala que tem uma música do Luan Santana fala, amar não é pecado, então

se eu tiver fazendo o ato que eles dizem que é, que é pecado, sendo amor, se amar não é pecado então não estou pecando, porque eu tô amando entendeu, e Deus ele sabe que ele deixou um sentimento em mim, deixou um sentimento no ser humano, que a gente mesmo não entende que é um sentimento que se chama amor, então tipo assim, se a gente acaba gostando da pessoa se apaixonando pela pessoa, e vou ter uma relação com essa pessoa, é... isso não é pecado, isso não é pecado, então tipo assim, ele quer que a gente seja feliz, ele quer que a gente faz o que ele pediu, que amar ao próximo né, mas só que a gente seja feliz, então eu acho que Deus ele não vai me julgar como errado entendeu, se eu não estou fazendo as maldades contra o ser humano, que nem eu fiz um vídeo esses dias se quiser te mando, quando eu fui doar comida na rua, que Jesus Cristo ele fala, que ele separa as pessoas más, as pessoas boas, e fala que as pessoas que vão para o céu, aquela que deu comida para ele, que deu conforto para ele, que deu... é que deu um lugar para pessoas morar, que deu é... que foi visitar quando estava enfermo, que foi visitar quando tava na cadeia, e essas pessoas são as pessoas estão na terra, não é ele, não é que você vai lá e encontrar ele fazer para fazer toda essa bondade, tem que fazer essa bondade para as pessoas estão precisando na terra. Então eu levo muito isso entendeu, se o que as pessoas falam é verdade que eu vou para o inferno, a minha parte tô tentando fazer entendeu, acho que Deus ele é, ele está vendo que eu tô tentando fazer aqui na terra, então... eu acho que não vai me desonrar, não vai me desonrar, que isso é uma coisa também me ajudou, me desencadeou muito a depressão ficar escutando isso entendeu, igual eu escuto muito as pessoas falando que quem tira a própria vida vai para o inferno, escuto muito, andando estudando muito bem, eu fui lá e parei pensei, se essa pessoa existe a maldade que é feita pelos espíritos ou anjos do mal né, que acaba, é... uma pessoa fazendo uma magia negra para aquela pessoa tirar a própria vida, aquela pessoa fica louca, então se uma pessoa faz uma magia negra que ela vai tá mexendo no livre arbítrio de uma pessoa né, é... e essa pessoa tira a própria vida, eu acho que essa pessoa não foi culpada de tirar a vida dela, foi outra pessoa que fez a maldade para essa pessoa entendeu, então eu acho que essa pessoa ela tem esse perdão porque Jesus Cristo diz eu sou a verdade e a vida, aquele que crê em mim ainda que esteja morto viverás entendeu, então eu não penso assim só porque tá escrito lá que... a pessoa tira a vida vai para o inferno, acho que Deus sabe o que tava no coração dessa pessoa, Deus sabe o porquê que essa pessoa fez isso, ele sabe de tudo entendeu, então a que... ele é justo ele vai tipo assim, vai fazer que nem um juiz, a tal pessoa roubou, ah mas roubou para comer, então essa pessoa não vai presa entendeu, é... então tem tudo isso a pena é menor do que uma pessoa que

roubou para comer do que uma pessoa que roubou só para vender né, então, para luxar, então eu penso dessa maneira hoje da religião, e eu vou muito pra igreja católica, ali no pan americano né, o padre ele gosta muito de mim, se quiser te mando...

- Victor: Aquele da praça?
 - Duda: Isso, é lá que eu gosto de ir, que eu ia numa outra ali do... Jardim do... qual o nome ali... uma que construiu uma igreja católica ali perto do (?) que tem uma cruz grandona, eu ia nela está no sítio não...
- Victor: Congregação?
 - Duda: Congregação não, é católica Santo Antônio, tem uma cruz.
- Victor: Eu sei, eu sei, que tá em reforma faz mó tempo.
 - Duda: Isso, entendeu, até ajudei na parte da construção lá, doeí uns valores em dinheiro, então tipo assim eu ia naquela quando morava no sítio, só que agora como eu tenho a moto e lá é melhor, que o padre ele me trata super bem, o padre não parece aqueles padre rigoroso, meu ele falou, ele fala para mim que eu tô certo, que ele falou também esse negócio de extinção também, ele me trata super bem então me sinto muito bem na igreja católica, me sinto muito bem, hoje as irmãs evangélicas, elas me tratam bem porque ele sabe que eu tenho conhecimento, então tipo assim se eu ir em uma igreja evangélica, eu não gosto muito, porque eu sofria muito preconceito, que eu só voltando lá, sofria muito preconceito na igreja evangélica, muito mesmo né, eu escutei muito disso, então não sou muito chegado, agora as católica ela, ela não tem uma história muito boa, ela matou muito, matou muito no passado, hoje é a boazinha, só que no passado, se eu fosse eu, eu tava morto né, entendeu, queimado, torrado, então é isso, só que hoje eu me apego mais na Católica entendeu, por conta de ser mais livre entendeu,. ela não segue muito, ela segue mais o segundo testamento do que o antigo entendeu.
- Victor: E é diferente também né, tipo essa relação do que que é a palavra e do que que são as pessoas que fazem o que querem com a palavra né, que é do... do antigamente tal e acho super legal, porque realmente você vai pensar nas pessoas mais jovens hoje, tipo, se você fala que você vai para a igreja, se você frequenta alguma coisa que você tem espiritualidade é quase motivo de vergonha né, quase como se fosse uma coisa ultrapassada daqui né, não tem que ter mais, que bom que você vai Duda. E me conta tipo, aqui no Jaraguá, é... se, é... Como que é sua relação com o bairro, primeiro, como que é, você gosta daqui? Você não gosta, você é apaixonada? Como que é para você, o bairro como um todo?
 - Duda: Sim, eu nasci lá na comunidade do Ceasa né eu nasci na favela, então tipo assim hoje eu tô na favela de novo, e tipo meus pais, eles acabaram ganhando algumas casas da Cohab aqui no Jaraguá, e eu vim em 99 para cá né tinha o que os 6 anos de idade para 7. Aí eu me apeguei muito no bairro, porque era um bairro, muito mais aberto, é

mais verde, tem mais lugar para você ir, né naquela época eu ia para vários lugares lá no ceasa eu era rodeado da Marginal Pinheiros de um lado, do outro lado outra rua, outro lado da avenida, de um lado do Ceasa e o villa-lobos tem que atravessar e era muito perigoso, mas muito perigoso mesmo, que tinha que atravessar, era muita avenida, agora aqui não, aqui é mais sossegado, sempre fui mais livre, catava muita manga, amora, fruta, nossa, por essa região aí onde você mora mesmo, que eu esqueci aqui na... Aqui na, isso na região da Voitch, aqui no Jardim São João, Parque Nações Unidas o que tinha de pé de manga que eu ia pegar, eu e os moleque, então eu cresci no Jaraguá eu gostei muito, eu gosto, eu amo o Jaraguá, entendeu, eu amo a cidade de São Paulo, hoje eu amo, eu sou aquela pessoa que se a pessoa falar mal de São Paulo pra mim eu falo vai embora, vai embora, que aqui não precisa de pessoas igual você, meu é a cidade que tem tudo, tudo, tudo, tudo, só passa necessidade aqui quem quer, quem não corre atrás, você pode pedir uma bala, vender uma água, vender tudo no farol, você vai conseguir dinheiro, você pode correr atrás de outras maneiras, não precisa entrar na vida do crime, não precisa, entendeu, eu já ajudei bastante pessoas, abri a mente para correr atrás de alguma coisa, agora a pessoa só quer, a pessoa quer receber mais de R\$ 7000 sem ter nenhum tipo de faculdade, sem trabalhar de coisas boas, tipo assim, só querendo ficar sentada em casa entendeu, então tipo assim, eu gosto bastante do Jaraguá, mesmo, que nem o apartamento que eu quero comprar, eu comprar aqui no Jaraguá entendeu, eu quero comprar apartamento que não é pra mim morar não, é pra alugar.

- Victor: Aí amo hahahaha.
 - Duda: Sair do barraco não, que eu posso até morar um mês lá, tudo, pra começar a construir aqui, mas não, quero apartamento para alugar, entendeu, porque eu gosto de morar no chão, eu gosto de morar no chão, e... então eu gosto muito do Jaraguá, meu olha o pico, olha a floresta, tem vez que eu ando de moto eu olho assim os bairro, aqui do Jaraguá, você só vê mato, você quase não vê mais casa porque às árvore tão tampando tudo, ali no pan americano quando você atravessa o viaduto, é, do Jaraguá, você vê o tanto de árvore, negócio muito bonito, sei que o Jaraguá tem seus problemas, o Jaraguá é um bairro que você tá andando em linha reta, você cai em bairro de pobre, uma hora você cai na favela, outra hora você cai em bairro de rico, aí você cai em bairro de pobre de novo, meu o Jaraguá é um lugar doido, é cheio de gente e tá crescendo hein, tá crescendo demais, o Retão ali nunca na vida que eu imaginei que ia ter tanto prédio e tanta casa, achei que ia ser empresa né, então tipo assim, o Jaraguá ele é maravilhoso, de verdade, Jaraguá é.
- Victor: E se fosse para a gente gravar contigo né, a gente vai gravar contigo, qual que é o lugar que você gostaria que fosse gravado? Aqui no Jaraguá, que

você tem uma conexão, que você tem um carinho, que você tem, enfim, que você gostaria que gravasse lá.

- Duda: Ah, tipo assim, vocês queriam, na, de primeira instância que eu lembro era gravar na comunidade, por eu ter sido líder aqui né, seria bom.
- Victor: Isso se você topar ia ser maravilhoso.
 - Duda: Sim, na comunidade seria ótimo, mas também no sítio, que eu conhecesse bastante gente no sítio, lá é um lugar que todo mundo me conhece, todo mundo gosta de mim também, entendeu, porque o fato até de eu entrar na liderança daqui, foi por conta de eu ser bem conhecido no Jaraguá, lá no sítio Jaraguá, aqui também, na comunidade.
- Victor: Beleza, interessante e... Eu acho que, e outra coisa, lembra que a gente trocou essa ideia no dia que você tava, quando eu tava aí andando contigo na comunidade, que você tinha falado né, que crime não é emprego, qual a sua opinião sobre isso? Fiquei curioso de ouvir.
 - Duda: Como assim do trabalho?
- Victor: É.
 - Duda: Que tipo assim, eu vou falar tipo assim que eles trabalham vendendo droga, é isso?
- Victor: Isso.
 - Duda: É, não é emprego para mim, porque, tipo assim, você tá vendendo uma coisa, que um filho de uma mãe, de uma mãe, de uma mãe assim, falando assim, tá usando, destruindo essa mãe, tá destruindo a mulher, tá destruindo o filho, tá destruindo a família, então eu não vou falar que isso é um trabalho, porque... mesmo eles falando que é um trabalho que eles vão ficar um certo tempo e depois vai receber o seu dinheiro, que não, tá destruindo a vida deles, tá destruindo a vida de uma família imensa, tá destruindo a vida de várias famílias, a mesma coisa eu coloco, quem vende bebida alcoólica, não é só quem tá trabalhando numa biqueira que vende aquela droga, que vende o crack, e a cocaína que são as piores, o lança perfume, não é só eles que são criminosos, têm os criminosos, legalizados, que isso dá até, não posso nem sequer falar, que isso da morte, do nada passa um carro aí, metralha o Eduardo, porque o Eduardo fala demais, motoqueiro, no final, foi um roubo, tentativa de morte, de alguma coisa, ou foi até preconceito, mas quem vende bebida alcoólica, a 51, o corotinho, ele também destrói vidas de famílias, então tipo assim, a única diferença no Brasil, qual é? Um é legalizado e o outro não é legalizado, mas os dois são duas drogas igualzinho, a 51 que, pode ser a cachaça, falar logo a cachaça para não colocar o nome de marca né, a cachaça em si e o crack, eles são a mesma coisa tá no mesmo nível entendeu, então para mim isso não é trabalho, trabalhar vendendo droga, entendeu. Eu sou uma pessoa que não uso, não uso nenhum

tipo de droga, nunca usei cigarro, nada gasoso e não bebo mais nada líquido das drogas, é, só que eu sou a favor da liberação da maconha, sabe porque? Tem uns países aí que são mais evoluídos, eles já tão liberado, se você liberar, se eles liberarem a maconha, quantas pessoas vão sair da cadeia? Por ter sido preso vendendo maconha, muitas pessoas, quantas pessoas a polícia vai deixar de parar, quando pegar a pessoa com maconha, porque meu, muita gente usa, muita gente mesmo e ela e o cigarro é quase a mesma coisa, é carbono que entra no corpo, deixa a pessoa meio lesada, mexe com o sistema nervoso, então eu sou a favor da liberação, porque vai diminuir a quantidade de pessoas na cadeia, vai ter menos dinheiro para o governo gastar com pessoas lá dentro, então vai diminuir as verbas do governo para dentro da cadeia, vai diminuir a quantidade, enquanto a pessoa tá parando uma pessoa que tá vendendo maconha, não, vai prender os pedófilos, vai prender quem tá roubando, entendeu, tá tendo muito roubo de moto no Jaraguá é impressionante como aumentou demais esse ano, vai prender esses caras meu, em vez de ficar prendendo só gente que vende essa droga que tá quase todo mundo usando, tem muita gente usando, então eu sou a favor da liberação por esse motivo, entendeu, e usa quem quer, é que bem o cigarro, o cigarro usa quem quer, eu penso assim, então a maconha vai ser a mesma coisa, agora as outras elas são muito pesadas pra ser liberada, então ela vai ter até mais espaço para você prender o traficante de cocaína, entendeu, porque eu sou, tipo assim, é, eu tô sentado num mundo desse, entendeu, até uma coisa tipo assim de se falar que eu sou contra, entendeu, porque dá até medo de falar que cê é contra, que a pessoa vai achar que, só por eu ser próximo, vou, não, eles lá, eu aqui, cada um vivendo a sua parte, cada um vivendo a sua vida, então, é isso entendeu o que eu penso dessa parte assim das drogas.

- Victor: Meu, arrasou, acho que a gente trocou muita ideia, foi muito bom, não sei se tem alguma outra coisa que você de repente fala assim, ó não queria que faltasse isso no documentário, alguma coisinha.
 - Duda: Não, uma coisa que eu queria fazer, é, não sei qual parte vocês vão me pegar fazendo né, se vai ser eu andando na rua, tudo, pode ser sim eu andando na rua, pegar eu trabalhando, pegar um dia de folga, vai lá me grava, eu pegando a entrega no trabalho e levando a entrega pro cliente, entregando pro cliente como que eu faço, pra mostrar que eu sou uma pessoa, gay, e faço trabalho, como normal, como motoboys, porque até no meio dos motoboys sofri muito preconceito entendeu, por ser gay, sofri muito, então tipo assim, sou uma surpresa, pra um monte de gente, até penso, um dia eu vou tirar carta pra virar caminhoneiro, querer ser o primeiro gay caminhoneiro também, trabalhar, começar a trabalhar nesses busão aí, passageiro, já pensou eu toda linda lá, com o cabelo solto no ônibus assim, toda travesti como

o povo fala né, chegar lá no ônibus, a pessoa, e o motorista é um travesti, mulher e homem já tem, pensou uma travesti.

- Victor: Aham, amo.
 - Duda: Né, entendeu.
- Victor: Amo, pode deixar.
 - Duda: Eu gosto de mostrar pras pessoas, porque muita gente chega em mim e fala, Eduardo, quando eu te vi pela primeira vez eu achava que você era assim, assim, assado, nossa hoje eu percebi que você é outra pessoa, então tipo assim, eu gosto muito de mostrar que eles têm preconceito no olhar, só que depois que eles conhecem eles veem outra pessoa, entendeu.
- Victor: Pode deixar que essa a gente dá um jeito de fazer acontecer, vai rolar sim, então é isso meu, eu amei o papo, assim, a gente já, se a gente precisar de fazer uma segunda vez pra perguntar uma outra coisinha, assim, alguma coisa que ficou faltando, mas é sério, é um prazer ter você junto do projeto, vai ser incrível, é, a gente tá super animado pra fazer um trabalho legal sabe, um trabalho não só fazer pra entregar, mas fazer um trabalho que muita gente assista, muita gente goste, que a gente possa divulgar e tal, e aí sentindo que vai ser bem babado, então tô feliz e qualquer coisa que você precisar e qualquer dúvida, tô no privado se não quiser mandar no grupão, pode me chamar no privado que o canal tá sempre aberto viu.
 - Duda: Sim.
- Victor: E é isso, um beijo e bom descanso pra você, tá bom.
 - Duda: Obrigado.

5.4 Luisa Rafacho

Vale ressaltar que essa entrevista também contou com a presença de Airton Cruz e Vitoria Albano, ambos colaboradores na realização do documentário.

- Victor: Belezura, é... deixa eu ver se tá tudo certinho, então amora, pra gente começar, é, conta um pouquinho pra gente tipo, quem é a Luisa, que que Luísa gosta de fazer, que que Luísa pensa, história de Luísa, vai que vai, uma apresentação sua, do jeito que você quiser, signo se quiser, não tem regra.
 - Luisa: Beleza gente, eu sou a Luisa Silva Rafacho, eu tenho 22 anos, nasci no dia 18 de Março de 1999, sou de peixes com ascendente em áries e o resto áries, e eu sou filha da Elaine e do José Roberto, estão juntos, eu moro com eles, tenho mais três irmãos, uma mais velha e dois irmãos mais novos, a Ju, a Laura e o João. Então eu sou a segunda filha, a gente é uma escadinha né, a gente tem idade bem

próxima, eu moro no Jaraguá desde os meus quatro anos, quando eu era bebê, a nossa família morava lá no Jabaquara, e aí a família foi aumentado, e aí surgiu oportunidade da gente morar em um bairro mais afastado da cidade, mais tranquilo, é o bairro mais dormitório né, mais familiar, e as minhas condições de vidas assim são ótimas assim, estou numa posição de privilégio, por ainda estar com os meus pais, ainda tem um emprego e tudo mais, e os meus pais também trabalharam né, então praticamente aposentados assim, então eu tô nessa posição, mas ainda assim, eu estudei a maior parte da vida em escola pública, estudei no Fontinelli, aqui no Jaraguá mesmo, escola perto de casa, e foi lá onde, tenho amizades até hoje assim, logo quando eu terminei a escola, o fundamental, eu fui para ensino médio em Pirituba, também Escola Estadual, e foi lá também que eu passei todo esse tempo de Ensino Médio, não fiz tantos amigos no ensino médio, tinha mais amigos aqui no Jaraguá mesmo, amigos aqui do bairro, da vizinhança assim, nesse período né de adolescência, eu eu tinha muita vontade de fazer tudo, tive uma adolescência muito rebelde assim, saia muito, bebia muito, chegava tarde, virava a noite, então, então uma adolescência bem rebeldia, namorada muito também, fiquei em um relacionamento por três anos, com um menino, um cara, é foi um relacionamento bem abusivo assim, tanto pelo fato da gente ser jovem, mas por n questões assim, de posse, e, mas hoje a gente tem uma relação amigável assim, hoje a gente tem uma relação super boa, a gente fala de boa, e... logo depois assim, tipo na minha adolescência, foi quando, eu era uma aluna boa assim na escola, mas era uma aluna mediana, não tirava uma nota boa assim, mediana, tirava notas médias, cabulava muito pra namorar, pra sair.

- Victor: Rolezeira.
 - Luisa: Muito, e antes de, no meu último ano né, na nona série, que era série antes, agora é nono ano, tinha um projeto de artes nele assim, de aula, era aula extracurricular assim, tinha aula de teatro, tinha aula de audiovisual, aula de dança e aula de música, e aula de circo, tudo isso, pelo fato de a diretora ser bem engajada, ser bem é, bem pertencente assim com as artes e ela incentivava os alunos a entrar né, nessas aulas que aconteciam de sábado e daí eu comecei a fazer aula de violão, violão normal assim, tipo aula livre de violão, e la tinha muitos projetos voltados para exposição, pra apresentação, pra mostra cultural, então desde pequena assim, eu tava envolvida com a arte de alguma maneira sabe, sempre tocando, participando ativamente nas posições de escola assim, organizando com o pessoal e era uma coisa que eu gostava muito, eu até ficava praticamente o dia inteiro na escola né, porque eu também fazia monitoria de informática, ajudava a prof de informática, a ficar lá, então eu gostava muito desse ambiente da escola e com incentivo de professor, ele me incentivou a entrar pra escola de

música né, que fica lá na Praça das Artes e quando eu entrei foi bem no começo assim do projeto, novos alunos, novas turmas e eu cheguei a frequentar.

- Victor: É EMESP?
 - Luisa: É EMESP.
- Victor: Hmmm que dá hora.
 - Luisa: Eu frequentei, foi uma experiência super boa, já tava no ensino médio assim, tava no primeiro e segundo ano, fiquei dois anos lá, fazendo violão erudito e teoria musical, só que tava bem puxado assim né, terminava a escola, ia direto pra lá, passava o dia inteiro no centro, mas foi nesse período assim que eu acessei muito a cidade, eu já sabia andar de metrô, eu já sabia andar de ônibus, já ficava, andava pelo centro, que foi bom até né, e aí eu saí, porque eu faltei em algumas aulas, acabei me prejudicando, que namorando né, mas foi uma experiência muito boa assim, muito rica, me abriu uma uma visão assim, para arte, que eu gosto assim até hoje, eu toco só de vez em quando assim, nada muito nossa tocadora de violão sabe, mas pra brincar mesmo, e na escola eu sempre fui engajada assim para participar, tipo um dia, numa posição de liderança, de porta-voz, mas ao mesmo tempo também de zoeira assim, época da escola era época que estudei, era época das ocupações nas escolas públicas, foi 2013, minha escola foi uma das escolas que teve a ocupação, e no começo eu fui contra, porque não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas os professores eles explicavam para gente, acabei me envolvendo também no movimento, aí logo quando eu terminei a escola, depois de ter feito o Enem tudo, não, não fui tão bem assim, nao cheguei a fazer uma faculdade logo de cara, quando eu terminei a escola, eu fui tentar a Fatec, que é a Faculdade de Tecnologia da ETEC, e eu tinha gosto assim, para a área ambiental era uma área que eu gostava muito, pela escola também, e foi quando eu comecei a cursar o curso de técnico em meio ambiente, na ETEC, e lá no mesmo período, eu me envolvi, com um projeto social aqui no Jaraguá, como uma ONG chamada Passatempo Educativo, que é uma ong que tem uns projetos sociais voltados para a cultura, para arte, para turismo e lazer, e também pra praia ambiental e a gente fazia atividades recreativas, tudo com foco na educação, com as crianças aqui no Jaraguá, mas também em vários pontos assim na cidade, em Santana, a gente fazia muitas expedições também pedagógicas para outras cidades, tudo focado com a educação e também com essa parte das artes, né, uma coisa mais voltada para o brincar assim, uma coisa bem legal, foi la que eu me desenvolv bastante assim, como, como jovem, como mulher, me descobrir mais também, e foi ali que eu tive meu primeiro contato também assim, com outras meninas, que comecei a ficar com meninas assim, que eu me descobri, como, como bissexual,

foi eu tinha 18 anos quando isso aconteceu, e logo depois eu passei a ficar só com meninas, depois desse período, eu cheguei a ficar com outros caras, assim, mas depois eu comecei a gostar mais e fiquei só com meninas desde então, é aí a minha, a minha participação nessa ONG, eu tive uma oportunidade assim, de trabalhar pra eles, trabalhar como educadora, e foi muito massa assim, eu era bem novinha, não sabia né, até porque não tinha conhecimento, mas era uma coisa bem jovem pra jovem assim, era uma formação sobre juventude, sobre mercado de trabalho, sobre meio ambiente também, então tinha coisas atreladas que eu aprendia junto também, cheguei a ficar uns dois anos atuando na ONG e logo quando eu conclui assim a ETEC, foi quando eu também conclui minha fase na ONG, hoje eu só voluntária assim, tô raramente participando, mas sempre com aquele medo sabe, com aquele afeto de um lugar que marcou assim a nossa vida, e na ETEC também, foi um lugar que eu super me relacionava assim com muitas meninas assim, o que também é, eu desenvolvi alguns projetos ambientais, foi bem legal, descobri mais esse meu lado assim né, de educadora, de voltado para educação ambiental e aí eu fiz um outro curso também, voltado pro brincar e a natureza, que me instigou mais esse lado mais né, de arte educadora assim, com foco no brincar, e aí foi quando eu comecei a fazer o curso de agente cultural, aqui no CEU Pêra Marmelo foi com bolsa também, gratuita, tinha tentado entrar na faculdade de novo, mas não rolou assim, sempre quis fazer alguma publica, não queria pagar faculdade, queria me esforçar real mesmo, mas outras coisas estavam acontecendo que também eram boas assim, essas coisas também me engajaram de uma certa forma e aí foi quando surgiu essa oportunidade, essa bolsa né, pela faculdade.

- Victor: E aí Vi, tudo bom, tá ouvindo?
- Vitória: Oi, tô ouvindo, agora eu to, boa tarde gente, desculpa o atraso tá?
- Victor: De boas.
 - Luisa: De boa.
- Victor: Vai lá Lu.
 - Luisa: E, pela essa minha... por essa... por essa Luisa que eu era de sair muito, de estar sempre frequentando a cidade, curtia muito ir em rolê, show, exposição, museu, eu já tava com esse acesso sabe, já tava introduzido assim né, é uma coisa que eu curtia muito, assim, minha passa, passatempo ne, incentivava muito a gente, a sair, a viajar, a gente fazer essas expedições, então só aumentava essa vontade de sair, e eu comecei a andar com o pessoal, tipo do lazer e turismo assim, então era uma parada bem, era uma parada bem, bem presente assim, que foi bom para criar minha identidade assim, como eu sou hoje. E aí eu me interessei pela área cultural assim vi que seria uma boa, e comecei a fazer o curso de agente cultural, que pensava que tinha mais a ver com essa monitoria, de museu, exposição, mas é uma coisa bem

mais abrangente assim né, tipo, um olhar bem mais abrangente assim, pra cultura, para os coletivos, para o território mais, e foi lá que eu vi uma nova oportunidade assim, que eu comecei a olhar para o Jaraguá com uma outra visão assim, sabe, tipo mano, uma potência aí eu conheci outras pessoas, que eram artistas, que cantavam, que dançavam, a gente trocava muito essa ideia sabe, de como você ganha dinheiro sabe fazendo isso, como você tipo, ganha sua vida.

- Victor: Se mantém e tudo mais.
 - Luísa: E foi muito massa assim, mesmo tendo uma visão bem, a pró né, bem institucional do Senac, a turma como era bem mista assim, teve uma visão bem, de faixa etária bem, bem, como que eu falo, heterogênea a palavra, diversificada, as pessoas bem mais velhas, as pessoas mais novas, então foi uma experiência assim muito massa, acho que foi um ano e meio, acho que chegou nem a ser um ano, quase um ano.
- Victor: Lembro que vocês falavam né, que era uma puta formação, quantas vezes vocês se encontravam lá?
 - Luisa: Meu a gente ia todo dia, e era todo dia que a gente ia, e eu ia andando, aqui da estação Jaraguá ate o CEU 9 horas da manhã, então eu criei uma rotina muito saudável sabe, pude entrar no CEU assim, que é uma parada muito foda, e é super aberto pra gente, o CEU Pera Marmelo, vários programas vocacionais, entao a gente tava muito bem assim, localizados, tinha café da manhã todos os dias, foi muito massa assim, eu gostei muito dessa formação, eu ja tava vindo de uma outra formacao que era de manhã assim, nesse pique, mas era lá na Alma Paz, que é lá no Ibirapuera, não sei se vocês conhecem, que é a universidade aberta, Universidade Livre e Aberta do Meio Ambiente e Cultura de Paz, que é um programa que a Secretaria do Meio Ambiente tem, aqui da Prefeitura e eles têm esse lugar, esse espaço, essa universidade livre eles oferecem vários cursos voltados para ambiental, educação ambiental e foi um lugar que eu frequentei bastante apesar de ser longe de casa né, mas foi bom assim, eu me envolvi com Parque do Jaraguá também, hoje eu sou conselheira do parque, com a ONG né, em nome da ONG assim, que a gente desenvolveu bastante atividades lá, com as crianças e aí, terminando o curso de agente cultural, a professora incentivou no final assim, falou do Programa Jovem Monitor Cultural, perguntou se a gente conhecia, se a gente já tinha ouvido falar, incentivou a gente, a se inscrever, e eu me inscrevi, eu não conhecia até então, é aí eu me inscrevi, e na época foi um processo seletivo assim, bem árduo, três fases assim, e eu achei que eu não tinha chance, achei que quem entrava era só quem tinha faculdade e pa, nao sei, mas um dos critérios do edital, era um chamamento público, era pra jovens de 18 a 29 anos mas você tinha que estar né, principalmente de escola pública, também tinha essa

possibilidade assim, se você fosse uma pessoa lgbt, uma pessoa negra, uma pessoa indígena, uma pessoa trans, então foi bem legal assim e abriu caminhos de verdade, e aí eu passei no programa assim, tava no final assim, do a gente cultural, e eu já tinha praticamente entrado no programa assim, na biblioteca e eu podia escolher ainda, onde eu podia atuar sabe, a biblioteca Padre José de Anchieta que fica lá em Perus, e isso que é o mais legal assim, eles dão essa liberdade de você escolher onde você quer atuar, como agente cultural e tinha muito a ver com território né, visavam, você tinha mais chances se você escolhesse, um, um espaço perto da sua casa, e aí eu escolhi a Biblioteca Brito Broca, que é lá de Pirituba e a Érico Veríssimo, que é a de Taipas, a de Perus eu não conhecia ainda né, e aí eu tava crente que ia lá pra Brito de Pirituba, mas aí eles me jogaram pra Perus, mas aí eu já tava super feliz né, já tinha passado, falei nossa que dahora, uma experiência muito foda assim, fora a formação também que dão né, nossa muito massa assim, tanto em gestão cultural, quanto também, toda uma bagagem tipo, movimentos de artistas, todas as linguagens artísticas assim, foi lá que, apesar de ter sido só quatro meses presencial né, devido a pandemia, foram os quatro meses mais ricos assim sabe, várias, vivi muito sabe, toda segunda feira a gente se encontrava com outras pessoas que eram da zona norte, então era uma parada bem território assim, todo mundo da zona norte assim, gente do tendal, gente de teatros, de todas as outras bibliotecas, então então um baque assim, perceber que tem programação cultural muito foda perto de você sabe? E aí até hoje eu sou grata por ter essa experiência no programa, conclui agora em outubro, mas mesmo no programa assim, agora, acabou agora, dois anos né, fiquei mais um ano como continuísta, e aí eu outubro acabou, mas mesmo assim, queria fazer mais alguma coisa, que não queria só ficar no programa, apesar de ter sido uma experiência bem exaustiva assim, por ter sido virtual, aí eu tava querendo já buscar outras coisas assim, e eu fiquei muito envolvida com essa parte da política né, de ser uma política pública eu fiquei muito instigada assim de, de olhar para essa visão assim, dos nossos direitos né, enquanto os jovens e pá, então foi uma parada que eu peguei muito para mim assim tipo vou estudar aqui sabe, vou estudar para ver, nem falei da minha namorada hahahaha e aí eu comecei a estudar assim, a gente fez até um coletivo assim de estudos, foi bem massa, e o Articula, assim, e a gente até se candidatou assim para o conselho dos direitos da juventude na cidade, e a gente quase conseguiu assim, eu passo a cadeira, foi uma experiência do foda, e aí eles viram nessa potência assim, na gente falaram mano, os cara já tão sabendo demais tá ligado.

- Victor: Aham, tá perigoso.

- Luisa: Tá perigoso, porque tipo, a gente tava bem em cima assim, ah, várias brechas no edital, o dinheiro é questão, do dinheiro, a questão também na internet, vários jovens, então teve uma parada que a gente começou muito a reivindicar, e aí hoje eu tô envolvida né, no coletivo do Articula, que a gente busca suas melhorias, e também no coletivo lá de Taipas, que é Coletivo Arte Liberta que é o Diego e o Wellington, onde a gente faz um sarau lá na biblioteca Érico Veríssimo, é bem massa, e é isso.
- Victor: Tem trabalhos circulares né, eu já dei uma stalkeada. Não é, tem um trabalho com danças brasileiras, não é? Já dei uma stalkeada.
 - Luísa: Era dançarino, hoje ele tá super dançarino, tá no AG1 assim, vai ter uma peça dele hoje.
- Victor: Eu conheço a Djalma e a Sabrina.
 - Luisa: É então, eles vão estar no AG1 hoje, to querendo colocar hoje né, vai ser às 21h, lá no teatro Alfredo Mesquita, mas vai ter outros dias, vai ter sábado, e na próxima quarta feira também, e, nossa, eu criei essas amizades assim no programa que foram muito fudas também e eu conheci a Carol, que ela é minha namorada, eu conheci ela no técnico de meio ambiente assim, e a gente teve, tem essa relação né, que a gente tá nessa doideira né.
- Victor: Hm, conte-me mais sobre isso.
 - Luisa: A Carol, aí gente eu sou tão apaixonada por ela, sabe quando você tão apaixonado, mas você também odeia a pessoa assim, caramba, e aí a gente, hoje eu tô apaixonada por ela, porque hoje eu vou ver ela, e aí a gente tá tá, já vai fazer, a gente tá em novembro né, fez 3 anos em outubro.
- Victor: Você estava então começando, quando te conheci lá na oficina.
 - Luisa: Faz três anos da oficina?
- Victor: Faz, foi... 2019, não foi? Foi.
 - Luisa: A gente já tava juntas, a gente já tava juntas, que a gente começou a ficar em outubro de 2018 assim, e aí a gente se assumiu mesmo, no finalzinho assim, passamos o ano novos juntas e pá, e ela é uma pessoa que assim, a gente se ajudou muito, a gente se inspira muito também, uma parceirona sabe, namô, amiga também, e... e ela tá bem presente assim agora, ela me ajudou, a gente se ajudou nesse processo de aceitação, de se assumir para nossas famílias e tal, eu sou a primeira namorada dela assim, ela é minha primeira namorada também, assim tipo alguma coisa séria assim, não uma ficante assim, uma namorada, que vem em casa, que é uma almoça com a gente, que está presente, que a gente vai numa casa da outra, dorme uma na casa da outra, então é um relacionamento sério né, e a gente vem se questionado, vem se questionando sobre isso né, sobre a forma como a gente se relaciona, quais são as coisas que a gente quer, o que a gente sente também por outras pessoas, e isso vem de uma parada de

desconstruir também, porque ela ficava com cara também, isso vem dessa visão de desconstruir várias coisas assim, de relacionamento abusivo, de vários traumas assim né, e a gente tá nessa missão de desconstruir, assim, tipo, teve um período que a gente ficou separada, a gente acabou ficando com outras pessoas também, e isso, isso trouxe muita visão assim, tipo para o nosso relacionamento, muitas coisas que a gente reflete, até hoje, mas hoje a gente tá bem assim, tô bem, tô feliz, a Carol.

- Victor: Vou mandar um print assim, só do seu olhinho, quando você falou dela.
 - Luisa: Ài gente, tipo às vezes a gente tem medo né, de falar mano, será que isso é verdade tem nem, tipo será que vai dar certo, acho que também tem a ver com a minha família sabe, que eu sou muito família e tem essa coisa de ela não ser bem aceita assim, por parte da minha mãe, ela fala Luísa, então fica essa coisa sabe, de é isso mesmo que você quer da sua vida? Sabe, tá te atrapalhando ou não, seus estudos, seu trampo e é uma coisa que a gente leva pra gente né, querendo ou não, quando a minha mãe fala mano, quando os meus pais falam.
- Victor: Fica aquela pulguinha atrás da orelha né.
 - Luisa: É sabe, e aí eu tento conversar com a Carol também, pra ver se nossos sonhos são compatíveis e realmente são compatíveis sabe, mas eu tento sempre me sentir segura assim sabe, acho que pelo fato de eu ter essa adolescência muito avoadada, parece que eu sinto que é o momento da vida que eu quero mais tranquilidade, mais estabilidade, coisas mais sólidas assim, sabe, então é isso que eu to buscando nesse momento, agora to numa função aí de articuladora territorial, aqui no parque do Parque (?) da Água, que é um projeto social que também tem essa pegada aí da política, dos direitos, plano diretor, é, essas coisas loucas né, mas é um trampo assim de uma ong, uma instituição sem fins lucrativos que é contratada pela prefeitura né, tem essa terceirização né, é uma coisa que eu tô bem envolvida, tô bem descobrindo também, estudando e eu sinto que estou mais envolvida com esse lado assim sabe, direitos, política, projetos sociais, projetos culturais e afins, e essa sou eu gente, sou a Luisa, sou de peixes né, com Áries, 18 anos, ou, 22 anos, é que eu nasci no dia 18, e essa sou eu.
- Victor: Arrasou, meu, varias vontades de pergunta, a primeira é... Você tava falando né, da sua adolescência que foi super turbulenta e tal, naquele momento já tinha algum tesão assim, por mulheres também, tesão reprimido, ou não tinha, como que era?
 - Luísa: Tinha.
- Victor: Tesão mesmo, não era tipo uma dúvida? Que, que era?
 - Luísa: Era um tesão.
- Victor: Que às vezes tem né, eu falo por mim que tipo, eu não conseguia nem ter tesão, quando eu era pequeno, de tão reprimido que era em mim, que eu

ficava só na duvida, ainda o tesão não me permitia, mas você já entendia aquilo pra você então?

- Luísa: Já, mas não era uma coisa tipo, mano preciso ficar com uma menina agora, sabe, era tipo mano, eu gosto da minha melhor amiga, assim, acho ela bonita, tipo nossa, mas não era uma coisa que eu pensava tipo, mano vou ficar tipo, preciso ficar com ela, eu até criei uma conta fake pra falar com ela hahaha.
- Victor: Amei, hahahaha qual, que era o nome da conta fake? Ai
 - Luisa: Aii caras, detalhe, era um menino, è eu criei uma conta fake.
- Victor: Hmmm você não entrou como menina na conta.
 - Luisa: Eu... era Gustavo sei lá, e aí tipo, eu falava assim, ela tipo, chegava assim na escola, aí nossa, ele falou isso pra mim e eu tipo.
- Victor: Ah é querida, ah é, você acha que eu sei.
 - Luísa: Sim mano, tipo sério? Aí eu chegava em casa falava assim, e aí mano, no ensino médio, umas meninas assim, que eu já tava namorando né com Erick, e umas meninas tipo querendo ficar comigo não entendi, eu ficava ficava mano, não sou lésbica sabe, eu namoro super tipo afim de mim assim, não, não fico com meninas, foi mais uma amizade assim bem forte assim, que eu tive assim, na ONG, e aí todo mundo falava né, tipo de lgbt, todo mundo falava, aí você é bi, você é hetero, que que você é, falava aí mano sei lá, já ficou com menina, com quantas meninas você já ficou, ja sentiu tesão, entao a gente conversava muito sobre isso sabe, era um lugar bem aberto assim, ninguém zoada ninguém sabe, tinha alguém pra falar sabe, sobre isso, é que a gente passava muito tempo junto né, então a gente conversava muito, passava a tarde junto assim, brincando e tal, e aí foi juma brincadeira assim, tipo verdade ou desafio, que eu já tava assim afim da Mari, eu vou beijar ela, foda-se e eu tava mó corajosa e ela tava tipo, mas ela ja, ela é lésbica assim, e aí ela, eu não senti assim que ela tava tão afim de mim, mas eu tava mó afim dela, e aí a gente ficou assim, depois disso a gente ficou muito intensamente sabe tipo, a paixão, a paixão, noooosa ,a gente saia muito, dava muito role, muito role assim, nao desgrudava um segundo sabe, se via quase todo dia e isso acabou ficando muito forte, eu lembro assim de uma vez, a gente escrevia bilhetinho, eu escrevia pra ela, ela escrevia pra mim, a minha mãe não gostava dela, porque ela vinha aqui, ai lá na casa dela era suave assim, eu dormi lá uma vez assim, e foi minha primeira vez, e aí foi uma, umas descobertas assim, foi bom assim, foi bom até e aí eu comecei a me aproximar de outras garotas, também e tal assim, mas nada tipo, mano fiquei com 10 meninas hoje, não sabe, falava ah vou sair pra balada pegar várias, várias, é eu gosto dessa coisa de namorar, sabe, eu gosto de namorar, nao gosto dessas coisas, eu tentava sabe, sair, ficar, mas era uma parada assim sabe, eu sou uma pessoa muito apaixonada.

- Victor: Tem agora aquele meme né, do time dos emocionados, eu sou do time dos emocionados.
 - Luisa: Fico com uma pessoa e já tô apaixonada, eu sou assim cara, cada um foi diferente né, falava coisas bonitas pra ela, e ela tava com um cara quando eu conheci ela, ela ficava com um cara e aí teve um dia que era uma época que eu tava meio safadeza assim, que eu tava, ah não quero namorar não, porque eu tava meio chateada com a Mari né, tava com o coração partido assim, ela mentiu pra mim, fiquei brava assim, a gente brigou bem feio, fiquei muito chateada, e aí na etec assim, falei ah mano eu vou, será será a Carol namora? E aí uma amiga minha falou assim, bem alto assim, Carol a Luisa perguntou se você namora, aí todo mundo "aaaaaaa" assim sabe, aí ela falou que a partir daquele momento ela reparava em mim todo dia assim e eu nem tchum né, ficava com as outras meninas, mas suave assim, mano mas mesmo assim, dando uma de apaixonada também, daí foi quando eu comecei a ficar mais apaixonada com ela assim, a ficar mais com ela, a esperar levar ela pra sair, na escola. Aí teve um dia que eu tava muito afim assim de sair sabe, a gente tava estudando nesse dia, a gente tava na sala, aí a Leila que é muito amiga minha disse assim, vai lá ficar com ela mano, ela tá esperando que não sei o que, aí eu falei, ah mano, vou lá agora ficar com ela, aí eu saí da sala assim, no meio da aula, e a gente era de turma diferente né, turma A e turma B, aí eu saí no meio da aula assim, bati na porta dela, ela tava na aula de laboratório, aí o professor meio que, me viu né, que era aquela janela, aquela porta de vidrinho, ele viu que era eu, ele não deixou eu entrar, ele tipo olhou assim, aí ele continuou a aula assim, aí fiquei olhando tentando chamar a Carol, aí ela me viu, aí ela saiu, ela professor, professor, saiu assim da sala, aí ela "oi", aí pareceu que ela já sabia assim, aí eu falei, preciso te falar uma coisa, aí eu fiquei com ela.
- Airton: Que fofa.
- Victor: Muito.
 - Luisa: Aí a gente ficou nesse dia, aí a gente tá juntas até então.
- Victor: Foi o Sr. Beijo hein, nossa, arrasaram.
 - Luisa: Aí depois de alguns dias a gente começou a ficar assim, viajamos, foi bem nas eleições assim né, na época das eleições 2018 assim, aí a gente fez uma viagem.
- Victor: Só vocês duas.
 - Luisa: Só nós duas, bem na hora sssjm, teve a posse, aí a gente falou vamo viajar foda-se, que a gente colava muito em ato também né, ia pra ato assim juntas, a gente namorava e ia pro ato depois sabe, daora, foi bom, foi bom, passamos dois anos novos juntas, 2018 pra 2019 e esse ultimo 20, não a gente passou todos os anos novos juntas, todos, gente, que dahora né, a pandemia faz a gente esquecer de algumas coisas.

- Victor: Parece que 2019 fez a gente, piscou a gente já tá.
 - Luísa: Eu falando aqui lembrando da minha vida de várias coisas que aconteceu, a gente passou todos os anos juntas a virada, né.
- Victor: Ô Lu e me conta um pouco mais dessa relação tipo, a sua mãe, do seu pai ele é um pouco mais aberto e sua mãe um pouco mais fechada? Como que é isso?
 - Luísa: Então, quando eu me assumi, assim, eu senti muito, não senti tanto medo sabe.
- Victor: E como que foi, perai volta um pouco, desculpa interromper, mas como que foi isso dia que você se assumiu, você chegou e.
 - Luísa: Mano é que em casa, a gente tem uma parada muito de se reunir assim, mas fato da gente ser muito unido, a gente tem muito lugar de fala, aí vamos falar que tem alguma coisa errada acontecendo sabe, então dar uma notícia e todo mundo se reúne, então a gente faz meio que essas reuniões assim sabe, e como todo mundo já era de certa forma jovem né, tipo a Ju com 20, eu com 18, a Laura jovem, o João pré-adolescente, daí eu falei, ó gente eu to, eu fico com meninas, é uma coisa que eu gosto, eu ainda sinto atração por meninos, mas isso não é que eu sou lésbica sabe, já tinha essa interpretação né de que ficar com meninas, era lésbica, eu não, ainda sinto atração por meninos assim, e me identifico como bi, peguei e falei, eu tinha acabado de cortar meu cabelo, usava meu cabelo liso sabe, já tava tentando me assumir assim, assumir meus cachos, aí quando foi meu aniversário, falei ah mano, vou cortar meu cabelo, não tô me sentindo bem, aí acabou, acabou e começou no mesmo tempo, aí teve uns comentários tipo, aí você cortou o cabelo, é porque você quer virar menino.
- Victor: O cabelo foi antes ou depois de você se assumir?
 - Luísa: Foi durante assim sabe, foi no mesmo período.
- Victor: Ah tá, mas tipo, assim foi.
 - Luísa: Foi depois, foi depois que a gente fala assim mesmo né, que a gente fala pros nossos pais, foi depois. Aí, a Carol tinha cabelo grande né, essa época, aí então você que é o macho da relação, aí eu falei, a Carol também vai cortar o cabelo, aí eu peguei e cortei o cabelo dela, aí eu falei, não a Carol também cortou o cabelo, ficava puta sabe, e ela também já tava querendo cortar, tinha um cabelão assim, pintava o cabelo, e hoje ela tem o cabelo lindo assim, do jeito que ela gosta, e aí foi isso.
- Airton: Você acha que, deixa eu fazer uma pergunta, você acha que o fato de você ser bissexual, sentir atração por dois generos, causou mais confusão pros seus pais, tipo, pra eles não entenderem tanto você?
- Victor: Seria mais fácil se você fosse lésbica?
 - Luísa: Sim, acho que causa sim, uma confusão até hoje, as vezes eles até perguntam sabe, aí nossa, mas, você não sente saudade não de ficar com menino? Sabe?

- Victor: Eles perguntam?
 - Luisa: É, eles perguntam. Às vezes rola uma pergunta assim, tipo, ah, você não fica mais com menino, porque você ficou com trauma? Minha mãe perguntou isso uma vez pra mim, falou ah, você tem trauma do que aconteceu com o Erick, aí eu falei não, eu só acho que eu me sinto bem ficando com meninas, não que eu não ficaria com menino, ou com uma menina. Acho que ela tem essa resistência, por ela vir de uma família, religiosa, sabe, então é uma coisa assim tipo, censurada assim sabe, que vem de família.
- Victor: E de família assim, você não fala assim.
 - Luisa: Todo mundo já sabe assim, que eu tenho um relacionamento com a Carol, já é uma coisa totalmente explícita assim, a gente tem foto, todo mundo pergunta, até porque também né de relação, já, já demonstra isso né, e o meu pai foi uma coisa assim, mais, tipo aí eu não quero ela aqui, foi um processo também sabe, ele começou a gostar dela assim, sinto que ele gosta como pessoa, dá pra ver assim, dá pra sentir, mas não é uma coisa tipo ah, proibido, sabe, não gosto, você tá proibida de vir, mas é aquela coisa tipo, ah, não fica de porta fechada, sei lá, alguma coisa tipo assim, se fosse um menino tava suave sabe.
- Victor: Entendi, não fica de porta fechada, seria tipo assim, não transa aqui em casa.
 - Luisa: É, tipo isso, mas ao contrário na casa dela foi um baque né primeiro, pra mãe dela, foi uma coisa muito louca assim, eu não era tão bem aceita, tão bem vinda, elas começaram, e uma família só de mulheres né, ela mora com uma família só de mulheres, então o tratamento é de mulheres pra mulheres, e elas começaram a me conhecer, viram que eu era gente boa, viram que eu era uma menina do bem, elas começaram a me aceitar, eu me sinto muito da família dela assim sabe, me sinto muito acolhida assim, a gente é bem próximas, não que a Carol não seja aqui, no caso assim, sinto que ela é também, mas não como seria em um relacionamento hetero assim por exemplo, igual a minha irmã tem, minha irmã, ela vai casar assim, e a forma, ou tratamento é completamente diferente assim, sabe.
- Victor: Você já chegou a reivindicar isso algum dia, tipo chegar e falar assim, gente, porque que é diferente da minha irmã, pra mim?
 - Luisa: Aí eu já, já levantei algumas questões, já falei é já percebi que quando é a Carol vocês não chamam muito né, mas quando é o Marcelo, vocês ficam ah normal, e eles sabem que eu fico chateada, é evidente, não escondo também sabe, não vou esconder, mas ultimamente eu tava escondendo bastante, isso tava me deixando bem mal assim sabe, essa abertura, levei até pra psicóloga.
- Victor: Importante isso, te entendo.

- Luisa: Levei até pra terapia, falei ah mano, droga, mas acho que também rola, rolou esse ciúmes né, a minha irmã vai casar, e eu e a Carol a gente aqui, não se aceitou ainda direito né.
- Victor: Aham, não assentou a relação, relação de casa né.
 - Luisa: É sabe, essa liberdade sabe, esse apoio assim, sabe o apoio que a gente tem nesse sentido, uma coisa que eu fico pensando assim, que a Carol é louca pra casar né, ela é tipo, a casamenteira, hahaha, ah mas eu quero casar sabe, aí gente.
- Victor: Já sabe, já imagina assim que é na praia, no campo.
 - Luisa: A Carol é muito lúdica, ela é de Aquário, ela é de Aquário com ascendente em Câncer e eu já não sabe, eu já tenho uma vontade de ficar com outras pessoas, tipo já quero, eu não sinto ainda que eu tô pronta, pra casar tá ligado, mano.
- Victor: O relacionamento de vocês é aberto ou não?
 - Luisa: A gente tá tentando, a gente tá tentando assim hahahahaha.
- Victor: Esse suspiro assim shjajwhwjwjw.
 - Luisa: A gente tá tentando, mas a gente precisa conversar mais sobre isso, até porque a gente não quer se perder né.
- Victor: É mais desafiador né.
 - Luisa: Aquela coisa assim, não quero me afastar dela por uma sei lá, porque eu fiquei com outra pessoa, mas eu sinto muito isso assim, não aí eu só quero você, não, sinto que eu quero me relacionar com outras pessoas, já ela não, ela tem essa coisa, ah só você ta bom pra mim, e aí ela tá começando assim, a Carol, a gente assim tipo, eu sou uma pessoa muito aberta, falo né, muito aberta, eu chego muito nas pessoas, sempre amigável assim muitos amigos, a Carol já é assim mais, poucos amigos uma pessoa assim, mais, não tão aberta assim sabe, eu fico mais tentando abrir ela assim, fico Carol, autoestima, sabe várias coisas que são pessoais dela assim sabe, e eu sinto que às vezes eu deixo ela mais preza sabe, por causa disso, pelo fato de eu tá ali com ela, de que ela é linda, que ela é maravilhosa, e aí parece que se eu não tô com ela, ninguém vai falar mais, sabe? Aí tem isso.
- Victor: Hm entendi, deixa eu fazer uma pergunta um pouco mais íntima, mas por exemplo, a gente tava refletindo sobre isso né, como que muda é, porque a gente tá falando todo mundo no recorte do documentário do Jaraguá, né, e como que muda nossas experiências de ser LGBT aqui, por exemplo, você experienciou uma coisa bem próxima da minha, eu também moro com meus pais, e você tá falando esse negócio né, de ficar aí, mas não fica de porta fechada, não sei como é para os bissexuais né, se tem o termo "local" que a gente usa nos apps gays, você conhece esse termo?
 - Luisa: Como?
- Victor: "Local". Não?
 - Luísa: Não, tô conhecendo agora. É a casa dela gente.

- Victor: Hmm tá, é esse o ponto, porque o local é basicamente esse rolê, se você tem espaço ou não pra transar, se você pode tipo, seja num carro, ou um quarto fora da casa que dá pra ir e tal, e como que, você morando aqui, morando com seus pais, como que isso interfere nas suas relações, de ter não ter Local, como que é.
 - Luísa: Então, é uma coisa que, a gente vem questionando também, de ter o nosso lugar, de ter o nosso espaço e é o nosso sonho né, acho que é o sonho de qualquer casal assim, de ter um espaço só nosso, e é uma coisa que a gente vem buscando assim, a gente tava num projeto de querer se mudar daqui de São Paulo, de encarar tudo em outro lugar assim, de outras coisas, mas aí tem essa questão do trampo também, que eu tava terminando o programa, já comecei uma outra coisa assim, as coisas tá uma doideira, a gente tem que pensar também em tudo que tá acontecendo, questão financeira e tal, mas é algo que a gente almeja né, alcança.
- Vitória: Deixa eu fazer uma pergunta, só porque eu não entendi, vocês duas são bissexuais?
 - Luísa: Sim.
- Vitória: Entendi.
- Victor: Mas então, de certa forma, implica sim, é uma coisa que já é uma angústia.
 - Luísa: Implica, mas não é algo que chega a ser um problema, sabe, não sei, não chega a ser tipo, não temos um lugar, tipo.
- Victor: Mas tipo assim, você fala também dessa vontade de viver outras coisas com outras pessoas né, de, e aí, só uma projeção, não tô falando o que você tá fazendo, nem nada, mas assim, você acha que isso, tipo assim, porque tem esse lance né, quando você namora o acordo fica um pouco mais fácil né, você tem onde ir, você tem aonde, na casa da pessoa, mesmo com as dificuldades ou não, se é de porta aberta se não é de porta aberta, dá. Mas você acha que essa relação de tá aqui, se estivesse solteira por exemplo, ou com uma relação mais aberta, você saindo com mais pessoas, isso ia ser também uma coisa?
 - Luisa: Olha, pensando nessa questão sexual talvez sim, talvez seria, uma coisa eu posso tipo, usar essa palavra, perigoso, né, porque a gente tem medo né, desse tipo de situação publicamente, mas com a Carol eu não tenho medo sabe, tipo a gente já teve medo, às vezes tem, mas agora é coisa diferente sabe, você tá há muito tempo com a pessoa mano, você tem uma certa segurança, pelo menos essa é a minha visão.
- Victor: Quer fazer uma pergunta também Vi? Eu tô aqui metralhando ela de pergunta.
 - Luisa: Pode fazer gente.
- Victor: Se você for pensar, qual lugar mais te move, qual lugar que mais te marcou no bairro, qual o lugar que você mais se sente confortável, alguma coisa assim, que é muito forte emocionalmente pra você?

- Luisa: Pico do Jaraguá.
- Victor: Pico do Jaraguá, por quê?
 - Luisa: Pico do Jaraguá é meu lugar favorito, eu sinto que é o meu lugar favorito, porque, puts é o pico, porque foi lá que aconteceu umas coisas bem marcantes assim, lá foi o único beijo assim sabe, o primeiro amor, foi papo de muito role assim com os amigos, minha família foi algumas vezes e eu fui muito sozinha lá também, eu trabalhei lá também né, tenho esse vínculo também, então é um lugar muito presente assim né, até também pelo fato culturalmente falando né, por ser ali nas aldeias também, a gente acaba entrando em outro universo né, então é o pico do Jaraguá.
- Victor: E quando eu ficar assim escrevendo, é porque eu tô anotando as coisas pra depois não esquecer viu, mas não é que eu não tô prestando atenção não.
 - Luisa: Relaxa gente.
- Victor: É, e outra coisa, se você parasse pra pensar hoje assim, você fecha o olho e a coisa que você desejaria como um, um sonho, seja a, seja se fosse um local de morar, ou seja um, uma forma de vida, aí eu sonho tá tá tantos anos, fazendo tal coisa, qualquer coisa ,abstrato assim, um sonho pra você assim.
 - Luisa: Uma casa na natureza, perto da natureza e vivendo em um lugar seguro, tranquilo, e confortável né.
- Victor: E Lu, você comentou um pouco mais dos seus atritos familiares né, mas assim, você já passou por alguma situação de violência, seja de verbal, ou até mesmo física?
 - Luisa: Olha, uma violência você diz de homofobia, nada muito assim, nada muito agressivo eu diria, acho que umas coisas mais, chatas que eu ouvi, foi mais umas questões assim, do meu pai, até da minha mãe, agora, esse é o fato né, que me marcou bastante assim, que ele falou "ah, então você agora é o homem da relação".
- Victor: Isso quem falou foi o seu pai?
 - Luisa: É foi ele, mas nunca tipo, tô te xingando sabe, ele nunca me xingou assim, como xingamento assim, tipo aí tô te xingando, porque você é isso, aí sapatão, não sei o que nunca sofri essa violência violência tipo, e teve uma vez também, a avó da Carol, que hoje em dia ela super aceita a gente, mas teve uma vez que ela falou assim tipo do meu cabelo, é, tá parecendo um macho com esse cabelo, aí a Carol tipo, para vó que não sei o que, aí eu falei, é meu cabelo e eu gosto dele assim, aí ela virou, que tem até um meme que tem aquelas Vós que fazem uma comida muito boa, que tipo a vó faz uma comida muito boa, mas também faz vários comentários racistas hahahaha e foi só isso assim, só esses que eu lembro assim.
- Victor: Que ruim que aconteceu, mas que bom que não teve nada mais grave assim.

- Luisa: Aí teve uma vez também que a gente tava passando na rua, sabe quando alguém grita assim, você não ouve, mas sabe que foi alguma coisa feia?
- Victor: Que se você ouvisse ia te machucar.
 - Luisa: É, deixa eu ver, nem isso, essas foram as únicas vezes assim, alguém passando do nosso lado falando alguma coisa feia e eu tipo, aí fodac sai, mas na valencia assim de ser quem a gente é, graças a Deus assim, nunca aconteceu.
- Victor: E você se sente segura assim aqui no Jaraguá, tipo se você tiver que andar de mão dada, se você tiver que beijar num ponto de ônibus, você se sente segura?
 - Luísa: Sim, eu me sinto, eu me sinto, até porque eu me sinto em casa sabe, me sinto mais segura aqui do que em qualquer outro lugar, tipo se eu tô no centro, eu não me sinto tão segura lá, antes eu me sentia mais.
- Airton: Essa segurança vem das pessoas também do bairro, porque todo mundo já te conhece então.
 - Luisa: Vem muito disso também, vem muito tipo, é um lugar que eu conheço as pessoas, conheço meus vizinhos, conheço a escola, né, conheço as pessoas do bairro, coisa de tipo, ah segurança, né, me sinto sim, mas uma parada que aconteceu assim com a gente, foi até meio recente, que não tem a ver assim com a homofobia, mas a gente foi violentada assim na rua, sabe? Por uma pessoa em situação de rua assim, e foi lá na Barra Funda que é onde a Carol mora, que é um bairro que tem assim, não sei se você já ouviu falar, oficina Boracéia?
- Victor: Como?
 - Luisa: Oficina Boracéia, que é um albergue, é um albergue assim, que fica passando pessoas em situação de rua, e a gente tava comendo um pastel assim e o cara foi meio que, que intimado, ele tava com um pedaço de metal, parece que ele tava pegando de uma casa, sei lá, o morador de rua e a gente tava presenciando aquela ação assim, o cara tava sendo, é... oprimido assim pelo outro cara e a gente tava ali vivenciando aquela cena, e o cara que tava com o pedaço de metal, situação de rua, ele se sentiu meio que, envergonhado né, por eu e a Carol tá vendo ele daquele jeito, a gente teve, ele voltou e agrediu a gente assim.
- Victor: Com o que ele tava segurando, o negócio de metal?
 - Luísa: Não assim, ele foi embora, ele saiu assim, tipo o cara foi oprimindo ele, pedindo pra ele ir embora e tal e aí, tipo a gente falou "ah acho melhor a gente sair daqui assim", parecia uma briga assim sabe, aí o cara voltou, tipo "não olha pra mim não, não olha pra mim não" pá, foi um susto assim sabe, mas a gente não se machucou tanto assim.
- Victor: Ele chegou a bater mesmo, de soco essas coisas.
 - Luisa: Chute.
- Victor: Caralho.

- Luisa: Levei um chute assim, me bateu, deu um chutão na Carol.
- Victor: E você acha que isso tem a ver, tipo a masculinidade frágil que engatilhou tipo mulheres que namoram, tão me olhando que porra é essa assim.
 - Luísa: Sim, com certeza, aí vou bater nelas porque elas são mulheres, porque ele foi oprimido por um cara né. Ele viu que a gente tava olhando ali pra ele, e a gente tava tipo defendendo ele tá ligado, falando mano como assim, o cara já tá passando vários b.o, deixa o cara, não que a gente tivesse falando assim né, verbalmente, mas a gente sentiu ali no momento sabe, mano que foda isso né, o cara não pode nem viver, não tem condição, a gente tava defendendo, aí o cara voltou assim, já achou que a gente tava concordando, tá ligado.
- Victor: Uhum.
 - Luisa: E aí a gente sofreu essa violência assim, foi bem foda, e até hoje a gente fica meio pá de andar na rua sabe, por ali, por aquela região.
- Victor: Ô Lu, eu ia perguntar uma outra coisa assim né, é.... Geralmente né, a gente com essas, com nossas sexualidades que não são hegemônicas, a gente passa por um processo muito, é... diferentes também na infância em relação a identidade, de se privar pra não deixar aparecer, de, é, sei lá, ou tipo assim, quando você percebe que aquilo que você fazia era uma coisa que poderia te gerar um problema e que a sua família poderia achar ruim, e você se privar de alguma forma, deixar de fazer, rolou alguma coisa assim na sua infância, alguma coisa que você fazia e o pessoal tipo não, não, sabe, alguma coisa assim?
 - Luisa: Tipo não, não faz, rolou, eu brincava muito com meninos sabe, e aí eu tinha muito mais amizades com meninos do que com meninas, é aí aí a num ponto assim de que eu fui meio proibida sabe, parar de sair com esses meninos e pá, e aí teve até uma situação que, eu fui no psicólogo quando eu era criança e depois de muito tempo eu comecei a me questionar mano, que que eu fiz sabe? Tava tudo bem, aí eu perguntei pra minha mãe, porque você me levou no psicólogo uma vez? Ela falou aí porque você só brincava com menino, falei nossa, isso é um problema? hahahahaha Falei caraca.
- Victor: Hahahahaha Se não tivesse amigo ainda, aí outra coisa.
 - Luisa: Falei nossa, antes alguém do que menina, aí ela tipo aí, entendi, e eu nunca mais falei sobre isso, com ela assim, acho que era uma coisa que eu até poderia resgatar assim sabe.
- Victor: E você hoje assim se considera uma pessoa, por ter talvez passado por esses processos de, polir um pouco a identidade para se adaptar, sair um pouco mais ilesa de alguma situação, hoje como você se sente tipo, em termos de autoestima, em termos de segurança, de confiança, de carência né, como você se sente, se rola uma solidão na cabeça, alguma coisa assim, ou não.
 - Luisa: Olha eu às vezes, rola, a autoestima eu acho que eu tô na minha melhor fase assim sabe, nunca me senti tão bonita, graças a Deus

assim, e... é uma fase que eu tô bem confiante assim sabe, tem coisas mais sólidas, carreira construindo-se, tenho uma estabilidade financeira também é boa, mas também assim, esse medo, essa insegurança de aceitar mesmo assim sabe, na hora de sair, na hora de levar as minhas coisas então, eu sinto às vezes uma carência assim, tipi, ninguém tá me apoiando sabe, não que ninguém esteja, mas as pessoas que eu queria que estivessem me apoiando não estão.

- Victor: Faz falta né.
 - Luisa: É, então eu sinto isso assim, a Carol me apoia muito assim, até as vezes, mano tá bom eu sei que você me apoia.
- Victor: Hahahahaha me dá um espaço agora.
 - Luisa: Né tipo, impressionar outras pessoas assim, ambiente familiar, você quer provar mesmo sabe? Que você pode assim, não mano eu posso sabe, então eu tô nessa fase tipo, querendo sabe, sair, ter essa autonomia né, falar mano, cresci já, eu consigo fazer essas coisas, que tá todo mundo aqui se ajudando, a gente se ajuda, não tem nada aqui sabe, tipo aí, a gente se ajuda, a gente se ama, a gente se ajuda, a gente é família, mas também rola essa coisa né, tipo aí, ficaria bem, eu gostaria de ficar bem, se eu tivesse esse espaço, assim, uma carência, às vezes não to confiante sabe.
- Victor: Tendi, olha, pra mim foi muito bom o nosso nosso de hoje, não sei se Vi ou Airton querem alguma pergunta que ficou aí engatada, como vocês tão?
- Airton: Ah, acho que eu não tenho nenhuma pergunta pra fazer, gostei muito da conversa também, achei muito legal sua história e acho que você falou muito sobre ?, sobre afeto e formação, acho que foi muito importante nesse meio processo de aceitação, então eu achei muito legal sua história, muito legal mesmo adorei te conhecer.
 - Luisa: Eu também, espero conhecer vocês melhores também.
- Vitória: Sim né, aí foi muito bom também escutar você, muito bom te conhecer assim, apesar de ter perdido o comecinho, mas nossa, é eu acho que na real, as perguntas que eu tinha vocês já fizeram já, acabaram fazendo então não tenho perguntas, mas muito legal te ouvir assim, ver sua experiência assim também, nesse lance de família e tal, porque acho que pra mim pelo menos é uma grande questão também na minha vida pessoal, então é interessante.
 - Luisa: Da hora.
- Victor: É muito bom porque parece que a gente realmente né, é... eu não sei assim, mas eu sinto que a gente vai ouvindo pessoas como a gente é agente vai se reconhecendo muito né, parece que só muda de endereço assim, as fragilidades são as mesmas, sabe, os atritos são os mesmos e de certa forma jovem acho que pra mim tá fazendo muito bem também, a segunda conversa, e nossa a de ontem me fez tão bem que meu, é uma questão que muita gente passa e tipo, e é... tá sendo meio curativo assim, de sabe mesmo de se reconectar assim, com o grupo, com essa comunidade, está sendo muito gostoso.

- Luisa: É isso meu, a arte salva, o que a gente tá fazendo aqui é pura arte, não tem outra explicação, isso é uma terapia.
- Victor: Amora, então muito obrigado, viu, por ter topado, a gente então, vou parar de gravar aqui, a gente...

5.5 Rafa Kaje

Vale ressaltar que essa entrevista também contou com a presença de Airton Cruz e Vitoria Albano, ambos colaboradores na realização do documentário.

- Victor: Deixa eu ver se tá bom, aí, acho que agora foi né, tá aparecendo aí pra vocês gravando?
- Airton: Aqui apareceu.
- Victor: Apareceu? Bacana, Rafa para a gente começar, é... assim, comenta um pouco para gente quem que é o Rafa, qual sua idade, e que que Rafa gosta de fazer, quem que é o Rafa, bem aberto pode ir, a gente tá aqui todos ouvidos.
 - Rafa: Mas não sei como começar.
- Victor: Não tem jeito certo, se quiser falar de signo, eu te stalkeio viu nos status, pode falar das coisas que você gosta hahahaha tô brincando.
 - Rafa: Ah então, tipo sei lá eu não como falar.
- Victor: A sua idade, eu vou fazer perguntas menores então, pode ser, pra ser mais fácil? Quantos anos você tem Rafa?
 - Rafa: Tenho 21 anos.
- Victor: 21 anos e você sempre morou aqui no Jaraguá?
 - Rafa: Faz três anos já.
- Victor: Ah entendi, e antes você morava onde?
 - Rafa: Sou do Paraná.
- Victor: Humm e... como que foi assim, como que foi você que decidiu vir para o Jaraguá com uma questão da... do seu povo né, de precisar que você viesse para cá, como que foi?
 - Rafa: Não na verdade, quando quando morava em São Paulo, no Paraná né, eu era um pouquinho mais reservado, porque lá no Paraná as aldeias são mais conservadoras, mais reservadas né, e lá eu tinha uma vida mais de responsabilidade, estudava, quase não fazia nada, estudava de manhã, de tarde e de noite né, aí assim que eu terminei o ensino médio, sempre tive vontade de conhecer o Jaraguá né, porque tinha vários vídeos, vários documentários das lutas né, deles aqui né, pela terra, demarcação né e eu sempre quis participar, ficar ativo né, nessas questões, aí depois que eu terminei o ensino médio eu vim pra São Paulo né, no início, eu tentava né, tipo ficar mais reservado, mas

com o tempo eu percebi que aqui era mais liberal né, tipo as pessoas conversavam independente do que seja ou não né, aqui fui me assumindo mais, até para minha família né, aí minha assumi verdade né, e agora tá, tá bom né.

- Victor: Que ótimo né, e você se considera, o que, você considera uma pessoa bissexual, homossexual, pansexual, que que você se considera hoje?
 - Rafa: Eu me considero acho que não-binário, porque eu sou, eu não me identifico com mulher nem homem, tipo, nessa vibe.
- Victor: E de sexualidade, você se envolve, tem preferências por algum, algum gênero específico, ou não tem diferença?
 - Rafa: Não, tanto faz.
- Victor: Bacana, que tudo, e Rafa como que você começou a sentir isso assim, você já sabia lá no Paraná, que você tinha alguma coisa diferente das outras pessoas, ah, como você sentiu isso, quando foi que você falou, nossa, algo de diferente tem aqui.
 - Rafa: Acho que desde criança eu era diferente, mas eu não me questionava né, tipo, tinha alguns, algumas coisas diferentes que eu fazia né, de outras crianças né, aí tipo, tinha fases né, dos 13 anos eu tive uma fase que eu era mais, tipo mas, como é que se diz, mulherzinha né, tipo eu, me vestia como uma mulherzinha né, tipo eu me vestir mais como uma mulher né, tipo, tinha o cabelo comprido e era umas pra mim, aí de lá eu mudei de novo, fiquei mais reservado né, desde os 15 anos, dos 15 até até 17 anos, eu não era assumido ainda né, e agora só me assumi com 18 mesmo, com 18 anos.
- Victor: Ô Rafa e lá, o seu povo, povo do Paraná, também era Guarani?
 - Rafa: Sim.
- Victor: Sim? Bacana. Ó se eu tiver olhando pra baixo, não é que eu não não prestando atenção não viu, é que tô anotando pra esquecer as coisas que você tá falando, as coisas mais importantes, não fica achando que não to prestando atenção não, viu? É... e... Rafa, é.... Você já passou lá no Paraná, ou aqui no Jaraguá, alguma situação assim, que você encara hoje como violência, e discriminação, alguma coisa por voce ser quem você é.
 - Rafa: Ah, todo mundo passa né, acho que também já passei, mas tipo, agressão fisicamente, não, nunca aconteceu né, mas verbalmente.
- Victor: Teve algum episódio que te marcou, aí é uma coisa que eu esqueci de te falar, lá no começo, assim, a gente vai perguntando, vamo fazer a vibe do curioso, nós vamos te perguntar sobre tudo, é tudo, você vai ver, eu vou perguntar muita coisa, mas se tiver alguma coisa que você falar, Victor não quero responder essa pergunta, não é problema viu, você fala, gente vamo pra próxima pergunta, pede para seguir, gente vamo passar pra outra pergunta, fique tranqüile viu, porque não é uma atrás pra gente, nao é ruim você não responder uma pergunta, a gente sabe só que não, não dá pra ir naquele assunto naquele momento entendeu, mas dessas agressões verbais que você falou, teve alguma que te marcou a mente, que você tipo, você lembra assim,

que você queira compartilhar, algum dia que você lembre o episódio que aconteceu.

- Rafa: *travando*
- Victor: Tá travando um pouquinho pra mim, não sei se é só pra mim, também, pra vocês Airton e Vi?
- Ayrton: Aqui travou um pouco.
- Victor: Tá. Rafa, travou um pouquinho, retoma essa pergunta por favor, essa resposta na verdade, você tava falando de alguma coisa de uma liderança, não era alguma coisa assim?
 - Rafa: Não, não era de liderança, hahaha.
- Airton: Uma festa eu acho.
- Victor: De festa? É travou, eu não consegui entender, meio nada. Pode repetir por favor? Eu lembro que era de alguma festa, de ouvir a palavra liberal, mas só isso.
 - Rafa: Então teve uma pessoa né, que, era um amigo né, tipo, aí do nada ele falou que eu tinha nascido errado né, e que loucura era errado, isso marcou um pouquinho né, tipo machucou um pouco né, tipo depois daquele momento eu me questionava muito né, sobre essas questões religiosas também né, aí eu fui um pouquinho pra depressão também, aí, resolvi perguntar né, pra, para líderes religiosos do nosso povo né, a eles tipo meio que acalmaram isso né, falando que não tinha essa coisa de, nosso Nhanderu, escolher né, certas pessoas, mas que Nhanderu olhava pra todos, aí, comecei a me levantar de novo.
- Victor: Que lindo, tô anotando aqui, e... como você reagiu, quando essa pessoa virou pra você e falou que você nasceu errado, que você tava errado, que que você, na primeira reação assim, você falou alguma coisa? Ou só realmente tipo, te machucou e, não, não teve nunca, né tipo, nenhum, nenhum freio né, nessa pessoa de alguma forma, como que foi?
 - Rafa: Não, não falei nada, fiquei na minha mesmo, tipo machucado mesmo.
- Victor: Entendi.
- Airton: Quando essa situação aconteceu você tinha quantos anos?
 - Rafa: Eu tinha 18 acho, que era, que eu tava me assumindo ainda e tava.
- Airton: E foi aqui em São Paulo mesmo?
 - Rafa: Foi.
- Victor: E... Rafa e a sua família, como que lida contigo? te aceita bem, teve algum atritinho? Teve, foi difícil no começo, como que foi?
 - Rafa: Foi difícil no começo né, tipo na questão do, dos meus irmãos, das minhas irmãs né, alguns aceitavam, outros não né, tinha essa questão né, minha mãe é de boa né, ela é a que mais me apoiou, meu pai, acho que meu pai, acho que não aceita, mas ele não fica falando disso né, ele me trata normal, tipo, mesmo que.
- Victor: Ele não te machuca né.

- Rafa: É, mesmo que ele saiba né.
- Victor: E hoje todos os seus irmãos e irmãs te aceitam?
 - Rafa: Sim, todos.
- Victor: Quantos irmãos e quantas irmãs você tem Rafa?
 - Rafa: Eu tenho 9 hahahah.
- Victor: Caramba, família grande que dahora, e todo montado no Jaraguá hoje?
 - Rafa: Não, não.
- Victor: Quem tá no Jaraguá e quem que tá no Paraná?
 - Rafa: No Jaraguá tem uma irmã mais velha né, aí o resto tá tudo espalhado.
- Victor: E você tipo é caçula, tipo do meio, como que é.
 - Rafa: Eu sou quase caçula.
- Victor: Entendi, e me conta dessa irmã mais velha, qual que é o nome dela, Rafa?
 - Rafa: É... Neuza.
- Victor: E vocês se dão bem, como que é?
 - Rafa: Sim, a gente se dá bem, a gente, eu moro numa aldeia do Prau né e ela mora na do Itakupe, são duas aldeias né, a gente se vê algumas vezes só, fim de semana.
- Victor: Entendi, e pro pessoal da sua idade na aldeia que você vive, nas aldeias né, por aí, como que é assim, tipo te aceitam bem, ficam curioso, alguém já veio algum dia perguntar, ah como que é pra você, porque às vezes deve dar, aquela curiosidade despertar de que que, como que é?
 - Rafa: Fazem muitas perguntas constrangedoras também às vezes, jajajaja.
- Victor: Hmmm, a gente vai chegar nessas perguntas viu, mas pode falar, como que é, e aí você fica tranquilo de responder, como que é isso?
 - Rafa: Às vezes sim, às vezes não né, tem perguntas que eu não respondo.
- Victor: Entendi, e... e tem mais pessoas LGBTs, nas aldeias?
 - Rafa: Tem, tem.
- Victor: Tem, mas é bastante? Pouco, como que é?
 - Rafa: Tá, tá aumentando né, tá aumentando né, mas aqui no Jaraguá tem, agora tem três, quatro, quatro.
- Victor: Além de você ou contando com você?
 - Rafa: Comigo.
- Victor: Com você, hmmm, entendi e vocês e essas pessoas lgbt, essas quatro, são unidos ou é, vocês moram na mesma Aldeia, como que é isso, vocês se vêem sempre, como que é a relação.
 - Rafa: Mora na, três moram na mesma Aldeia e uma mora em outra aldeia né.
- Victor: E deve ser um grude né, como vocês são juntos?
 - Rafa: Não, não, na verdade não.

- Victor: Não? Caramba achei que seria, Entendi. Quem que você falaria, ah, a pessoa mais próxima de mim na aldeia?
 - Rafa: *travando* de qual?
- Victor: Travou, quem?
 - Rafa: Ah, como assim, pergunta de novo.
- Victor: Ah, tá bom, quem que seria a pessoa que você fala que é mais próximo, que você mais gosta, que você mais troca ideia né, bate papo e tudo mais?
 - Rafa: Eu tenho um amigo que se chama Richard.
- Victor: Richard, deixa eu anotar. E hoje Rafa, você tá solteiro, tá de rolo, tá namorando, como que tá tá coração?
 - Rafa: Tô, tô solteiro, tô de boa.
- Victor: E você já namorou, com alguém da aldeia, ou com alguém dessa que você mora, ou com alguma outra pessoa?
 - Rafa: Eu acho que tava namorando, mas ele não sabia.
- Victor: Acontece, acontece, já passei por isso hahahaha, entendi e vocês terminaram então?
 - Rafa: É foram, uns dois anos por aí.
- Victor: Sim, e nesses dois anos, vocês, an, chegaram a ter relações íntimas também?
 - Rafa: Sim
- Victor: Sim? E como que é essa questão também nas relações e tudo mais, questão de saúde né, de preservação e essas coisas e tudo mais, como que vocês lidavam?
 - Rafa: Tem a UBS né, aí eles passam isso, com esses cuidados com a saúde né.
- Victor: Mas vocês geralmente usavam camisinha, utilizavam prep? Ou já teve vezes de ser bastante sem camisinha, como que era?
 - Rafa: Ah, acho que sem bastante camisinha também né.
- Victor: Sem, ou com? Sem.
 - Rafa: Isso.
- Victor: Só por curiosidade viu, eu não tenho nada que é uma resposta certa ou errada, que.... você se considera uma pessoa tímida Rafa?
 - Rafa: Pessoalmente sim, ahahah.
- Victor: Hahaha entendi, aaaa, tô tentando ver aqui, tem vários tópicos e a gente vai perguntando tal, tem alguma outra coisa que passou na sua cabeça que você queira compartilhar com a gente, que você acha legal e tudo mais?
 - Rafa: Hmmm, não sei.
- Victor: Tá, alguém Ai, pode falar miga.
- Airton: Pergunta, atualmente você mora sozinho, porque você falou que não mora com a sua irmã.
 - Rafa: Sim, eu moro sozinho.
- Victor: E deixa eu ver, Rafa para que são seus pensamentos assim, ah, suas ambições, sobre trabalho, como que você sonha, como que você sente esse assunto, o que que você já vem fazendo.

- Rafa: Ah eu sou, o tipo de uma pessoa que gosta de trabalho mais liberal também, que nem, com horários programados né, mas um trabalho que tenha tempo pra fazer minhas coisas, mas também trabalhando, tipo, eu faço muito trabalhos via Internet também, projetos, reuniões, palestras, aulas de Guarani né, pra não indígenas né, então, o que mais faço, projetos né, que tenham uma lon, uma curta duração de trabalho né.
- Victor: Entendi, e..... Rafa, se você fosse fechar o olho assim e pensar, qual que seria um sonho teu?
 - Rafa: Aí eu sempre sonhei em me formar, ser da peda, pega, pedagogia, né, me formar em pedagogia, mas o que eu queria fazer na verdade, eu ia fazer quando eu terminei o ensino medio né. Acabei perdendo o CPF naquele tempo, então eu não pude ir fazer a prova.
- Victor: Entendi, e você já sabe assim uma faculdade que você sonhava em fazer pedagogia?
 - Rafa: An?
- Victor: Se você já tem assim, uma faculdade que você fala, nossa eu queria fazer pedagogia ali, assim, se você já sonhava com alguma facul específica.
 - Rafa: Não, eu não tinha.
- Victor: Entendi, ô Rafa.
 - Rafa: Mas tenho, meu sonho é ir para Tailândia.
- Victor: Ai que delicia, vou anotar. Rafa, você toca algum instrumento musical, você gosta de cantar alguma coisa assim relacionada com a música?
 - Rafa: Eu gosto de ouvir.
- Victor: Hahahaha, é do meu time, e que tipo de música você gosta de ouvir?
 - Rafa: Ah, eu sou muito eclético né, gosto de várias músicas que me definem mesmo né, tipo mais zen assim né, no sonzinho, tipo isso.
- Victor: Qual que é a sua música favorita assim, a dessa semana que você tá mais ouvindo?
 - Rafa: Que tô mais ouvindo é uma que é inglês, acho que é N?.
- Victor: Não conheço não. Você conhece Airton, essa música?
- Airton: Não, de quem que é essa música?
 - Rafa: Do Conan.
- Victor: Depois você me manda no whatsapp?
- Vitória: Qual que é o nome?
 - Rafa: Conan.
- Victor: Conan.
- Vitória: Da música.
- Airton: Conan Gray, é?
- Vitória: Acho que eu conheço o ator, não o conheço.
- Victor: Aí eu vou compartilhar a tela pra ver se é essa aqui ó.
- Airton: Acho que conheço o cantor também, mas a música não.
- ~música toca enquanto o clipe é compartilhado na tela~
- Victor: É essa?

- Rafa: Essa mesmo.
- Victor: Hmmmmm, nossa tem até uma história antes do clipe. Arrasou eu vou ouvir, nunca tinha escutado essa música não gente. Eu vou ouvir depois. É ... e... Ô Rafa e nesse processo de ser uma das poucas pessoas lgbt né, na sua Aldeia, rola as vezes alguma coisa de se sentir um pouco só, de se sentir, aaan, de se sentir sozinho mesmo, porque eu, eu vou falar da minha experiência né, eu, as vezes eu sinto, tenho muito mais amigos heteros, do que amigos lgbs, então, do meu, as vezes eu falo, gente, será que só eu que passo por essas coisas, só eu, o documentário está até sendo bom nesse sentido de eu ver outras pessoas parecidas comigo, e, eu me acalmar porque muitas pessoas já passaram passaram que eu passei, mas rola isso hoje contigo?
 - Rafa: Hoje não, mas antigamente né, antigamente quando eu tava me descobrindo né, eu pensava que eu era o único né, tipo diferente, eu não viajava muito, não saia muito, então eu pensava que eu era o único né, diferente. Aí fui vendo outras pessoas né, que tinha mais pessoas né, que eram igual a mim, né, mas depois de um tempo fui me decepcionando não com várias pessoas né. Isso me fez é, ter mais, ser mais feliz também né, sozinho né, não tendo muita companhia, tipo, hoje tenho poucos amigos né, heteros, mas também, pessoas que fazem parte de lgbt não tenho tanto né.
- Victor: E... Rafa, assim como que você, vejo que você é muito ativo né, na militância indígena, como que você se sente, eu vi que você tava, recentemente lá em Brasília, e quando você tá em ato assim, defendendo o seu povo, defendendo duas existência, defendendo né, a causa de vocês, a causa que é nossa né, também, na história do Brasil, que que você sente quando você tá lá na frente, tipo como que é pra você participar desses movimentos?
 - Rafa: Aí eu acho muito bonito né, sempre quis conhecer outros povos né, ir a outros lugares que eu pude realizar né, esse sonho também, de ver outros povos da Amazônia, de Mato Grosso, da Bahia, e foi muito importante, é uma coisa que me marcou muito também, de conhecer outros costumes, ouvir o canto deles também, cada um tinha um, e coisas diferentes né, e foi muito lindo né e é muito bom da gente, estar estar mais perfis de páginas no Instagram que apoiam indígenas lgbt, né, tem lideranças, têm, até teve uma, uma primeira Cacique trans, acho que acho que sei se foi na Amazônia, ou Mato Grosso, mas tem.
- Victor: Que massa Rafa, que massa, e.... an.... e quando você tava lá né, tipo, nos outros povos, você sentiu, você também se conectou com mais pessoas lgbs lá, tipo, você, como que foi assim trocar experiências com pessoas de outros povos, você acha que lá, você acha que, foi diferente, foi algum, como que foi?
 - Rafa: Eu não sei muito porque, nós, povo Guarani é um pouquinho mais, como que se diz, pouco mais, não sei como que é que explica em

português, o que é mais tímido né, e nosso povo é muito curioso, mas tímido, só observa e não conversa muito quando não tem uma segurança né, com quem não tem segurança pra conversar, então a gente só observa mesmo, a gente não falava muito com outros povos, mas quando dava a gente ia lá, cantava, dançava com eles, mas a gente não conversava muito.

- Victor: Ô Rafa e no seu povo, vocês usavam também, pintura facial, corporal? Como que é na cultura de vocês Guarani
 - Rafa: Nossa, nosso povo é mais espiritual mesmo né, a gente não tem essas pinturas assim no rosto, mas a gente tinha, era tipo de uma cera de abelha né, que a gente passava né, só que era transparente né, mas com o decorrer do tempo, a gente adotou essa questão de pintura né, mais pra ter a identidade indígena né, porque quando a gente sai da cidade, a maioria não reconhece né, fala que a gente é chinês, tipo boliviano, só que é de outro país né.
- Victor: Ô Rafa, e nesses três anos que você tá aqui, qual que foi assim o lugar no Jaraguá que você mais gosta assim, o lugar que você mais têm afeto de ir.
 - Rafa: No Jaraguá? Acho que, além da casa de reza que tem, acho que a minha própria casa mesmo, eu não saio muito de casa pra aldeia, mas eu saio mais pra cidade mesmo.
- Victor: E se a gente fosse, né, fazer a gravação, a gente vai fazer a gravação contigo né, e qual que seria o lugar que mais te representaria, qual seria o lugar que você mais queria que a gente gravasse contigo.
 - Rafa: A Aldeia é pequena, acho que... Eu não sei onde que seria massa.
- Victor: O que? Não sabe qual local seria, assim, não precisa ser um, é um local, um local onde a gente pudesse fazer a gravação, e bater um papo, um que pra além de qualquer outra coisa, um que você vá assim, se sentir bem, um lugar que você goste, que você tenha uma conexão assim, de carinho com aquele lugar, de cuidado, falar, nossa, eu aqui me sinto bem, eu gostaria de estar naquele lugar falando né, eu gostaria de ser lembrado, é lembrade né, naquele espaço.
 - Rafa: Sim, acho que a casa de reza.
- Victor: Entendi, bacana, a gente pode ver isso depois, se tudo bem, né, se a gente pode gravar e tudo mais, a gente conversa no futuro, mas eu acho maravilhoso, e... deixa eu ver alguma outra coisa, hmmm, tem mais perguntas Vi e Airton.
- Airton: Por enquanto não.
- Victor: Não? E Rafa, agora pergunta de curiosidade, tipo, você, tipo já foi em aqui, porque você chegou tem relativamente pouco tempo e logo já começou a pandemia e tal, você já foi pra alguma balada LGBT aqui no Jaraguá? No Jaraguá não, aqui em São Paulo? No Jaraguá que eu saiba não tem.
 - Rafa: Eu não fui ainda.
- Victor: Tem vontade de ir?

- Rafa: Tenho.
- Victor: Tem?
 - Rafa: Tenho.
- Victor: Massa. Você, passou pela minha cabeça, não sei quanto que seria possível, se a gente... que que você achasse a primeira vez que você fosse na balada, você ir junto com a gente e a gente gravando isso dentro do documentário?
 - Rafa: Acho que seria legal.
- Victor: Seria legal? Fiquei pensando nisso hahahahaha Tá bom.
- Vitoria: Adorei.
- Victor: Pode ser bem massa, a gente vê, a gente vai estudando isso, é deixa eu ver...
- Airton: Deixa eu fazer uma pergunta, é, você falou que geralmente você não sai da sua casa né, pra ir pra lugares aí perto, que você geralmente sai pra ir pro centro e o que que você gosta de fazer quando você sai pra ir pro centro?
 - Rafa: Ah, eu gosto de comer alguma coisa em restaurante, tipo bebidas que eu gosto, comidas que eu gosto, tipo açaí, sorvete, sabe coisas muito, mas sempre vou em Liberdade né, o lugar que eu mais tenho conexão com as pessoas também.
- Victor: Eu vi, eu não sei se você se identifica, ainda existe o termo otaku?
 - Rafa: Sim.
- Victor: Porque existia, você se identifica como otaku?
 - Rafa: Sim.
- Victor: Sim? Conta mais pra gente eu tenho uma prima que é fascinada na cultura, é oriental e todas essas coisas, eu sou meio perdido nisso tudo, mas conta pra mim, como que é pra você?
 - Rafa: Ah, eu acho que é legal, a gente acaba tendo uma imaginação mais ampla também das coisas né, a gente conhece culturas orientais também né, de como é, na pele deles, e eles, os animes, os mangás, são muito interessantes né, tem partes que pulam um pouco da realidade, mas mostra um pouco da realidade também, como viver também.
- Vitória: E qual é seu anime favorito?
 - Rafa: Meu anime favorito é o Naruto.
- Victor: Hmmm amo.
- Airton: E quando você tá na sua casa você gosta de fazer mais o que? Assistir anime, gosta de fazer o que?
 - Rafa: Eu assisto anime, bellis, doramas, séries.
- Victor: Bellis e doramas? O que que é isso?
 - Rafa: Bellis é series de romance boss love.
- Victor: O que que é isso, boss love, também não conheço não.
 - Rafa: Boss Love é uma série de namoro de homem com homem assim, tailandês, chinês, coreano.

- Victor: Gente que tudo, não sabia disso. Ô Rafa e nessa questão, de você se identificar né, como pessoa não-binária, qual pronome você gostaria que a gente use, quando a gente vai falar contigo.
 - Rafa: Ah, ele né, tipo, eu gosto mais desse mesmo, normal.
- Victor: É, deixa eu pensar o que mais, tô olhando, muita coisa né, e você como que é a sua relação com o Pico do Jaraguá? Tá, você tá, se você estiver falando com a gente você tá mudado, acho que ele não tá falando com a gente ainda não.
 - Rafa: Pronto.
- Victor: Beleza, você ouviu a pergunta?
 - Rafa: Ah, eu fui, umas três vezes lá, eu pessoalmente quando eu vou pro Pico, sempre fico muito cansado né, tipo, de chinelo, sapato, pra eu andar a pé pela terra né, aí eu vou me conectando, sentindo a energia também, porque é muitas pedras pra nós que mora na beirada de vários bairros ne, da cidade grande, vai, tem uma energia boa *travando*.
- Victor: Travou um pouquinho Rafa, travou, mas eu acho que eu peguei a ideia toda, mas você tava falando um pouquinho, você vai né, tira o sapato para se conectar, porque morar né, e torno desses bairros todos é um pouco cansativo, mas daí pra frente eu não consegui ouvir mais.
 - Rafa: Tá certo, era só isso.
- Victor: Era isso mesmo? Ah, então eu peguei e Rafa, o projeto né, ele tem uma relação das nossas histórias com a terra, o elemento da terra, como que você, como você é, se relaciona, como você se identifica com a terra, como que você, como que a terra muda a sua vida, muda muda seu jeito de ser, o seu jeito de sentir, de se expressar. Pergunta difícil né.
 - Rafa: É difícil de eu responder.
- Victor: Mas vai pensando, talvez eu pergunte isso de novo mais pra frente, vai pensando nisso, tá, hmmm, deixa eu ver, mais alguma coisa gente, vocês tem curiosidade? Ah Rafa, eu fiquei com essa dúvida, como você, é, tem essa relação com os animes né, com a cultura oriental e tudo mais, você já ouviu alguma questão de dentro da, do seu povo ne, dentro da aldeia não, você tava desviando da sua cultura, e, ou de fora também, não essa cultura não é pra você, você é indígena, você não pode usar essa, né, usar, ver os animes, usar esse tipo de roupa e x, y, z.
 - Rafa: Ah, eu já ouvi né, acho que quando tem algum né, que não gostou do meu povo, povo sempre consumi, mas sem deixar de seguir a cultura, sempre tem essa, essa questão, por exemplo, tem rockeiro que gosta de ouvir só rock, das questões, mas mesmo assim continua praticando os costumes né, e tem muito, tem pessoas que são funkeiros né, tem muita gente que escuta funk, e é isso né. Então não tem esse julgamento, ah, isso não é sei lá, tipo isso.
- Victor: Ai que bom, que tudo, porque rola as vezes a gente, eu sigo umas páginas também e ver aqueles caras super babacões, não você é indígena,

você não pode tá com iPhone, você não pode tá com roupa tal né, de fixar muito a cultura de vocês.

- Rafa: Falam pra eu não usar internet só.
- Victor: Pra você não usar a Internet?
 - Rafa: Sim
- Victor: Jura? E você, como que foi quando você leu isso? O que você ficou com vontade de falar pra pessoa? Como você reagiu?
 - Rafa: Ah, eu não sei tipo, a gente só ria mesmo.
- Victor: Entendi, melhor nem sofrer né. Hmmm, Rafa qual que foi o momento assim que você, o momento mais marcante da sua vida? A coisa que mais, é, te emocionou, que você mais lembra, assim.
 - Rafa: Eu não sei, acho que não vou saber responder isso.
- Victor: Tá, beleza, não precisa ser o mais marcante, mas algum momento que você lembra de uma história que foi muito marcante pra você, que você lembra que você gostou, ficou muito feliz, que foi uma coisa né, que te fez muito bem, não precisa ser o mais marcante, mas um dos.
 - Rafa: Acho que não, não vou saber mesmo, porque minha memória é muito fraca.
- Victor: Entendi, hmmm, gente por mim, eu já fiz acho que várias perguntas, já tem bastante coisa pra gente depois seguir, vocês tem mais perguntas?
- Vitória: Ah, só se você tiver alguma coisa assim, alguma coisa, mais da vida, mas alguma história assim de infância legal, alguma memória boa, só isso.
- Victor: Pode ser uma história engraçada, pode ser qualquer coisa, não precisa ser um aí, um dia que aconteceu ou uma coisa super diferente, pode ser um dia que você lembra que aconteceu alguma coisa que sei lá, você tava jogando bola e alguém deu uma bolada em alguém e você deu risada, alguma coisa, qualquer coisa, não precisa ser tipo, ah, um evento especial.
 - Rafa: Ah, eu acho que, como você tava falando agora, acho que o tempo que marcou mais a minha vida, foi o tempo de ensino médio mesmo, pra mim né, que a gente estudava fora da aldeia né, eram quatro pessoas, quatro indígenas que estudaram comigo, e todo mundo era não indígena né e a gente tinha um grupinho e a gente fazia um monte de coisas às vezes.
- Victor: Causavam.
 - Rafa: É, na verdade a gente não causava né, mas a gente fugia de uma aula né, que a gente não gostava, ou ficava escondido no banheiro, ou quando alguém xingava a gente, a gente revidava falando em Guarani, mas a gente não falava besteira, mas a pessoa não entendia né.
- Victor: Aí que da hora, amei. Você estudou onde Rafa, no ensino médio?
 - Rafa: Lá tinha um colégio perto, na cidade né.
- Victor: Mas lá no Paraná né, antes de vir pra cá.
 - Rafa: Foi no Paraná.
- Vitória: E só que eu não entendi, você tem quantos anos agora?
 - Rafa: Tenho 21.

- Vitória: Ah, então faz uns três anos já que você tá aqui.
 - Rafa: Unhum.
- Victor: Ô Rafa e rolou também de você ter relações com pessoas não indígenas?
 - Rafa: Já hahahaha.
- Victor: E aí, me conta esse babado.
 - Rafa: Ah eu acho que eu nunca tinha feito isso e foi no colégio.
- Victor: Ah, e foi bom?
 - Rafa: Eu acho que ele não sabia fazer ainda.
- Victor: Ah, entendi.
 - Rafa: Era meu colega que, tipo, importunava nós né, tipo ficava fazendo brincadeirinhas com a gente.
- Victor: Era um isqueirinho na escola, entendi, e foi a única vez que você ficou com uma pessoa não indígena?
 - Rafa: Não, eu fiquei de novo, acho que foi há pouco tempo, porque tenho um amigo que é gay né, que mora lá no litoral, lá no baixada né, lá no Itanhaém, aí ele é liberal né, só fica com não-indígenas, tipo ele parou de ficar com indígenas, falou que os indígenas é muito indeciso, então resolveu ir nos não indígenas.
- Victor: E ele é indígena, desculpa te cortar.
 - Rafa: Sim, ele é indígena, aí ele me aconselhou a baixar um aplicativo de relacionamentos.
- Victor: Qual aplicativo?
- Rafa: Não sei qual era, acho que era...
- Victor: Hornet? Grindr? Tinder?
- Vitória: Bumble.
- Victor: Tinder? Aí eu já fui nos mais avançados.
 - Rafa: Aí eu tinha baixado, aí baixei, criei o perfil, já baixou várias curtidas né.
- Victor: Legal e como que foi, no tinder, tipo, rolou de sair com as pessoas? Porque às vezes a gente fica batendo papo e não sai daquilo né, povo não engata.
 - Rafa: Só uma vez mesmo, aí eu saí.
- Victor: Entendi, e assim Rafa, às vezes rola umas relações que a pessoa ela meio que, fetichiza né, você, então pensa que, quer ficar aí ele é diferente e tal, mas não tá olhando pra sua pessoa em si, você já sentiu alguma experiência assim? Que a pessoa tipo, tava indo meio tipo, não sei se é maldade a palavra sabe, mas por aí.
 - Rafa: Ah, tipo, isso não, mas eu recebo varias mensagens né, no instagram de pessoas falando que tem fetiche por indígenas, falando que querem fazer sexo com a gente vestido de indígena, essas coisas né e eu não escondo né, só bloqueio mesmo esses perfis.

- Victor: Entendi, que bom que você não deixa isso se abater né e vai que vai, hmmm, Rafa, a última pergunta eu acho, se a gente fosse numa balada, qual seria a balada que você tem vontade de ir?
 - Rafa: Como assim?
- Victor: Você falou que quer conhecer uma balada LGBT, qual balada que você tem vontade de conhecer assim, conhece alguma assim?
 - Rafa: Eu não conheço mesmo.
- Victor: Ah, você não conhece? Tá, então tá bom, acho que é isso gente de perguntas, alguém tem mais perguntas? Você quer falar alguma outra coisa, Rafa que a gente não te perguntou?
 - Rafa: Eu acho que não, tá bom.
- Victor: O que? travou.
 - Rafa: Não porque, não sei se é normal tipo, nós indígenas temos uma questão de conflitos entre pessoas lgbs né, tipo uma competiçãozinha né e isso meio que atrapalha né, eu acho que eu sou uma excessão porque eu não gosto muito dessas coisas de briguinhas e competições né, aí eu tipo, aí eu caio fora, por isso mesmo que eu não tenho muitas amizades né, tipo lgbt, eu mesmo me afasto, tenho um pouquinho de medo só.
- Victor: Você tem medo? Foi o que você falou nessa última palavra?
 - Rafa: Eu tenho medo assim, eu não sou muito de briga né.
- Victor: Mas já rolou briga, briga tipo agressão física assim?
 - Rafa: Não, por mim não.
- Victor: Ah, mas eu digo dentro dessas pessoas lgbt da aldeia.
 - Rafa: Já.
- Victor: Já, é, assim, na minha experiência, as vezes rola também, porque no carnaval, eu sou tipo que nem você também que não gosto que isso aconteça, mas já de eu sair no carnaval com amigos e parecer de estar querendo pontuar quem beijou mais, quem pegou o mais bonito e eu fico gente, cada um com o seu e tá tudo bem né, não tem porquê, mas já, não sei se é uma questão, que que vocês acham Airton, Vi, que que vocês acham é uma questão essa rixa assim?
- Airton: Acho que depende muito da pessoa, mas rola muito sim no meio lgbt, ou até mesmo quando você vai em algum role que tem tipo, muitas pessoas lgbt, sempre tem algum gay sabe, na balada que fica tipo assim, aí, revirando o olho, então acho que vai de pessoa, assim como no role hetero, sempre tem os cara que quer enfrentar e os outros são mais de boas né.
- Vitória: É eu também acho, concordo com vocês, mas eu acho que rola mais quando as pessoas pegam caras assim, porque nunca vi rolar com mulher, sabe de gente que fica com mulher assim, ninguém, tipo assim, pelo menos no meu meio assim, ninguém fica tipo, aí nessas assim, tipo aí peguei tantas, não rola essas coisas. A não ser que seja um cara hetero né, mas aí é hetero, não é lgbt.

- Victor: Mas acho que sem ser natural do ser humano, mas acho que acaba acontecendo mesmo, às vezes até nas próprias relações né, eu quando to me relacionando com um cara, namorando, eu tenho que ficar controlando a minha cabeça pra a gente por, no meu caso né, são dois homens namorando, tipo aí, quem é o mais bonito, quem é o mais gostoso, quem é o mais inteligente, se você não se segura,, você começa a entrar numas pilhas que só nos machucam, não levam a gente pra lugar nenhum né, tipo, não ajuda em nada na nossa relação, não ajuda na nossa luta lgbt, a gente acaba mais se separando e, tomando paulada de tudo quanto é lado né, porque a gente que podia se ajudar, fica com essas melindragens aí, essas coisas que mais atrapalham tudo, na minha opinião né. Bom, eu acho que é isso Rafa, tem mais alguma coisa que você queira compartilhar com a gente?
 - Rafa: Eu acho que é isso também.
- Victor: Olha, muito obrigado, é, não sei se a Gláucia, já entrou em contato contigo, primeiro deixa eu parar de gravar, vamos interromper a gravação...

5.6 Vitor Munhoz

Sobre essa entrevista é importante destacar que foi conduzida por Airton Cruz e Vitoria Albano, ambos colaboradores na realização do documentário, com as diretrizes conversadas e indicadas por Victor Pessoa, autor do presente trabalho.

- Vitória: É então, a gente está fazendo essas pré-entrevistas, mais para a gente ter noção das perguntas que vamos fazer no documentário e também para saber mais sobre vocês assim né, então acho que você pode começar se apresentando para a gente.
 - Vitor: Socorro (risadas) Sou tímido per aí, é... vocês tão me ouvindo tranquilo?
- Vitória: Tranquilo.
 - Vitor: Oi gente meu nome é Vitor, eu tenho 24 anos, é... o que, que vocês querem saber, calma.
- Airton: Ah como você quiser se apresentar.
 - Vitor: Ah eu sou uma pessoa não-binária é.... descobri isso recentemente assim, tá, na verdade está sendo um processo ainda então não sei falar muito bem ainda sobre isso, mas a gente está nesse processo é...hmmm... assim 24 anos meu signo é peixes...que mais... aaaaam aí sou muito tímido socorro...(risadas).
- Airton: Tudo bem, eu sou bastante tímido também.
- Vitória: Seu pronome é qual?
 - Vitor: Qualquer pronome não tem problema.
- Vitória: Ah, não sei é e você mora onde?
 - Vitor: Eu moro no Jaraguá, nasci lá mesmo, moro lá há 24 anos, ée... é.
- Airton: Como que foi crescer lá no Jaraguá?

- Vitor: Foi um pouco ruim (risadas) assim, não mentira foi ótimo, na verdade eu adoro morar lá sim e eu não consigo ouvir, tipo assim não consigo imaginar eu morando em outro lugar que não seja lá na verdade, porque ah sei lá mano é tipo um lugar que você já... você já conhece tudo você já sabe como que é tipo todo mundo assim mais ou menos a galera que está próximo a você, mas assim crescer tipo no geral geral foi muito tranquilo até assim.
- Airton: Aqui para mim cortou.
 - Vitor: Foi muito tranquilo vivendo.
- Airton: Vocês estão vendo, me ouvindo aqui para mim não tá aparecendo nada, tô vendo você só.
- Vitória: Tá normal aqui, tá normal.
- Airton: Ah legal, e conta mais sobre você como você descobriu o primeiro homem gay né e depois você descobriu pessoa não binária como foi para você se descobrir.
 - Vitor: É... foi um, foi um processo, tá sendo um processo na verdade né, eu sempre realmente me entendi como um menino gay assim, mas eu lembro que na verdade sempre me incomodava uma coisa assim, tipo quando eu ia preencher qualquer ficha de cadastro de qualquer coisa, tava tipo dizendo gênero, aí masculino ou feminino eu ficava sempre ficava tipo um “Eita e agora” aí tipo eu colocava masculina assim, e daí, esse processo de descoberta assim, da minha identidade de gênero, ela começou mais ou menos em 2018 para 2019 assim, mais ou menos, que foi quando eu entendi que realmente era uma pessoa não binária assim, que o meu gênero ele flui, flui muito na verdade, foi bem tranquilo assim, na verdade eu tô descobrindo as coisas muito aos poucos assim, então tô só me permitindo assim tem muito... aí preciso tal coisa, preciso, não, tô deixando acontecer mesmo tipo mais uma relação de conhecimento assim, sendo sem muita cobrança assim, tô bem de boa, assim, tô vivendo.
- Airton: Legal... e essa relação assim entre você ser LGBT e o Jaraguá, o lugar onde você mora? Você acha que sempre viu uma relação boa, todo mundo sempre aceitou ou você tinha alguns medos ou alguma coisa assim em relação ao lugar.
 - Vitor: Hmmm... Nunca é de boa né, assim nossa mas a gente sabe que nunca é, já aconteceram situações na escola assim, tipo zoação de me chamar de viadinho na rua, mas nada muito fora do comum não, é do nosso normal assim, então... mas assim nunca foi algo muito absurdo assim, absurdo eram mais... coisas muito, ainda assim era um problema, obviamente, aconteceu, mas numa escala de 0 a 10, um problema 4. Então era bem tranquilo assim, sempre foi bem, pelo menos comigo eu sempre foi bem tranquilo assim, obviamente que eu era zoadado pelas né, aí nunca vai, nunca vai mudar assim, a gente é zoadado o tempo todo, a gente é ridicularizado o tempo todo assim, e escola principalmente né, que na escola que a gente aprende como a gente deve ser na vida. É realmente eu tava discutindo esses dias com a galera aqui do meu serviço né, falei não é realmente assim na escola eu aprendi... a realmente como eu deveria me portar na sociedade assim, então tipo, se eu falasse um pouco mais feminino, ou se eu

gesticulasse um pouco... é, um pouco mais, se eu fizesse qualquer ato feminino, eu sabia que ali eu poderia ser reprimido de uma certa forma, ou enfim algo ruim acontecer.

- Airton: Entendi, e você acha que talvez essa sua personalidade, você chegou e falou assim, aí sou muito tímido, não sei bem como falar, você acha que tem alguma ligação com o período da escola que as pessoas te reprimiram muito e por isso internalizou ou algo do tipo?
 - Vitor: Sim, sim, com certeza né, por que a gente é barrado de várias coisas, a gente é podado na verdade em muitas coisas, então a gente só... permanece com aquilo ali, tipo, podando, podando, assim é que... eu sou tímido como um todo assim na verdade, mas... ah sei lá, isso contribuiu um pouco, muito com certeza teve sua parcela de culpa obviamente.
- Airton: Quer perguntar alguma coisa Vi? Pra mim tá travado aqui.
- Vitória: Não, fica à vontade, pode continuar, qualquer coisa eu falo.
- Airton: Bom, então, pra te conhecer melhor, pra conhecer as pessoas melhor assim, a gente entrou em alguns tópicos, daí eu vou pé sobre eles e a relação de como você se vê sendo lgbt nesses tópicos, então me conta mais da relação com a sua família, como foi quando você se descobriu, quando você se abriu abriu eles, tudo mais.
 - Vitor: Foi uma loucura né, na verdade eles não sabem que eu sou uma pessoa não binária, mas tudo bem, é... foi assim eu tinha 16 anos eu acho, 16 pra 17 ainda, mas eu não tinha atingido a minha maioridade e daí rolou uma tour de tipo, eu contei pra minha mãe assim, eu cheguei um dia e contei pra ela e daí ela me pressionou muito falando que eu precisava contar pro meu pai e daí como eu, sei lá, acho que não tem uma forma melhor assim de você contar, é, vai ser muito da reação da pessoa, é infelizmente é uma reação, é sei lá uma situação de reação mesmo, e daí, tipo, um dia eu tava sentando assim lá em casa, e eu olhei olhei meu pai e falei, "ah então, eu beijo garotos", e daí ele ficou "que?" aí eu falei "é, eu beijo garotos" e daí rolou essa tour, e daí eu... eu sempre estudei muito, então eu estudava em duas escolas diferentes na época e daí eu chegava da minha escola, eu estudava na ETEC, eu chegava da Etec e daí, todos os dias durante um mês contado, um mês, meu pai e a minha mãe, a gente sentava para conversar e eles perguntavam, mas é isso mesmo que você quer para sua vida, como se fosse uma escolha, eu entendo a visão deles, mas nunca é uma escolha né, assim é muito perigoso a gente ser LGBT para a gente escolher ser LGBT, a gente só aprende, aprende a viver com essa violência e a gente aprende a lidar com ela da nossa forma assim.
- Airton: E... esse no começo, agora elas, a relação com a sua família mudou ou continua da mesma forma, eles continuam meio assim distantes ainda?
 - Vitor: Hmmm... eu acho que na verdade, a gente vai voltar um pouco para essa questão assim, depois que eu me assumi meu pai e eu, a gente teve um... uma ruptura vamos falar assim, tipo foi como se a gente tivesse rompido um laço mesmo assim sabe, então a gente ficou muito mais distante um do outro, vou apoiar aqui, ótimo. A gente ficou bem mais distante um do outro, então a gente já não tinha tanta

interação, aí pros meus 18 anos eu já comecei.. comecei a minha universidade e logo eu comecei a trabalhar também, então não tinha muito tempo, eu não ficava muito em casa, então a gente já, já tava com essa separação assim vamos dizer, a gente já tava distante um do outro, e como eu comecei a minha vida adulta, então isso contribuiu um pouco mais para que a gente se separasse mesmo, a gente faz um time assim na relação, na verdade a gente não tinha tempo para conversar, eu saía cedo de casa, ele saía cedo de casa ele voltava 8 horas, 7/8 horas e eu voltava meia-noite, que a gente não tinha muito tempo para conversar, nosso tempo não batia né. E... então assim a gente só foi, eu só fui aprendendo a lidar com essa situação, hoje em dia eu acho que eu contribuo um pouco mais para esse afastamento, assim mas não é porque eu quero, é porque durante muito tempo eu não... tipo, eu namorei por um tempo e meu pai e a minha mãe não conheceram meu namorado por exemplo, e a gente ficou basicamente dois anos juntos, então eu não sei até hoje que ponto, eu, o que que eu posso falar, o que que eu devo falar, para minha família então, é... o... sei lá é uma barreira que foi, que a gente, se o meu pai e a minha mãe falou assim para mim, então tipo por muito tempo, eu aturei muita coisa sozinho assim, de preconceito, e.. essas coisas assim que a gente vive assim, comum, normal não, comum, e daí hoje em dia a gente tá bem melhor na verdade, a gente tá trabalhando e, mas com o tempo mesmo, mas... tá melhor.

- Airton: Então mesmo tendo essa melhora, você sente que ainda tem um pouco de bloqueio assim, mas mais de parte sua ou parte dos seus pais, ou...
 - Vitor: Eu acho que todo contribui tem uma parcela para isso, eu tipo hoje em dia parece que eu fico incomodado de falar isso, mas eu sei porque que eu fico incomodado, porque eu não tive esse apoio durante muito tempo, então pra, certos tipos de situações eu aprendi a me virar sozinho, então, é... a minha mãe e meu pai eles não sabem por exemplo até hoje o quão mal eu fiquei quando, eu terminei meu relacionamento, tipo eu emagreci 13 kg, meu pai e minha mãe eles não sabem disso até hoje, então tipo é uma barreira que na verdade eles não participam da minha vida, porque assim eles não quererem participar do meio, eles não se permitirem entender a minha vivência, eles não participam da minha vida.
- Vitória: E é só você, sua mãe, e seu pai mesmo?
 - Vitor: É a gente mora junto, eu minha mãe, meu pai, mas eu tenho minha avó, meu avô e minha tia.
- Vitória: Tendi... e essas pessoas também sabem assim?
 - Vitor: Sabem, minha tia, eu tô respondendo uma mensagem rapidinho tá?
- Vitória: Tá bom.
 - Vitor: Desculpa, é minha tia sabe, meu pai, minha vó e meu vô eu não... contei nada para eles assim, mas eu não contei porque eu não achei que seria necessário mesmo, acho que... eu tô vivendo a vida assim tipo não tem que chegar e falar, ah.. oi vó, oi vô, então... sou bixa hahaha.

- Airton: É... E por ter essa relação assim com a sua família, dentro da sua casa você se sente confortável para agir, tipo naturalmente para ser quem você é ou fora não conversar sobre, você acha que também é a forma que você age, é uma forma meio podada, dentro da sua casa.
 - Vitor: Já foi, ainda que eu more com os meus pais, é algo que eu já cheguei a... a gente já discutiu bastante sobre isso né, ainda que eu esteja dentro da casa deles, eu acho que eu preciso... por mais que eu esteja lá eu não preciso fingir ser algo que eu não sou e algo que eu já falei para eles, então por exemplo, é... maquiagem, pintar unha, algo que dito como feminino, por exemplo meu pai e minha mãe eles não lidavam de uma forma muito positiva, e não lidam até hoje, é mas são espaços que a gente vai ocupando assim, sei lá eu comecei a fazer, a fazer mesmo, porque eu me sentia confortável até eles entenderem que é o que eu sou, e eu me sinto confortável fazendo isso, assim como meu pai veste uma blusa do homem-aranha, assim sei lá como minha mãe veste uma blusa qualquer ela goste, sinta confortável, um perfume que ela usa, ou sei lá qualquer outra coisa, é algo que eu estou me propondo usar, que eu estou me sentindo confortável para, então, acho que eles começaram a entender isso.
- Airton: E respeitar mais também, suas ??? seu jeito.
 - Vitor: Sim.
- Airton: E sobre esse período que você falou que é um pouco recente né, que você descobriu uma pessoa não-binária, como que foi isso para você?
 - Vitor: Foi tranquilo.
- Airton: Como foi tipo o start assim, você começou a pensar sobre.
 - Vitor: Muitas coisas sempre me incomodavam, essa separação de masculino e feminino, roupa masculina e feminina, eu sempre usei tipo, roupa feminina porque eu sempre me senti confortável, não que eu sempre usei, calma, eu sempre usei roupa masculina, mas de um tempo eu comecei a abrir espaço para opções femininas também, então e eram sei lá, looks que ficam bom assim, então, isso começava a me irritar um pouco, foi como eu falei, eu não sei muito bem quando que começou, porque são coisas que sempre me incomodaram, então desde quando começo, acho que desde quando eu nasci, mas eu comecei a perceber, há pouco tempo assim, então sei lá, às vezes é uma coisa que tá tão, já me incomoda tanto, que eu já não consigo falar assim, tipo, ah começou com tal coisa porque tal coisa.
- Airton: E, uma dúvida assim geralmente a gente né que é lgbt, por ter uma resistência da família, da escola, essas imposições, a gente meio que fica travado e a gente também começa a criar problemas com a gente, sabe, de não se aceitar, você sempre se aceitou? Tipo desde sempre, nunca teve problema com sua sexualidade, nem seu gênero, nem com nada.
 - Vitor: Sempre tive problema, sempre tive problema, porque a gente cresce entendendo que é algo errado, é muito difícil a gente se empoderar né, da gente ter esse autoconhecimento, é depois de grande né depois de crescido no caso, e depois do conhecimento e maturidade que a gente tem, porque esse autoconhecimento, esse empoderamento né, ele vem mais pelo autoconhecimento na verdade, porque, e pela maturidade que você adquire, com anos, é mais sobre isso, porque por

exemplo, eu vejo que a antes antes eu ficava, ai meu Deus a minha existência blablabla, sabe, as coisas que todos nós pensamos pedimos para Deus, ah não quero isso para minha vida, sendo que assim, é o que você é sabe, tipo é isso, é o que você é não adianta você querer mudar, porque você não vai mudar, não adianta você pedir para Deus, porque sei lá, Deus tá, ocupado sei lá, fazendo qualquer outra coisa importante e cagando pra sua sexualidade, tá ligado, tipo, tem que sentido.

- Airton: E em relação ao gênero, você acha que quando você se despreendeu totalmente disso de gênero masculino, feminino, da binaridade em si, você acha que você... Como você se sentiu, se sentiu melhor, mais solto, mais você, começou a se entender melhor?
 - Vitor: Sim, uhum, você se sente muito mais confortável, quando você consegue de fato entender, o que você é, que daí você começa a trabalhar, em cima disso assim, você consegue na verdade entender algumas coisas, um pouco mais, do porque que acontecia tal coisa, e daí tipo trabalhar em cima, trabalhar em cima disso, tipo de situações, de tudo.
- Airton: Quais coisas e situações seriam essas?
 - Vitor: Tipo... hoje dependendo do lugar que eu vou, eu sei que eu posso colocar meu gênero outros, que já não é masculino e feminino, que é algo que sempre me incomodou, hoje eu sei que se eu for numa sessão feminina, foda-se sabe, pode falar palavrão?
- Airton: Pode hahahaha.
 - Vitor: Foda-se entendeu, se eu vestir uma saia, se eu comprar uma saia, se eu comprar um cropped entendeu, tipo, foda-se entendeu.
- Airton: E outros ambientes que você frequenta como seu trabalho, e você falou que gosta muito de estudar né, passa muito tempo estudando, então os lugares que você estudou, é... você tem que você podia ser mais aberto com quem você era nesses lugares?
 - Vitor: É... do meu ciclo social sim, agora por exemplo eu estudei na ETEC e eu também estudei uma outra Universidade, então, e dentro do meu ambiente de trabalho eu me sinto confortável para ser o que eu sou, assim problema assim, logicamente como a gente tá no meio corporativo a gente entende que, são assim o padrão do padrão sabe, muitos padrões que a gente precisa seguir ali, enfim é um pouco complicado falar dessa questão corporativa, mas nessa questão de escola assim, é um problema assim, foi um problema muito grande na verdade, aconteceu, um minuto, aconteceu um problema, uma questão quando eu estudava na ETEC de que eu ficava com um rapaz lá e daí uma vez a gente tava andando de mão dadas assim sabe, a gente tinha 16 anos, vivendo um amor entendeu, sei lá uma parcela de um amor ali sabe, e o amor juvenil, e daí aconteceu de, eu não lembro que na época era diretora da ETEC, eu não sei, mas ela era de algum cargo administrativo ali da ETEC, e ela nos chamou para conversar e ela falou assim, então né, não é legal vocês não andarem aí de mão dadas, e não sei o que, e assim a gente não tava fazendo putaria, não tava um mamando, não tava nada dessas baixaria não, tava só de mão dada bem viadinho mesmo, fazendo carinho na cabeça, é um afeto, a gente

tava tendo um afeto, como pessoas normais no caso, e foi isso que aconteceu, e daí, ela falou assim então é legal não sei o quê, e eu tinha 16 anos e foi uma dessas situações que eu passei sozinho e eu demorei quase 10 anos para contar esse caso para o meu pai e para minha mãe né, aí eu contei inclusive para eles esse ano, aí ela falou assim, não é legal vocês andarem assim, porque né, a gente sabe como as coisas são, aí eu falei assim nossa, mas eu espero que você esteja falando para todos os casais que tem aqui, porque assim eu não sei como se vocês já tiveram alguma vivência com Etec, mas a Etec para uma escola é Estadual que estudava no ensino médio na escola estadual era bem diferente tanto no ensino, quanto no comportamento como um todo né, então assim a galera já tinha, era uma galera mais para frente, a galera da Etec, então foi... tinha muita bixa, muita lgbt como um todo assim, as bixa sapatão tudo entendeu, era babado, aí então assim, eu tava ali no local seguro assim ,pelo menos eu achei que eu tava e ela me acordar dessa forma foi assim péssimo né, obviamente, daí eu falei assim pra ela, nossa espero que você esteja tendo essa conversa com todos os, todos os casais que estão aqui, todos os casais eu digo, todos os casais né. E daí a gente tinha uma programação né, que a gente conseguia ver lá como que era, o que que ia ter, e uma programação da escola mesmo, da semana, e daí no dia seguinte teve uma palestra sobre Aids e não estava programado.

- Airton: Nossa, que horror.
 - Vitor: Exatamente, então foram situações como essa que eu passei, tipo e eu passei sozinho mesmo, quando eu digo que eu passei sozinho não houve assim uma pessoa para eu chegar e falar, olha fulano, aconteceu isso isso é isso, e que loucura né, e não houve, houve eu trabalhando isso dentro de mim, 10 anos depois quase, tipo, porque, na verdade, eu só tipo, eu tava comentando, quando eu comentei isso com os meus pais né, eu falei nossa realmente aconteceu um caso de homofobia, tipo muito grave, muito grave, isso foi muito grave e daí, porque tipo, eu nunca tinha dado um estalo, aqui na minha cabeça, falei assim puta que pariu, nossa que bosta cara, isso realmente aconteceu, eu tava conversando assim com eles assim, sabe quando a ficha cai, caralho mano, isso realmente aconteceu, foi assim.
- Airton: Foda né, e você comentou né, que você nunca teve muita abertura com sua família, mas em relação aos seus amigos e outras pessoas da comunidade, quando você passar por esses problemas, você acha que eles te acolhiam como uma família, te entendiam melhor, ou você também nunca foi muito aberto.
 - Vitor: Sim, eu achava que eles eram muito abertos, é porque eu sempre andei com menina né, então elas eram muito abertas e assim né, andava ali, muito abertas naquelas né também, rolava alguma coisa às vezes, mas eu comecei a andar com a galera do meio depois que eu já tava um pouco mais crescido, então assim eu tive contato tipo, dos meus 13 pros 14 anos, andava tipo, com as minhas amiga bixa aí, mas a gente era pouco amiga, então a gente dava só um rolezinho na rua mesmo, sei lá, ia tomar um café na casa do outro, fazer um trabalho junto, mais nada muito além disso, agora tipo convívio, convívio,

convívio, eu tive depois de grande, imagina, depois de adulto no caso, grande adulto né, no caso, que eu comecei a trabalhar e estudar na universidade, então a gente tem penca, acesso a milhões de coisas, a milhões de pessoas, então a gente começa a expandir ali, são novos ares né.

- Airton: Na universidade foi um lugar que você sentiu mais confortável assim, por encontrar pessoas mais parecidas com você.
 - Vitor: Sim.
- Vitória: Só por curiosidade, o que que você estudou?
 - Vitor: Eu estudei jornalismo.
- Vitória: Legal.
- Airton: Legal.
- Vitor: Legal, mas eu não me formei, estudei três anos e não me formei.
- Airton: Porque?
 - Vitor: Menina foi uma tour, entendeu, mensalidade a milhões, 2mil reais, os meus estágios, eu só tava conseguindo estágio em Minas, no Rio, e em Espírito Santo, e assim não é só você tipo, mano é você trocar de estado parça, não tem como, nao tem como, não é só você trocar de bairro, aí fui pra Perus, suave, tô morando em Perus, não cara, vai morar, vai pra outro estado, tem choque de cultura, tem que arrumar casa, e como que eu ia trabalhar, como que ia funcionar e ou eu fazia estágio em eu me formava cara.
- Airton: Então o estágio era obrigatório né, puts, qual faculdade você fez?
 - Vitor: Cruzeiro, Cruzeiro do Sul.
- Airton: Pode continuar, perdão.
 - Vitor: Não era só isso, hahahaha, e daí eu parei mesmo porque eu já tava de saco cheio, tava com pencas problemas, na época eu tava terminando um namoro, é, a minha relação com as minhas amigas da faculdade tava muito ruim, então tava tudo ruim, o tempo todo tava tudo ruim, então tava difícil conciliar muitas coisas ruins com a faculdade, e além desse problema de estágio, a grana mesmo, principalmente que recebia um salário mínimo né gente, bom dia então assim, R\$ 2000 era a mensalidade no caso, porque eu peguei uma DP no caso, é complicado também.
- Airton: É complicado, te fazer uma pergunta, você falou que no seu trabalho atual, você se sente confortável, que é super legal, que você pode expressar seu gênero, sua sexualidade a vontade, e, antes de você estar nesse trabalho, você teve outros trabalhos, você sentiu alguma resistência ou algum medo em relação ao trabalho ou até mesmo quando você vai fazer entrevista de trabalho ou alguma coisa assim, de falar o gênero e tipo, você acha que tem algum problema assim em relação a isso?
 - Vitor: É porque eu estou há dois anos na mesma empresa, então assim eu não tive problema nenhum, assim aconteceu um caso isolado, mas com uma X pessoa, mas assim, não posso falar da Corporação, a Corporação me recebeu muito bem, agora um fulano, foi uma desgraçada no caso mas aí tudo bem.
- Airton: Ah, entendi, bom, não sei, tem alguma pergunta que você queira fazer Vi.

- Vitória: Queria fazer uma pergunta que eu achei legal, é, que, é, tem tipo, tipo assim, você fica aí no Jaraguá, você tá sempre aí, tipo você anda por aí, você passeia assim, você tem algum lugar favorito, nesse sentido.
 - Vitor: Tenho, tenho, eu tenho alguns lugares na verdade, mas esses alguns lugares, pode falar? Tipo, falando, falando? Tá, alguns lugares, vocês conhecem o parque estadual do Jaraguá, o pico, o pico é maravilhoso, eu amo muito o pico, tem uma história muito bonita, a gente tem coisas históricas até hoje, muita fauna e flora, essas coisas.
- Vitória: E você, você tem alguma história lá? Tipo.
 - Vitor: Eu era voluntário numa ONG, eu trabalhava, sabe a Lu, a Luisa Rafacho? no caso, a gente é amiga e a gente trabalhou como voluntário na mesma ONG, então a gente conhece, mas parque estadual do Jaraguá é, assim, é quase o quintal a minha casa, porque no meu ensino médio, quando a gente fazia, a Luiza não estava no meu ensino médio né, sou um pouco mais velho que ela, mas a gente tem muitos amigos em comum, então no meu ensino médio, quando a gente tava fazendo o curso ainda, e a gente estava ingressando na ONG, a gente fazia muito estudo ali no pico, então a gente ficava muito no pico, muito mesmo, muito a gente tipo sei lá, rolê também de adolescente, a gente não tinha grana, e a gente não tinha lugar para ir né, porque a gente também não tinha grana, então o lugar mais próximo que dava para fazer uma coisinha, de boas, sabe, chamar mesmo ficar olhando para o mato, tranquilo assim, só vai ficar suave, a gente ia lá comia umas besteiras, salgadinho, essas coisas e era isso assim, é além do pico tem uma praça, que a praça três corações, que fica ali perto do, na Estrada de Taipas mesmo, perto do Supermercado Violeta, que eu vou muito com meus outros amigos também do Jaraguá, a gente frequenta bem.
- Airton: Então você geralmente frequenta bastante lá, não é só assim, aí durmo lá e saio para trabalhar, fico fora o tempo todo, quando você tem oportunidade você também frequenta seu bairro.
 - Vitor: Sim.
- Airton: E sendo LGBT, você se sente tipo seguro, nesses lugares que você falou, ou rola um medo de alguma coisa acontecer.
 - Vitor: Imagina, eu me sinto seguro, imagina, assim, eu cheguei sinto seguro, porque a gente faz a nossa segurança no caso né, a gente, enfim, a gente faz a nossa segurança, mas assim, nunca aconteceu nenhuma situação assim, de nada, se falar é mentira, não, eh me sinto seguro sim.
- Airton: A Luísa respondeu assim, da mesma forma positiva.
 - Vitor: Ai que bom, hahahaha.
- Airton: É... uma pergunta assim, destoando totalmente do assunto, qual seria um sonho assim, um grande sonho que você tem na sua vida.
 - Vitor: Nossa, estou acho que eu tô sem perspectiva sabia, cara meu maior sonho, imagina, mentira, esse arrombado desse Bolsonaro, do caralho, sair dessa porra dessa presidência porque eu não aguento mais é so merda, esse é o meu sonho, essa bancada evangélica, não aguento mais esse cristianismo, não dá, é isso. Cair tudo essa palhaçada.

- Airton: Tá certo, mas, nenhum sonho pessoal mesmo, nada assim.
 - Vitor: Eu to sem perspectiva de vida mesmo, sabia, mas mas é assim, sem perspectiva, é eu queria sair do país, mas isso não é um sonho, eu quero, no momento eu não tenho nenhum sonho, mas é porque parece que a situação de um todo, não ajuda sabe, então, por isso que eu to falando que eu to meio sem perspectiva assim, é.... eu eu quero sair daqui, quero sair daqui, não aguento mais esse país, por conta dessa, sim, e eu uma pena por que o Brasil é um maravilhoso em muitas coisas, fauna, flora, cultura, povos originários, muitas coisas, diversidade de tudo, de cultura, super diversificada e tipo, a gente não aproveita nada disso, muito pelo contrário.
- Airton: Quais países você tem vontade de morar, quando você for morar fora?
 - Vitor: Espanha e... Espanha só e Portugal talvez é uma opção.
- Airton: E mais por essa questão de um ambiente, um país onde você seja mais acolhido em relação a sua sexualidade e identidade de gênero, ou é uma escolha pessoal assim.
 - Vitor: É uma escolha pessoal mesmo.
- Airton: Bom, não sei se tem alguma pergunta assim na minha cabeça, tem alguma coisa Vi, que você queira perguntar?
- Vitória: É, tipo assim, quando você se descobriu uma pessoa não binária você tava em um relacionamento, ou não? Tipo, você tava...
 - Vitor: Hmmm, não.
- Vitória: Você acha que mudou muito assim, ou você não teve nenhum relacionamento depois disso.
 - Vitor: Aí amiga por favor, o gatilho, eu não tive nenhum relacionamento, assim eu não tive um relacionamento concreto, mas eu me relacionei com pessoas, mas mesmo assim não foram relacionamentos concretos né.
- Vitória: Mas como você se sentiu, mudou assim, ou tipo...
 - Vitor: Foi tranquilo com as pessoas que eu me relacionei, foram foram tranquilas na verdade.
- Vitória: É não sei, você tem mais alguma pergunta Airton?
- Airton: É que pra mim travou um pouco, você tinha perguntando como tipo, o gênero como influência nas relações dele né.
- Vitória: É se mudou alguma coisa ou não.
- Airton: E você acha que não mudou, as pessoas respeitam, as pessoas entendem quando você fala do seu gênero.
 - Vitor: É que eu não saio falando.
- Airton: Não, mas quando você tá se relacionando assim com alguém.
 - Vitor: Então, mas é que eu não saio falando, tipo, não é tipo, sei lá, tô ficando com você Airton, e a gente ta ficando, ficando, se é uma falta, ah um dia ok, mas tipo, eu sempre, nunca aconteceu nada de tipo, rolar um desconforto assim, então da parte do cara quanto da minha.
- Airton: Mesmo se ele te tratasse de uma forma assim masculina, no masculino.
 - Vitor: É que pra mim, não, qualquer pronome pra mim, na verdade não me incomoda, tanto neutro, quanto masculino, feminino, não me incomoda.
- Airton: Legal, é não sei.

- Vitória: E tem alguma história de sei lá, de infância, de alguma coisa que você passou no Jaraguá assim, alguma coisa que você viveu e foi legal, ou triste, uma coisa que marcou assim.
 - Vitor: Eu acho que toda essa tour do pico é algo que me marcou muito, porque foi tipo, com muitas pessoas, muitas pessoas, a gente ia, foi como eu falei né, a gente era voluntário na ONG, então a gente fazia tipo uma, a gente fazia uma preparação do que a gente ia falar com as crianças, porque na época a gente trabalhava com crianças né, trabalho voltado para crianças, então a gente tipo, ia lá, fazia tipo toda a pesquisa de campo, tipo, via como que era, como que a gente ia falar, qual que era a rota, pra gente passar para as crianças né, então foi algo que eu tipo, fiz muitas vezes, repetidas vezes, muitas pessoas e foi um tempo muito bom assim, a gente tirava muita foto e a gente saia gritando, a gente corria atrás dos macacos, e daí, enfim, era muito bom, era muito bom.
- Vitória: É, então acho que é isso né, travou pra você de novo?
- Airton: É pra mim tá travando um pouco.
- Vitória: Uhum, você quer repetir a resposta? Mas é.
- Airton: Não precisa repetir não, fica tranquilo.
 - Vitor: Não eu repito fica tranquilo, fica tranquilo, eu disse que, me marcou muito a época que eu ia muito no pico, porque eram repetidas vezes que eu ia, com muitas pessoas que ali na época faziam parte do meu ciclo social né e eles tiveram uma grande importância por um bom tempo ali, a gente manteve essa relação por um bom tempo ali, nos e uma galera e a gente foi construindo coisas além além, então por isso foi algo muito bom, foi algo que me marcou muito assim mesmo.
- Airton: Ah legal, e falando em relacionamento, uma coisa que assim, é você falou que sua família nunca aceitou e você nunca levou o seu namorado na sua casa, e você acha que isso de não poder, tipo levar o namorado em casa, queria perguntar sua casa, que se isso foi um problema para o teu relacionamento ou é um problema da sua forma de se relacionar com as pessoas?
 - Vitor: Hoje em dia isso é uma, um problema para eu me relacionar, na época não foi um problema, me incomoda a situação, porque assim é mais como um, por que você entende que de fato, a pessoa de fato não quer participar daquilo né, ela não entende, tudo bem que ela não entende, mas ela não quer fazer diferente para mudar, assim, e eu também não posso exigir isso dela, então é algo que eu lido porque eu tenho que lidar, mas não é algo que, é algo que me incomoda muito na verdade.
- Airton: Entendi, mas você não acha que, para o relacionamento em si, não é tipo uma fragilidade.
 - Vitor: No meu antigo relacionamento não foi, hoje em dia eu não sei, não me, não estou me relacionando com ninguém.
- Airton: Entendi, eu acho que eu não sei mais coisas que poderia perguntar, mas você quer contar alguma coisa para gente assim, tudo que você quiser contar, como se tipo a gente tivesse num date, coisas que você queria contar pra gente, pra gente te conhecer.

- Vitor: Nossa pior que eu sou muito ruim com essas coisas caras, é... nossa.
- Airton: Ah, coisas que você gosta de fazer.
 - Vitor: Tá, eu ouço muita música, eu tipo acordo boto música, eu durmo com fone de ouvido o tempo todo, fipo eu preciso fazer coisas ouvindo música, a música ela, sei lá, ela me deixa concentrado para algumas coisas, eu sou pisciano, então eu sou muito esquecido por natureza, é péssimo, é é esqueço muito anos nome das pessoas e eu sou instrutor de treinamento, então é, su esqueço o nome de todo mundo o tempo todo e eu confundo muito os nomes assim, às vezes são uns nomes que não não nada a ver, nada a ver tipo, que mais, é, não sou otaku, mas eu gosto muito de anime, sou muito presente, não muito, mas eu já fui para um evento de anime e eu não gosto de kpop cara, mas não é que eu não gosto, porque eu não gosto cara, é porque tipo assim, quando eu tinha 15 anos eu já ouvia essas músicas, então eu já ouvia muito essas bandas assim, não hoje tipo BTS, tá assim no brinde assim, mas era muito semelhante assim, a proposta, pra mim não é muito novo então por isso que eu não gosto, não gosto é que eu não ouço.
- Vitória: E que tipo de música você escuta assim, então?
 - Vitor: Eu ouço muita música nacional, muita, muita, mas tipo umas bandas meio indie assim, Duda Beat, Jaloo, Terno Rei, Tuyo, eu ouço muito, ainda gosto muito de música internacional assim, pop como um todo, mas eu não gosto muito desses popzão farofa, nao gosto muito, não sou a bixa do pop, entendeu, falho muito em relação a isso, mas gosto de rock também, indie, tipo Smiths, Johnny Vision, é, eu gosto de que, eu gosto muito de Jorge Ben, nossa eu gosto muito de Jorge Ben, Marisa Monte, nossa são maravilhosos, e... eu gosto, assim, eu nao tenho dates né, de novo eu me expondo aqui, não tenho dates, mas os meus amigos e eu, a gente sai muito para jantar, então a gente tipo vai sei lá, para o Rap Burguer, mas a gente vai topo para lugares muito diferentes assim, a gente vai sei lá, no Rap Burguer porque minhas amigas são pretas e elas se sentem confortáveis por n motivos né, de tá ali na hambúrgueres e blá-blá-blá, e também é muito bom né, fora, comida é muito bom, atendimento muito bom, você se sente muito confortável, é um local seguro, tanto pra galera lgbt, quanto pra galera preta, então a possibilidade de você ser discriminado é muito baixa, é a gente vai às vezes pra uns bares assim, tranquilos assim, eu não gosto muito de balada, já foi a minha época assim, prefiro sentar numa mesa, conversar, tipo um almoço, uma janta, sair pra conversar assim, sei lá, sair pra beber, fumar um cigarro, qualquer coisa, hahahaha, então eu me sinto mais confortável pra isso assim, balada odeio cara, por que é um espaço fechado, você tem que gritar, sabe, não dá pra conversar, eu quero uma (?) assim, chegar conversar, trocar uma ideia, não ficar tipo música, música, música e você quer conversar com a pessoa às vezes, ou você quer só falar tô com uma puta dor no pé, e você tem que gritar, pô, não tô, não dá cara, não dá, mas pelo menos não tenho mais esse pique gente, não tenho.
- Airton: *risadas*

- Vitória: Não então, uma música que seria a sua trilha sonora.
 - Vitor: Nossa, caraca peraí.
- Vitória: Pergunta difícil.
 - Vitor: Só, como assim cara, é...nossa eu não não a mínima ideia, porque vem milhões de ideias, só que vem uma música na minha cabeça pensando tipo a tradução dela, porque vai que é tipo uma puta de uma uma, ou sei lá um bagulho muito aleatório, vou falar 'caralho', é, nossa como assim.
- Airton: Qual que é essa música que você pensou?
 - Vitor: É How (?) is now, é do The Smiths, eu amo essa música, ela é muito boa, quando vocês puderem escutem.
- Airton: Não conheço, vou ouvir.
 - Vitor: Mas assim, é porque eu gosto muito dessa música, mas calma.... é vou colocar essa sim.
- Vitória: Minha câmera travou aqui pra mim, por isso que eu fechei tá.
- Airton: Tá, então acho que é isso, tem mais alguma duvida, alguma coisa que você queira perguntar, alguma coisa que você queira falar?
 - Vitor: Não hahahahah.
- Airton: Contar pra gente hahahahaha e você Vi?
- Vitória: Não, não tenho mais nenhuma pergunta não, foi muito bom.
- Airton: Então acho que é isso então, esse papo era mais pra gente assim, se conhecer, você conhecer a gente, a gente saber mais um pouquinho da sua história, pra gente saber quais perguntas a gente vai querer fazer no documentário, quais coisas a gente vai filmar também e tudo mais, e... também posteriormente a gente tá pensando em fazer uma conversa dessa com todo o grupo sabe, todos os entrevistados, toda equipe que tem trabalhar, pra gente se conhecer assim sabe, se interar é conversar, então era pra ser assim, mais uma coisa descontraída, tudo mais.
 - Vitor: Arrasaram gente.
- Vitória: É isso, muito obrigada por ter vindo, por ter aceitado, foi muito bom conversar com você.
- Airton: Foi muito bom, me identifiquei muito, sou esquecido, esqueço nomes, e é isso.
 - Vitor: Gente muito obrigada, podem mandar mensagem no whatsapp, às vezes eu demoro um pouco, pode ser, caras vocês acreditam que eu tinha esquecido dessa reunião? Eu sou esquecido, eu sou muito esquecido.
- Vitória: Bom saber que eu mando uma mensagem mais cedo, ou no dia anterior.
 - Vitor: Não, mas fica tranquila, mas é que eu tinha esquecido mesmo, meu trabalho tá uma loucura, uma loucura, estou entrando às 9h e to saindo às 21h na verdade tô entrando às 8h e to saindo às 21h, então assim, o tempo, não to conseguindo administrar muito bem esse tempo, mas fiquem tranquilos, estamos aqui.
- Airton: Beleza, obrigada hein.
 - Vitor: Gente, muito obrigada, arrasaram, boa tarde e valeu, beijo gente.
- Airton e Vitória: Tchau, beijo.